

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO RURAL**

**JUDIT HERRERA ORTUÑO**

**MULHERES RURAIS E A CONSTRUÇÃO DA AUTONOMIA:  
AS PRÁTICAS E A AÇÃO COLETIVA DAS *BRUXINHAS DE DEUS*  
EM CRISTAL DO SUL, RS**

**Porto Alegre**

**2016**

**JUDIT HERRERA ORTUÑO**

**MULHERES RURAIS E A CONSTRUÇÃO DA AUTONOMIA:  
AS PRÁTICAS E A AÇÃO COLETIVA DAS *BRUXINHAS DE DEUS*  
EM CRISTAL DO SUL, RS**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Rural.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Flávia Charão Marques

**Porto Alegre**

**2016**

#### CIP - Catalogação na Publicação

Herrera Ortuño, Judit

Mulheres rurais e a construção da autonomia: as práticas e a ação coletiva das bruxinhas de deus em Cristal do Sul, RS / Judit Herrera Ortuño. -- 2016. 106 f.

Orientadora: Flávia Charão-Marques.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Ciências Econômicas, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, Porto Alegre, BR-RS, 2016.

1. Autonomia. 2. Farmacinha comunitária. 3. Feminismo pós-colonial. 4. Múltiplas ontologias . I. Charão-Marques, Flávia, orient. II. Título.

**JUDIT HERRERA ORTUÑO**

**MULHERES RURAIS E A CONSTRUÇÃO DA AUTONOMIA:  
AS PRÁTICAS E A AÇÃO COLETIVA DAS *BRUXINHAS DE DEUS*  
EM CRISTAL DO SUL, RS**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Rural.

Aprovada em: Porto Alegre, 18 de julho de 2016.

BANCA EXAMINADORA:

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Flávia Charão Marques - Orientadora  
PGDR/Agronomia/UFRGS

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Rumi Regina Kubo  
PGDR/DERI/UFRGS

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Maria Gabriela Curubeto Godoy  
Saúde Coletiva/UFRGS

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Carmen Osorio Hernández  
PAUT/México

*Às Bruxinhas de Deus,*  
com amor.

## AGRADECIMENTOS

Parto da compreensão de que o conhecimento se constrói cotidianamente através das relações. Esta dissertação é prova disso. Não poderia, então, deixar de agradecer a todas as pessoas que, de alguma forma, contribuíram durante a caminhada por esta pesquisa.

Antes de tudo quero agradecer as duas mulheres que me marcaram mais profundamente: minha mãe, parceira incansável, por me ensinar a perseverança e a coragem de viver no mundo, e minha avó, *la yaya*, pelo amor incondicional, por me mostrar como sentir o cheiro da terra molhada e o silêncio do vento.

Agradeço de todo coração as Bruxinhas de Cristal do Sul e suas famílias, que me acolheram durante a pesquisa em campo. A Ivone pelas longas partilhas, pela sua abertura e confiança, pela alegria de viver que transmite, por ter me acolhido com a sua família de forma tão generosa. A Iraci pelas conversas no quintal conhecendo suas plantas, pela amizade, pela confiança, pelas aprendizagens juntas. A Dona Ondila e a Aliete pelo tempo junto a sua família, pelas partilhas de sonhos, pelo seu acolhimento. A Adriane e a Maria Ivone por abrirem suas casas. A cada uma das Bruxinhas por partilharem comigo seus fazeres e saberes no Cantinho da Felicidade.

A Rafinha pelo seu coração grande, pela confiança, pela energia de vida que transmite, pelos saberes partilhados, pela sua simplicidade. Ao grupo de *reiki*, pela alegria de aprender juntas.

As pessoas que contribuíram na pesquisa em campo: a Patrícia, o Vilmar, o Elias, a Salete e a Ema de Frederico Westphalen, a Inês e a Silvia de Rodeio Bonito, a Irene de Seberi, a Margarete de Ametista, a Secretária de Saúde de Cristal do Sul, o médico Daniel, o Celso, o Romário, o Adilson, os companheiros/as do Movimentos dos Pequenos Agricultores, os professores e alunos da E.E.E.M Mathias Balduino Huppes, a turma do teatro.

Agradeço em especial a minha orientadora Flávia pela partilha de conhecimentos, pela sua abertura e confiança, pelo seu apoio ao longo da pesquisa e na revisão da escrita, e por sua proximidade como pessoa. Agradeço a equipe do projeto de pesquisa “Mulheres e Biodiversidade: plantas medicinais, conhecimento e aprendizagem coletiva no Sul do Brasil”, a Ana di Carli, a Adriana, o Vini, a Luisa, a Tamara, pelo acúmulo dos conhecimentos e debates, pela parceria e pelas idas a campo. A Luisa pela sua colaboração com a transcrição de algumas entrevistas.

A meus colegas de mestrado e doutorado da turma 2014, pelas aprendizagens conjuntas, pelas saídas de campo, pelos debates em aula que seguiam no bar, pela parceria. A

Mai, a Sofi, a Ale, a Gitana, a Barbara, a Maria, a Tamara, a Conceição, o Lucas, a Hytaca, a Poti.

A meu companheiro Alexandre, pelo amor, o carinho e o cuidado, por me dar ânimo cotidianamente no processo da escrita. A minha *hermana del alma*, a Kati, por crescermos juntas, sempre aprendendo uma com a outra, pelo exemplo de luta e coragem, por me instigar a fazer uma pós-graduação. A meus *hermanos* Pedro e Everson, pela amizade, as risadas e o apoio. As Bruxas Arteiras, porque o grupo marcou minha trajetória. *Gracias brujitas*. As *Maybe's*, pela amizade que perdura por tantos anos, e a Anna, *la germana*, pelo apoio incondicional.

Ao Zé Carlos, por senti-lo como mestre, pela inspiração que representou para esta pesquisa. Ao Cleyton, pela confiança e por me instigar a fazer o mestrado em desenvolvimento rural. A Rumi, pela partilha de conhecimentos, por mostrar que é possível superar as hierarquias dentro da academia. Ao Fábio, pela abertura, por compreender minhas prioridades com a temática de saúde e mulheres. A Dani e a Macarena, pelo apoio e pelas orientações administrativas durante todo o mestrado. Aos meus alunos/as do Plageder, com os quais aprendi (e aprendo) permanentemente, pelos desafios que representa ser educador/a, pelos deslocamentos que isto possibilita.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), por viabilizar meus estudos, oportunizando esta experiência de aprendizagem.

Ao cosmos e a pachamama.

Gracias!!

Desde la mujer que soy,  
a veces me da por contemplar  
aquellas que pude haber sido;  
las mujeres primorosas,  
hacendosas, buenas esposas,  
dechado de virtudes,  
que deseara mi madre.  
No sé por qué  
la vida entera he pasado  
rebelándome contra ellas.  
Odio sus amenazas en mi cuerpo.  
La culpa que sus vidas impecables,  
por extraño maleficio,  
me inspiran.  
Reniego de sus buenos oficios;  
de los llantos a escondidas del esposo,  
del pudor de su desnudez  
bajo la planchada y almidonada ropa interior.

Estas mujeres, sin embargo,  
me miran desde el interior de los espejos,  
levantan su dedo acusador  
y, a veces, cedo a sus miradas de reproche  
y quiero ganarme la aceptación universal,  
ser la "niña buena", la "mujer decente"  
la Gioconda irreprochable.  
Sacarme diez en conducta  
con el partido, el estado, las amistades,  
mi familia, mis hijos y todos los demás seres  
que abundantes pueblan este mundo nuestro.

En esta contradicción inevitable  
entre lo que debió haber sido y lo que es,  
he librado numerosas batallas mortales,  
batallas a mordiscos de ellas contra mí  
-ellas habitando en mí queriendo ser yo misma-  
transgrediendo maternos mandamientos,  
desgarro adolorida y a trompicones  
a las mujeres internas  
que, desde la infancia, me retuercen los ojos  
porque no quepo en el molde perfecto de sus sueños,  
porque me atrevo a ser esta loca, falible, tierna y vulnerable,  
que se enamora como alma en pena  
de causas justas, hombres hermosos,  
y palabras juguetonas.  
Porque, de adulta, me atreví a vivir la niñez vedada,  
e hice el amor sobre escritorios  
-en horas de oficina-  
y rompí lazos inviolables  
y me atreví a gozar  
el cuerpo sano y sinuoso  
con que los genes de todos mis ancestros  
me dotaron.

No culpo a nadie. Más bien les agradezco los dones.

No me arrepiento de nada, como dijo la Edith Piaf.  
Pero en los pozos oscuros en que me hundo,  
cuando, en las mañanas, no más abrir los ojos,  
siento las lágrimas pujando;  
veo a esas otras mujeres esperando en el vestíbulo,  
blandiendo condenas contra mi felicidad.  
Impertérritas niñas buenas me circundan  
y danzan sus canciones infantiles contra mí  
contra esta mujer  
hecha y derecha,  
plena.

Esta mujer de pechos en pecho  
y caderas anchas  
que, por mi madre y contra ella,  
me gusta ser.

(Gioconda Belli, poesía “No me arrepiento de nada”,  
em *El Ojo de la Mujer*, 2001, p. 244)

## RESUMO

O presente trabalho é fruto da pesquisa realizada como parte do Mestrado em Desenvolvimento Rural. Tendo como ponto de partida teórico-metodológico a Perspectiva Orientada pelos Atores, junto com alguns conceitos mobilizados pelas feministas pós-coloniais, opta-se pela etnografia como abordagem qualitativa em campo. A pesquisa situa seu olhar na heterogeneidade dos ‘mundos de vida’ como resposta à modernização agrícola no Médio Alto Uruguai, e se focaliza mais especificamente nas ‘formas de existência’ do grupo das *Bruxinhas de Deus* de Cristal do Sul. Este é um grupo de quinze mulheres rurais que se organizam desde 2005 em torno da preparação coletiva de remédios caseiros à base de plantas medicinais e do atendimento em saúde para a comunidade local na Farmacinha Comunitária. O trabalho objetiva analisar as práticas sociais levadas a cabo por estas mulheres de modo a elucidar como constroem processos de autonomia através da ação coletiva. Percebe-se primeiramente que os discursos hegemônicos sobre a ‘autonomia da mulher’ dentro da lógica das políticas públicas para o ‘desenvolvimento rural’ diferem dos dizeres e fazeres locais sobre autonomia, resultando na invisibilidade dos microagenciamentos locais promovidos cotidianamente pelas mulheres. Por outro lado, as práticas de preparo de tinturas, elixires, pomadas e xaropes junto com a ‘cura existencial’ se constituem como realidades ‘feitas’, onde o simbólico e o material se diluem e se reconfiguram permanentemente. As práticas materializadas do *saber-fazer* das Bruxinhas são consideradas como parte de uma ontologia própria dentro de uma multiplicidade de realidades ‘feitas’. Esta ontologia não é fixa, mas ao contrário, constitui ‘corpos mutáveis’ num fluxo dinâmico de ressignificações e reconfigurações a partir das relações interdependentes que o grupo de mulheres estabelece (ou não) com outros atores sociais. Percebe-se que as Bruxinhas não têm uma forma homogênea de agir em relação à institucionalidade e aos órgãos públicos, mas em cada situação concreta o grupo decide os limites do seu envolvimento (ou não) institucional, a partir de escolhas onde se diluem ações estratégicas e motivações subjetivas. É nestes microagenciamentos localizados que as mulheres erguem cotidianamente sua autonomia.

**Palavras-chave:** Autonomia. Farmacinha comunitária. Feminismo pós-colonial. Múltiplas ontologias.

## RESUMEN

Este trabajo es el resultado de la investigación realizada como parte de la Maestría en Desarrollo Rural. Teniendo como punto de partida teórico-metodológico la Perspectiva Orientada por los Actores, junto con algunos conceptos movilizados por las feministas pos-coloniales, se opta por la etnografía como abordaje cualitativo en campo. La investigación sitúa su mirada en la heterogeneidad de los ‘mundos de vida’ como respuesta a la modernización agrícola en el Medio Alto Uruguay, y se centra más específicamente en las ‘formas de existencia’ del grupo de las *Bruxinhas de Deus* de Cristal do Sul. Este es un grupo de quince mujeres rurales que se organizan desde el año 2005 alrededor de la preparación colectiva de medicamentos caseros a base de plantas medicinales y del cuidado de la salud de la comunidad local en la *Farmacinha Comunitária*. El trabajo tiene como objetivo analizar las prácticas sociales llevadas a cabo por estas mujeres con el fin de comprender cómo construyen procesos de autonomía a través de la acción colectiva. Se percibe inicialmente que los discursos hegemónicos sobre la ‘autonomía de la mujer’ dentro de la lógica de las políticas públicas para el ‘desarrollo rural’ difieren de los dichos y hechos locales sobre autonomía, lo que resulta en la invisibilidad de los microagenciamientos locales promovidos cotidianamente por las mujeres. Por otro lado, las prácticas de preparación de tinturas, elixires, ungüentos y jarabes junto con la ‘cura existencial’ se constituyen como realidades ‘hechas’, donde lo simbólico y lo material se diluyen y se reconfiguran de forma permanente. Las prácticas materializadas del *saber-hacer* de las Bruxinhas son consideradas como parte de una ontología propia dentro de una multiplicidad de realidades ‘hechas’. Esta ontología no es fija, sino al contrario, constituye ‘cuerpos mutables’ en un flujo dinámico de resignificaciones y reconfiguraciones a partir de las relaciones interdependientes que el grupo de mujeres establece (o no) con otros actores sociales. Se observa que las Bruxinhas no tienen una forma homogénea de actuar en relación con las instituciones y los organismos públicos, sino que en cada situación concreta el grupo decide los límites de su participación (o no) institucional, a partir de elecciones en que se diluyen acciones estratégicas y motivaciones subjetivas. Es en estos microagenciamientos localizados que las mujeres construyen cotidianamente su autonomía.

**Palabras-clave:** Autonomía. Farmacia comunitaria. Feminismo pos-colonial. Múltiples ontologías.

## ABSTRACT

This work is the result of research conducted as part of the Masters in Rural Development. Taking the Oriented Perspective by Actors as theoretical and methodological starting point, along with some concepts mobilized by postcolonial feminists, the option is to ethnography as qualitative approach on the field. The research located his gaze on the heterogeneity of 'lifeworlds' in response to agricultural modernization in the Médio Alto Uruguai, and focuses more specifically on 'forms of existence' of the group *Bruxinhas de Deus* of Cristal do Sul. This is a group of fifteen rural women who are organized since 2005 around the collective preparation of homemade medicine based on medicinal plants and health care for the local community in the Community Pharmacy. The work aims to analyze social practices carried out by these women in order to clarify how they build processes of autonomy through collective action. It is noticed first that the hegemonic discourses on the 'empowerment of women' within the logic of public policies for 'rural development' differ from the sayings and doings of local autonomy, resulting in invisibility of local microagency promoted daily by women. On the other hand, preparation practices of dyes, elixirs, syrups and ointments along with the 'existential cure' are constituted as realities 'done', where the symbol and the material is diluted and reconfigure permanently. Materialized practical know-how of Bruxinhas are considered as part of an ontology itself in a multiplicity of realities 'made'. This ontology is not fixed, but rather is 'changing bodies' in a dynamic flow of resignification and reconfigurations from the interdependent relationships that the women's group sets (or not) with other social actors. It is noticed that Bruxinhas do not have a homogeneous way of acting in relation to institutions and public agencies, but in every situation, the group decides the limits of their institutional involvement (or not), from choices which are diluted strategic actions and subjective motivations. It is in this local microagency that women routinely raise their autonomy.

**Keywords:** Autonomy. Community pharmacy. Feminism postcolonial. Multiple ontologies.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Representação da região em relação ao Rio Grande do Sul e os municípios do Território do Médio Alto Uruguai, RS .....	20
Figura 2 - Paisagem da modernização agrícola no Médio Alto Uruguai, RS .....	21
Figura 3 - Sede da Rádio e da Farmacinha Comunitárias, ao lado, a casa da Ivone .....	49
Figura 4 - A Farmacinha Comunitária ou “Cantinho da Felicidade” .....	50
Figura 5 - A “bruxa” sempre presente nos encontros do grupo.....	57
Figura 6 - Materiais utilizados para extração de princípios ativos das plantas medicinais e preparo de tinturas .....	63
Figura 7 - Elixires, pomadas e xaropes. Cartilha das Bruxinhas de Deus.....	64
Figura 8 - Rádio Comunitária de Cristal do Sul/RS .....	86
Figura 9 - Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Cristal do Sul/RS.....	88
Figura 10 - “Espaço da Saúde” e Agroindústria “Cheiro da Mata”, em Seberi/RS .....	94
Figura 11 - Curso de formação pelo Projeto Camomila em Seberi/RS.....	95

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACS	Agentes Comunitários de Saúde
AMADECOM	Associação de Mulheres Agricultoras para o Desenvolvimento Comunitário de Três Forquilhas
ANATEL	Agência Nacional de Telecomunicações
ANVISA	Agência Nacional de Vigilância Sanitária
APL	Arranjos Produtivos Locais
APS	Atenção Primária à Saúde
ATER	Assistência Técnica e Extensão Rural
BM	Banco Mundial
CEB	Comunidades Eclesiais de Base
CETAP	Centro de Tecnologias Alternativas Populares
CODEMAU	Conselho Regional de Desenvolvimento do Médio Alto Uruguai
CODETER	Colegiado de Desenvolvimento Territorial do Médio Alto Uruguai
COMAFITT	Cooperativa Mista de Agricultores Familiares de Itati, Terra de Areia e Três Forquilhas
COOPERBIO	Cooperativa Mista de Produção, Industrialização e Comercialização de Biocombustíveis do Brasil Ltda.
CNBB	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
CPT	Comissão Pastoral da Terra
DPMR	Diretoria de Políticas para Mulheres Rurais
ESF	Estratégia de Saúde da Família
FETAG	Federação dos Trabalhadores na Agricultura
FM	Frequência Modulada
FMI	Fundo Monetário Internacional
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
MAB	Movimento dos Atingidos por Barragens
MDA	Ministério do Desenvolvimento Agrário
MMC	Movimento das Mulheres Camponesas
MMTR	Movimento das Mulheres Trabalhadoras Rurais
MPA	Movimento dos Pequenos Agricultores
MST	Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra

MTD	Movimento dos Trabalhadores Desempregados
OMS	Organização Mundial da Saúde
ONU	Organização das Nações Unidas
PAA	Programa de Aquisição de Alimentos
PACS	Programa de Agentes Comunitários de Saúde
POA	Perspectiva Orientada pelos Atores
PGDR	Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural
PNAE	Programa Nacional de Alimentação Escolar
PNATER	Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural
PNOPMR	Programa Nacional de Organização Produtiva de Mulheres Rurais
PNPMF	Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos
Pronaf	Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar
PSF	Programa de Saúde da Família
PTDRS	Plano Territorial de Desenvolvimento Rural Sustentável
RENAME	Relação Nacional de Medicamentos Essenciais
RS	Rio Grande do Sul
SPM-PR	Secretaria de Políticas para as Mulheres da Presidência da República
STR	Sindicato dos Trabalhadores Rurais
SUS	Sistema Único de Saúde
UBS	Unidade Básica de Saúde
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>ENTRANDO NA PESQUISA: DAS INDAGAÇÕES AO CAMPO</b> .....	<b>16</b>
1.1	INTRODUÇÃO .....	16
1.2	APROXIMANDO O PROBLEMA.....	18
<b>1.2.1</b>	<b>Modernidade e heterogeneidade: o rural no Alto Uruguai</b> .....	<b>19</b>
<b>1.2.2</b>	<b>Mas, quem são as ‘Bruxinhas’ de Cristal do Sul?</b> .....	<b>22</b>
1.3	OBJETIVOS .....	24
1.4	PAVIMENTANDO O CAMINHO TEÓRICO-METODOLÓGICO .....	24
<b>1.4.1</b>	<b>A escolha pela etnografia</b> .....	<b>27</b>
<b>1.4.2</b>	<b>A entrada a campo e o lugar de enunciação</b> .....	<b>28</b>
<b>1.4.3</b>	<b>Estratégia da pesquisa</b> .....	<b>31</b>
1.5	ORGANIZANDO A DISSERTAÇÃO .....	34
<b>2</b>	<b>DESENVOLVIMENTO E AUTONOMIA</b> .....	<b>35</b>
2.1	DESCOLONIZAÇÃO DE DISCURSOS FEMINISTAS OCIDENTAIS .....	35
<b>2.1.1</b>	<b>O desenvolvimento e as mulheres do terceiro mundo</b> .....	<b>36</b>
<b>2.1.2</b>	<b>Breve cartografia dos feminismos</b> .....	<b>37</b>
<b>2.1.3</b>	<b>Corpos dos feminismos pós-coloniais</b> .....	<b>38</b>
2.2	<i>DIZERES</i> SOBRE AUTONOMIA DAS MULHERES RURAIS NO BRASIL.....	41
2.3	<i>VIDAS E VOZES</i> PRÓPRIAS: MICROAGENCIAMENTOS LOCAIS.....	44
<b>2.3.1</b>	<b>“Nós somos um grupo autônomo”</b> .....	<b>45</b>
<b>3</b>	<b>A ARTE DE USAR AS ERVAS: PRÁTICAS E TRANSFORMAÇÃO</b> .....	<b>48</b>
3.1	CANTINHO DA FELICIDADE, O LUGAR .....	49
3.2	RAÍZES DA FARMACINHA DE CRISTAL DO SUL .....	51
<b>3.2.1</b>	<b>As bruxas às pazes com Deus</b> .....	<b>51</b>
<b>3.2.2</b>	<b>Conhecimentos sobre as plantas medicinais</b> .....	<b>57</b>
3.3	O COTIDIANO NA FARMACINHA: A CURA NÃO ESTÁ SÓ NO REMÉDIO....	61
<b>3.3.1</b>	<b>Não basta entregar o remédio!</b> .....	<b>66</b>
<b>3.3.2</b>	<b>A ‘cura existencial’ como política ontológica</b> .....	<b>68</b>

<b>4</b>	<b>MULHERES NO COLETIVO, ESPAÇOS AMPLIADOS</b> .....	<b>71</b>
4.1	AUTONOMIA NÃO É ISOLAMENTO.....	71
<b>4.1.1</b>	<b>As Bruxinhas em diálogo com o posto de saúde</b> .....	<b>73</b>
4.2	“SÓ PARA FAZER O DIABO ENFURECER” .....	78
4.3	“SÓ SERVEM PARA QUEM TEM A CRENÇA” .....	80
4.4	A <i>PARCERIA</i> ENTRE O SINDICATO, A RÁDIO E AS BRUXINHAS .....	84
4.5	MULHERES E PLANTAS MEDICINAIS NO MPA REGIONAL .....	89
<b>4.5.1</b>	<b>A Irene do ‘Cheiro da Mata’</b> .....	<b>92</b>
<b>4.5.2</b>	<b>Reafirmando a agência local das Bruxinhas</b> .....	<b>96</b>
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>97</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>101</b>
	<b>APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO</b> .....	<b>106</b>

## 1 ENTRANDO NA PESQUISA: DAS INDAGAÇÕES AO CAMPO

Este primeiro capítulo da dissertação buscará apresentar, primeiramente, motivações e indagações iniciais de modo a localizar o leitor no processo que levou à problematização, à entrada a campo e o estabelecimento dos fios condutores da pesquisa a campo e, posteriormente, das reflexões e análises empreendidas.

### 1.1 INTRODUÇÃO

Esta dissertação resulta de uma longa trilha, uma jornada cheia de encruzilhadas e escolhas que foram sendo feitas. A trajetória de um trabalho como este parece ter que levar a um ponto final, um espaço onde chegar. Porém, este documento, que ora introduzo, é muito mais o ‘lugar’ onde me encontro agora, em um pedaço do caminho, que bem poderia ser outro, mas o fato é esta dissertação é o fruto contingencial desta jornada.

É difícil detalhar com exatidão quando começou a caminhada, mas, com certeza, é anterior à elaboração do projeto de pesquisa para o Mestrado em Desenvolvimento Rural, dentro do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PGDR/UFRGS). Minha formação acadêmica em biologia, cursada em Barcelona, na Espanha (onde nasci), conviveu com uma trajetória pessoal/profissional vinculada à grupos sociais de imigrantes na Espanha, de autodenominados camponeses, de pescadores artesanais, de assentados de reforma agrária, de grupos de mulheres e crianças rurais e de periferia em distintos países como Turquia, México, Honduras, Argentina, Paraguai e Brasil.

Esta convivência entre formação acadêmica e trajetória profissional, vez por outra, acabava por deparar-se como um incômodo vindo da separação dicotômica pré-estabelecida entre o que poderíamos chamar do ‘mundo da natureza’ e do ‘mundo do social’. Esta divisão tem raízes profundas, no século XVI, e se tornou um dos fundamentos do pensamento moderno-científico que tem dominado o *fazer* no ‘mundo ocidental’. Assim, existia o questionamento permanente por parte da bióloga que trabalhava com pessoas, e não com plantas, animais ou, simplesmente, com bactérias e células. A suposta ‘pureza’ desta ‘ciência exata’ radicava no pressuposto da existência de uma ‘natureza’ independente da ‘sociedade’ que poderia ser compreendida e pré-concebida se fosse isolada e observada de forma racional e objetiva pelo cientista.

Este incômodo pessoal foi levando a querer superar fronteiras disciplinares entre as ‘ciências biológicas’ e as ‘ciências sociais’. Precisava compreender a complexidade do mundo como um todo, nas suas múltiplas relações interdependentes. Como os seres humanos se relacionavam de distintas formas com a chamada ‘natureza’? Quais eram os diferentes saberes que emergiam desta multiplicidade de relações? De que formas esta fronteira entre ‘sociedade’ e ‘natureza’ se diluía?

Este olhar crítico sobre a insuficiência de entendimento na relação ‘natureza e sociedade’ foi mostrando uma de suas dimensões, especificamente como as mulheres vivenciam suas relações com a chamada ‘natureza’ e como se organizam em torno dela. Este olhar surge, em parte, pelo trabalho que vinha realizando, nos últimos anos antes de iniciar o mestrado, com grupos de mulheres rurais e da periferia no estado do Rio Grande do Sul (RS), onde resido há dez anos.

Ao iniciar o curso de mestrado, parecia que tais questões que vinham me instigando não encontrariam lugar, aos poucos, os temas relacionados às mulheres foram achando ‘brechas’ em meio a complexidade que nos desafia ao abordar o rural e o desenvolvimento. Emergia, então, no horizonte da pesquisa o tema da autonomia das mulheres rurais, e que eu perseguiria (ainda persigo) ao longo de toda a jornada. Inicialmente, a ideia era estudar mulheres agricultoras que faziam parte da Associação de Mulheres Agricultoras para o Desenvolvimento Comunitário de Três Forquilhas (AMADECOM), cuja organização social havia iniciado em torno da produção de remédios com base em plantas medicinais, mas que estava focada mais no sentido da entrada no mundo da produção ecológica e agroindustrialização de alimentos no Litoral Norte do RS.

A grande surpresa foi quando recebi o que, de certa forma, viria a ser o primeiro dado empírico da pesquisa, sem nem ter conhecido as mulheres da associação. Depois de uma série de tentativas para marcar um primeiro encontro com elas, a resposta contundente e final foi: “não estamos interessadas”. Primeiro, pensei que este era o fracasso da pesquisa, e ponto final. Mas, logo compreendi que este acontecimento começava amostrar por ‘onde anda’ a agência dessas mulheres, além do que parecia evidenciar certa autonomia para tomar decisões ao, simplesmente, dizer ‘não’. Passei a apreciar essa negativa, a compreendê-la como um ‘não’ que tem corpo, que territorializa, que se encontra cheio de vida. Mais uma vez, me encontrava frente a uma nova encruzilhada. Desde uma postura ética de levar a sério as interlocutoras, senti que não tinha outra escolha, deveria mudar o ‘empírico’, embora, mantendo o foco nas mulheres rurais e na construção da autonomia.

Este processo coincidiu com minha entrada na equipe de pesquisa do projeto “Mulheres e Biodiversidade: plantas medicinais, conhecimento e aprendizagem coletiva no Sul do Brasil<sup>1</sup>”, e tal participação foi o fato definitivo para o encontro do caminho que deveria seguir para dar conta da construção da dissertação. O projeto visava compreender “como as práticas e conhecimentos na temática das plantas medicinais vêm sendo construídos pelas mulheres; em que condições o fazem; que redes são mobilizadas; como estabelecem estratégias de resistência ou rompimento das barreiras que se apresentam; como significam o trabalho com as plantas medicinais desde uma perspectiva mais ampla das lutas das mulheres”. Assim, dentro das atividades de pesquisa previstas pelo projeto, foi realizada uma visita junto a um grupo de mulheres do município de Cristal do Sul (Alto Uruguai, noroeste rio-grandense) organizadas em torno dos conhecimentos sobre as plantas medicinais e da elaboração de ‘remédios’<sup>2</sup> numa farmacinha<sup>3</sup> comunitária da localidade. Logo neste primeiro encontro, se estabeleceu uma empatia com o grupo, que parecia aberto para acolher as atividades de pesquisa que começavam a se desenhar.

Voltando para a encruzilhada... Logo após o ‘não’ das mulheres da AMADECOM, os olhares se voltaram imediatamente para o grupo da farmacinha comunitária de Cristal do Sul. A pesquisa mudava o recorte empírico, mas permaneciam as indagações primordiais, agora, com o foco revisto e com os fundamentos teórico-metodológicos em desenvolvimento, iniciava assim a pesquisa que daria corpo a esta dissertação.

## 1.2 APROXIMANDO O PROBLEMA

O trabalho desenvolvido tem duas marcas fundamentais, a primeira, é a opção por uma abordagem que viesse a dar ‘margem’ aos sujeitos que viriam a ser meus interlocutores, no sentido de não os encerrar em categorias pré-estabelecidas. Uma segunda marca é a do feminismo, com o cuidado de colocar-me respeitosamente em relação às mulheres e seus posicionamentos. Assim, entendendo são heterogêneas as pegadas do desenvolvimento sobre os territórios rurais, assim como são heterogêneas as práticas emergentes da ação coletiva das

---

<sup>1</sup> Coordenado pela Prof.<sup>a</sup> Flávia Charão Marques e desenvolvido com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA) e Secretaria de Políticas para as Mulheres da Presidência da República (SPM-PR) – Edital MCTI/CNPq/SPM-PR/MDA - Nº 32/2012.

<sup>2</sup> Remédios, neste caso, é um termo que compreende vários tipos de preparados para uso terapêutico que têm por base o conhecimento popular.

<sup>3</sup> Definição nativa que se refere ao espaço de encontro das mulheres e de preparo dos remédios.

mulheres neste rural, a aproximação ao problema de pesquisa é parte dela mesma. É desta forma que a Perspectiva Orientada aos Atores e o Feminismo Pós-Colonial viriam a ajudar a estabelecer o problema, assim como o foco analítico, percebendo desde o início a transversalidade das questões das mulheres rurais e do desenvolvimento.

Circunscrevendo o tema da pesquisa à autonomia das mulheres rurais e reconhecendo: (a) que o ator social desenvolve a capacidade de processar experiências sociais, portanto, conformar seus mundos de vida (LONG, 2001), e (b) que o saber-poder das mulheres é capaz de estabelecer um novo lugar de enunciação delas (CURIEL, 2007); as questões que viriam a orientar a pesquisa emergem, em grande medida, do ‘próprio’ campo. Assim, as seções seguintes trazem alguns dos aspectos fundamentais que ajudaram a conformar os objetivos desta dissertação.

### **1.2.1 Modernidade e heterogeneidade: o rural no Alto Uruguai**

O município de Cristal do Sul está localizado na região noroeste do estado do Rio Grande do Sul, dentro da zona fisiográfica do Alto Uruguai. Segundo dados do IBGE de 2010, o município ocupa uma área de quase 98 km<sup>2</sup>, pertence ao bioma Mata Atlântica, e possui uma população de cerca de 2.900 habitantes, sendo que 67% residentes na área considerada rural e 33% na urbana. A origem desta população é majoritariamente de descendência alemã, polonesa e italiana, oriundos de Sarandi, Soledade, Erechim, Palmeira das Missões, Lajeado, Cruz Alta, dentre outros municípios rio-grandenses, e instalada no local no início da década de 1930 na forma de pequenas propriedades familiares. A emancipação do município foi concretizada em 1995 pela lei estadual nº 10630, de 28/12/1995, sendo que desde 1964 fazia parte do município de Rodeio Bonito, como distrito de Vila Cristal.

O município de Cristal do Sul pertence à microrregião de Frederico Westphalen, considerada a segunda *mais rural* do estado do Rio Grande do Sul, de economia baseada na produção agropecuária e parte do Território do Médio Alto Uruguai (Figura 1). A produção de alimentos nesse território tem suas raízes nos modos de vida dos agricultores familiares nas chamadas *novas colônias*, constituídas na região a partir de 1925. Essas primeiras atividades de produção se caracterizavam pela diversificação e eram destinadas ao autoconsumo das famílias, mas foram sendo modificadas pelo processo de especialização produtiva e integração progressiva aos mercados. A partir da década de 1960 até o início dos anos 1990, a agricultura familiar do território passou por uma intensa mercantilização (PELEGRINI;

GAZOLLA, 2008), gerando o aumento da dependência dos agricultores à tecnologias externas e à demandas do mercado.

**Figura 1 - Representação da região em relação ao Rio Grande do Sul e os municípios do Território do Médio Alto Uruguai, RS**



Fonte: Codemau (2005).

Atualmente, a maior parte das unidades de produção se mantém voltada ao mercado externo, produzindo especialmente grãos, como milho, soja e trigo, mas também está integrada às grandes cadeias de produção de aves, suínos, fumiçultura, entre outros (PELEGRINI; GAZOLLA, 2008). Esse modelo produtivista, que visa à padronização da agricultura e sua subjugação às regras mercantis (Figura 2), tem gerado grande vulnerabilidade econômica e social das famílias rurais, que têm encontrado grandes dificuldades para manter suas formas de reprodução social.

No entanto, o desenvolvimento rural constitui um processo complexo e multifacetado, onde uma diversidade de configurações locais de recursos, restrições e condições para a ação geram distintas formas de conhecimento local, que se tornam fundamentais para a produção e reprodução da heterogeneidade das vidas sociais (LONG, 2001). Tomando, então, ideia de que os processos de intervenção sobre o desenvolvimento das localidades rurais produzem respostas heterogêneas, pode-se entender que, mesmo perante o cenário de aparente homogeneização provocada pelo processo de modernização agrícola no Médio Alto Uruguai, o resultado não é uma padronização técnico-produtiva ou uma estratificação socioeconômica fixa e bem delimitada. Ao contrário, os agricultores familiares deste território têm

historicamente se mobilizado para criar múltiplas estratégias de reprodução social, focadas na agroindústria familiar, nas associações territoriais, nas redes rurais ou cooperativas da agricultura. Além disto, é reconhecido que este território é o “berço do nascimento de movimentos sociais importantes hoje no Brasil” (PELEGRINI; GAZOLLA, 2008, p. 12), como o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), o Movimento das Mulheres Trabalhadoras Rurais (MMTR) e o Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA).

**Figura 2 - Paisagem da modernização agrícola no Médio Alto Uruguai, RS**



Fonte: acervo da pesquisa (2015).

Pode-se abordar também tal modernização como um processo no qual o conhecimento especializado acaba por transformar tanto a sociedade como o próprio conhecimento. Assim, a chamada sociedade moderna se constrói a partir desses conhecimentos que vão determinando e criando normas para a vida cotidiana, causando deslocamentos, ou seja, transformando a vida local, através da universalização da modernização e por meio da globalização. Concebendo que existem potenciais diferentes modernidades, talvez “híbridas”, “locais”, “mutantes”, “alternativas” ou “múltiplas”, pode ser que a modernidade esteja sendo transformada e reconstruída desde dentro, a partir das múltiplas variações da modernidade resultado do encontro entre moderno e tradicional (ESCOBAR, 2002).

Os processos de ocupação e de intensificação da agricultura modernizada no território foram moldando as identidades e, muitas vezes, estigmatizado socialmente aqueles que ‘ficaram para trás’. Brevemente, foram abordados alguns elementos básicos sobre o processo

de desenvolvimento na conjuntura regional, por outro lado, este processo não é marcado só por conflitos sociais, culturais, econômicos e ambientais, uma vez que se pode entender que as práticas ‘atrasadas’ em relação à modernização e ao progresso, são plenas de saberes e geradoras de relações fundamentais para outros modos de existência, ainda que, por vezes, invisibilizadas. Deste modo, tomando o desenvolvimento desde um olhar relacional e centrando o olhar sobre os atores presentes no território se pode destacar as práticas sociais emergentes, mesmo existindo intervenções externas, que interferem nos modos de vida dos indivíduos e dos grupos sociais, uma vez que elas são mediadas e transformadas por esses mesmos indivíduos (LONG, 2001, 2007; LONG; PLOEG, 2011).

É neste contexto de heterogeneidade de respostas, que mundos de vida díspares da padronização do desenvolvimento rural emergem, multiplicando expressões de saberes e práticas que se ‘desviam’ de um suposto vetor desenvolvimentista esperado. É justamente de tais discontinuidades que formas expressivas de existência vão surgindo, assim como possivelmente é a Farmacinha Comunitária das Bruxinhas de Deus de Cristal do Sul, que inspira a pesquisa desenvolvida. Especificamente, por surgir das imbricações de práticas ancestrais com outras construídas por ‘novíssimas’ relações no que tange ao cuidado e à saúde, tangenciando o ‘ser’ mulher nestes espaços.

### **1.2.2 Mas, quem são as ‘Bruxinhas’ de Cristal do Sul?**

As raízes do grupo das ‘bruxinhas’ de Cristal do Sul se encontram na trajetória de mobilização e participação das mulheres através do Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA) e do Sindicato dos Trabalhadores Rurais (STR) de Cristal do Sul, ligado à Federação dos Trabalhadores na Agricultura Familiar (FETAG). Enquanto grupo constituído exclusivamente por mulheres, iniciam, em 2005, uma capacitação que chamam de formação integral em plantas medicinais com mais de trinta integrantes junto ao Movimento das Mulheres Camponesas (MMC). No processo de formação do grupo, conseguem um espaço próprio para encontros que aos poucos vai se constituindo na Farmacinha Comunitária, hoje, situada junto às instalações da Rádio Comunitária de Cristal do Sul.

Desde então, o grupo, que na época da pesquisa em campo estava formado por umas quinze mulheres, se encontra regularmente para a preparação coletiva de tinturas, elixires, xaropes, pomadas, entre outros produtos à base de plantas medicinais, assim como para o atendimento em saúde aberto à comunidade, tendo em conta que parte destas mulheres são

agentes comunitárias de saúde<sup>4</sup>. Além do preparo e distribuição destes remédios<sup>5</sup>, a Farmacinha Comunitária se constitui como espaço de organização coletiva, de fortalecimento e de cura das mulheres de Cristal do Sul. Segundo Charão-Marques *et al.* (2015), fazer remédios à base de plantas medicinais é uma ponte para o cuidado coletivo e para a auto-organização das mulheres.

As práticas relacionadas à recuperação da saúde humana e animal fazendo-se o uso de plantas medicinais estão imbricadas com diversas representações, não se restringindo somente ao uso medicinal pela população urbana e rural, mas por relações mais complexas que envolvem aspectos desde a utilização alimentar, espiritual, cultural e práticas ritualísticas. Em outras palavras, o extrativismo e o cultivo de plantas medicinais, assim como o consumo de chás e outros preparados são aspectos ligados a um passado. No entanto, tais práticas surgem do entrecruzamento de conhecimentos, tradicionalidade e heterogeneidade no mundo rural, provocando, de certo modo, uma crítica ao desenvolvimento como processo homogeneizante e unicamente legitimado pela ciência moderna.

Neste sentido, as práticas cotidianas das Bruxinhas na elaboração dos remédios parecem ajudar a conformar formas locais de existência na construção coletiva de processos geradores de autonomia. A experiência inicial com as mulheres da Farmacinha provocou um olhar para as formas do ‘fazer’, mas também, para as formas do ‘dizer’, ou seja, o propósito inicial de perceber as construções de autonomia ao ‘ser provocado’ mostrava-se, não só apropriado, mas bastante ‘aderido’ àquela cotidianidade que parecia fazer emergir múltiplos agenciamentos. Ficava claro que valia a pena investir no questionamento de como as agências<sup>6</sup> se configuram na cotidianidade das práticas, do encontro entre elas e das múltiplas relações que estabelecem.

Relacionado mulheres e desenvolvimento, foram feitas algumas das primeiras aproximações teóricas (como mencionado, especialmente ‘pela mão’ das feministas pós-coloniais) que pareciam apontar que seria relevante indagar a própria perspectiva de autonomia, considerando a quase unanimidade, nos projetos de desenvolvimento, da visão de mulher autônoma com aquela que consegue gerar renda. Frente à ‘chegada’ ao campo (com as Bruxinhas) a autonomia parecia, aos poucos, diluir suas fronteiras, relativizar seu significado

---

<sup>4</sup> As agentes comunitárias de saúde fazem parte da Estratégia de Saúde da Família dentro do Sistema Único de Saúde. Encontram-se mais detalhes sobre as agentes de saúde no terceiro capítulo desta dissertação.

<sup>5</sup> O termo ‘remédio’ usado ao longo da dissertação faz referência ao termo nativo para os diversos produtos elaborados pelas mulheres à base de plantas medicinais, como tinturas, elixires, xaropes e pomadas.

<sup>6</sup> Uma primeira aproximação da noção de agência é que ela possibilita evidenciar a capacidade de processar a experiência social e de delinear formas de enfrentar a vida, mesmo sob as mais extremas formas de coerção (LONG; PLOEG, 2011).

e confrontar o entorno de vida das mulheres e suas práticas em saúde. É assim que a análise local e contextual das práticas das Bruxinhas de Cristal do Sul passou a compor o horizonte da pesquisa, para talvez inspirar estratégias políticas para a construção de feminismos (no plural). Justamente, com base nesses elementos é que, em seguida, são apresentados os objetivos que foram finalmente estabelecidos.

### 1.3 OBJETIVOS

A partir da aproximação à problemática de pesquisa foi estabelecido o objetivo geral, que viria ser desdobrado em três objetivos específicos, sendo estes os fios condutores da elaboração desta dissertação. Deste modo, objetivou-se “analisar as práticas sociais levadas a cabo pelas mulheres do grupo ‘Bruxinhas de Deus’, em Cristal do Sul/RS, de maneira a elucidar como constroem processos de autonomia por meio da ação coletiva”.

A partir deste propósito geral, foram estabelecidos os seguintes objetivos específicos:

- a) identificar os discursos locais sobre autonomia para as mulheres rurais, analisando como eles se posicionam frente ao discurso sobre o desenvolvimento;
- b) descrever práticas locais de cuidado em saúde, em especial aquelas relacionadas ao uso de plantas medicinais, estabelecendo relações com a construção cotidiana de autonomia;
- c) seguir as práticas de organização das mulheres do grupo em estudo, de maneira a identificar como estabelecem relações sociais que ampliam espaço para a ação coletiva.

### 1.4 PAVIMENTANDO O CAMINHO TEÓRICO-METODOLÓGICO

Um dos pontos de partida para a construção do caminho teórico-metodológico da pesquisa e da dissertação é a Perspectiva Orientada pelos Atores, citada ao longo da dissertação como POA. Esta abordagem, proposta por Norman Long, entre outros pesquisadores, surge como uma necessidade teórico-metodológica dentro dos estudos sociais sobre o desenvolvimento, no sentido de relativizar os processos de desenvolvimento como mudanças estruturais unidirecionais, assim, a multiplicidade de respostas dada pelos diferentes atores sociais a estes processos passa ser entendida como relevante.

Na visão de Long as perspectivas teóricas meramente estruturalistas<sup>7</sup> ou macrosociológicas se mostram insuficientes para explicar a multiplicidade de respostas dos atores nos processos de mudança social (SOUZA, 2009). Para Long (2007), as abordagens estruturalistas explicam o desenvolvimento e a mudança social no ‘mundo rural’ a partir de intervenções externas que supostamente determinam o funcionamento das instituições locais e dos modos de vida dos agricultores. Por um lado, a teoria da modernização explica o ‘desenvolvimento’ como um processo gradual de suposta evolução para formas mais complexas institucional e tecnologicamente na sociedade moderna, enquanto as teorias marxistas e neomarxistas criticam de forma enfática a expansão do chamado ‘capitalismo’ através da acumulação do capital (LONG, 1987). No entanto, estas duas abordagens, mesmo sendo fundamentadas por princípios opostos, mantêm a mesma lógica de explicação dos processos de mudança social somente a partir de ‘forças externas’, excluindo a possibilidade dos atores intervirem de forma significativa nestes processos (LONG; PLOEG, 1994). Segundo estas teorias estruturalistas, as ‘forças externas’ encapsulam as vidas das pessoas, reduzem sua autonomia e acabam com as formas endógenas de solidariedade e cooperação, resultando em contextos sociais controlados por poderes econômicos e políticos centralizados (LONG, 2007). Por outro lado, da POA emerge uma proposta mais dinâmica para compreender a mudança social, abordando os atores como participantes ativos que são capazes de processar informações e de usar estratégias nas suas relações sociais e institucionais (LONG; PLOEG, 1994). Para Long (2007), a abordagem dos atores possibilita a percepção das distintas respostas em processos aparentemente homogêneos, a partir da compreensão de que as intervenções externas se introduzem nos modos de vida locais, passando a ser mediadas e transformadas pelos próprios atores sociais.

Desta forma, tendo em conta a postura determinista, linear e externalista das mudanças sociais por parte das perspectivas rigorosamente estruturais de desenvolvimento, Long e Ploeg (2011) realizam uma espécie de costura entre a macroestrutura e os atores sociais. Assim, a abordagem dos atores ressignifica a estrutura, compreendendo esta como o resultado complexo da inter-relação entre a multiplicidade de projetos dos distintos atores sociais. Neste sentido, a POA considera a heterogeneidade do mundo rural como uma característica praticamente estrutural do desenvolvimento rural, considerando que os distintos atores sociais

---

<sup>7</sup> A teoria estruturalista é baseada na ideia de que as estruturas são construídas por um conjunto de valores e recursos dos sistemas sociais, portanto, estas estruturas modulam as ações dos indivíduos na sociedade, mas também as ações modulam as estruturas, considerando que estas estruturas foram produzidas pelos agentes sociais, mas que esses agentes sociais têm capacidade reconstituir e transformar a estrutura por meio de sua agência (GIDDENS, 1984).

agem conforme seus próprios critérios, interesses, experiências e perspectivas, gerando assim diferentes formas de conhecimento local que fazem parte desta mesma heterogeneidade (LONG, 2001). A partir deste princípio de heterogeneidade, Long (2001) propõe analisar os processos sociais que compõem esta diferenciação da vida social.

Ou seja, uma abordagem analítica centrada nos atores possibilita a percepção das distintas respostas em processos aparentemente homogêneos, a partir da compreensão de que as intervenções externas se introduzem nos modos de vida locais, passando a ser mediadas e transformadas pelos próprios atores sociais (LONG, 2007). Reconhece-se, assim, a capacidade reflexiva destes atores, compreendendo o papel central dos agricultores como construtores de seus próprios projetos de desenvolvimento. Por isso, considera-se necessário analisar estes processos sociais onde tais diferenças são produzidas, reproduzidas, consolidadas e transformadas (LONG, 2001).

Para perceber tais diferenças a noção de agência se torna relevante e assume certo caráter conciliador entre a estrutura e os atores sociais, considerando que estes últimos são detentores de conhecimento e capazes, e conectando assim as noções de ‘conhecimento’ e ‘poder’. Para Long (2001, 2007), todos os atores sociais têm a capacidade de exercerem algum tipo de poder de ação, inclusive aqueles que se encontram em condições subalternas. Importante para a construção metodológica de uma análise que pretende visibilizar essa capacidade é ter presente que a noção de agência não se fundamenta nas ‘intenções’ dos atores sociais, e sim em suas próprias ‘ações’. Por isso, a análise proposta pela abordagem dos atores foca o olhar nas próprias práticas dos atores sociais. Long (2007) propõe, como método, a identificação e compreensão da complexidade de ações e percepções dos atores nos seus relacionamentos sociais, no seu cotidiano na busca de recursos, significados e legitimidade social. Desta forma, a abordagem dos atores possibilita uma maior aproximação na forma como os atores administram suas práticas sociais dentro das ‘múltiplas realidades’ do cotidiano.

Todavia, esta abordagem não entende a agência como um mero atributo individual, e sim como a capacidade dos atores sociais agirem nas suas relações sociais promovendo mudanças (LONG, 2001). É por isso que a agência, que reconhecemos quando ações particulares produzem uma diferença, emerge a partir das redes de relações sociais (LONG, 2007). E é justamente através desta noção de agência que se delimita o termo de ‘atores sociais’. Estes seriam, então, entidades sociais (como indivíduos, grupos, organizações, redes, governo, organismos internacionais, igreja) com capacidade de agência, ou seja, capazes de

construir conhecimento a partir de suas interações sociais e de agir em função desse conhecimento para intervir nas suas realidades cotidianas.

Neste sentido, também, se pode mobilizar a ideia de arena para dar conta desta complexidade de espaços de disputa que emergem das interações sociais e envolvem diferentes interesses e práticas sociais, onde distintas visões de mundo se encontram (LONG; PLOEG, 2001). Justamente, nas arenas, pode ser possível identificar as interfaces, que fazem referência às situações onde distintos mundos de vida se encontram em dinâmicas de disputa e negociação, em termos, por exemplo, de descontinuidades de interesses, valores, conhecimentos e poder, e heterogeneidade estrutural (LONG; PLOEG, 2011).

Aceitando, então, que seguir os atores pode ser um caminho frutífero para entender os processos envolvidos na construção de autonomia das mulheres rurais, observar o cotidiano passa a ser o ‘grande trunfo’ metodológico deste trabalho. E isto, primeiro, implica em dar ‘protagonismo’ ao estudo de base empírica; e, segundo, priorizar a etnografia como método de aproximação aos atores e seus mundos de vida. Do mesmo modo, se faz importante estabelecer uma estratégia a campo que permita identificar a heterogeneidade de redes de relações sociais e os múltiplos atores envolvidos, especialmente para acessar os interesses sociais distintos e frequentemente conflitantes que emergem destes muitos encontros.

#### **1.4.1 A escolha pela etnografia**

A abordagem dos atores escolhida como ponto de partida para este trabalho tem como princípio metodológico de pesquisa o acompanhamento de caráter etnográfico da vida social dos atores, evitando a elaboração de categorias sociais pré-definidas que encaixotem ou determinem a realidade social pesquisada. Segundo Long (2007), trata-se de documentar as formas como as pessoas dirigem ou enredam seus caminhos através de suas múltiplas respostas e experiências, desvendando assim os detalhes dos distintos ‘mundos de vida’. Esta abordagem propõe analisar, então, os processos sociais que (re)produzem heterogeneidades (LONG, 2001), tentando identificar e compreender a complexidade de práticas sociais e percepções dos atores nas múltiplas realidades do cotidiano e nas suas redes de relacionamentos sociais (LONG, 2007).

O caminho teórico-metodológico ‘percorrido’ leva à escolha intencional de uma metodologia de pesquisa de base etnográfica, fundamentada no pressuposto de que a interação direta com as pessoas na sua vida cotidiana possibilita uma melhor compreensão de seus desejos, motivações, comportamentos, práticas e significados. O convívio cotidiano junto à

comunidade investigada possibilita, assim, uma aproximação do pesquisador à realidade social em questão e uma compreensão maior do ‘ponto de vista do nativo’ (GEERTZ, 2006). Este olhar etnográfico tem a ver com a inserção cotidiana do pesquisador no compromisso de refletir sobre a realidade social, vivenciando a experiência de inter-subjetividade e sendo consciente de que ele mesmo passa a ser ‘objeto’ de observação (LÉVI-STRAUSS, 1974).

Justamente neste ponto, se faz necessário questionar a dicotomia estabelecida entre o ‘sujeito’ da pesquisa (o pesquisador) e o suposto ‘objeto’ (o grupo social a ser investigado), que fundamenta as bases das ciências considerada como mais puras. Nestas se supõe que o pesquisador, na sua aparente condição de ‘sujeito neutro’, tem a capacidade de observar e analisar a realidade de forma objetiva, subtraindo desta as hipotéticas leis naturais que a constituem. Desde este ponto de vista, o pesquisador é entendido como um observador neutro que consegue se distanciar completamente da realidade para assim compreendê-la.

O antropólogo brasileiro José Jorge Carvalho (2001) lembra como Lévi-Strauss abandonou o lugar seguro de mestre do ‘olhar distanciado’, se colocando ele mesmo como objeto e possibilitando, assim, que os ‘nativos’ devolvessem o olhar que historicamente os construiu de forma unilateral. Fazendo um exercício de superação das fronteiras binárias entre sujeito e objeto, entende-se que o pesquisador não é um ser neutro, mas alguém que faz parte da própria realidade social, que constrói cultura, que tem identidades coletivas, que pertence à distintas categorias sociais (ou é reconhecido pelos outros por certas categorias), que deseja, que (des)constrói conhecimento, que modifica a realidade com a sua presença e da mesma forma é transformado por esta. Pretender uma suposta objetividade e neutralidade do pesquisador, desde a escolha do tema até a análise e interpretação dos dados, parece de certa forma uma tentativa ilusória de explicar a realidade. Ao invés disso, reconhece-se a ‘subjetividade’ como elemento intrínseco da pesquisa.

#### **1.4.2 A entrada a campo e o lugar de enunciação**

Minha entrada a campo se deu, como mencionado, a partir de uma primeira visita ao grupo das Bruxinhas de Cristal do Sul pelo acompanhamento do projeto de pesquisa “Mulheres e Biodiversidade”. Chegar até este grupo de mulheres não tinha sido nada fácil. A equipe do projeto levava um ano tentando se aproximar para conseguir uma visita ao local. Mas, agora, que ali estávamos sentadas em círculo com elas neste primeiro encontro, nos convidavam para permanecer por um período no local e acompanhar o cotidiano do grupo.

Pessoalmente me senti afetada por aquelas mulheres, e certa afinidade começava a brotar. Naquela tarde, elas repetiram diversas vezes que o grupo era ‘autônomo’, a afirmação me deixou completamente intrigada. Por que parecia tão importante para aquelas mulheres se afirmarem como autônomas? Como se organizavam em torno da farmacinha comunitária e dos conhecimentos em plantas medicinais? Como era o cotidiano das práticas locais dessas mulheres mediado por um evidente *saber-fazer*, que se via materializado nos remédios que ali estavam?

Mas eu ainda não havia recebido a resposta das mulheres da AMADECOM do Litoral Norte, assim, me despedi do grupo de Cristal do Sul com vontade de ‘ficar mais’. Lembro, ainda, que brinquei com a equipe de pesquisa, dizendo que voltassem para Porto Alegre, porque eu iria ‘ficar por lá mesmo’. Só dias depois, percebi que, naquela tarde, já tinha construído um vínculo com essas mulheres, que ele permaneceria por longo tempo, e que me permitiria acompanhar de perto as práticas das Bruxinhas na Farmacinha Comunitária de Cristal do Sul.

A Ivone, liderança deste grupo de mulheres e responsável por dar vida à rádio junto com o seu marido, é quem me acolheu na sua casa durante toda a pesquisa em campo. Ela foi o elo com as Bruxinhas e com a comunidade cristalense, e converteu-se na principal interlocutora desta pesquisa. Depois desta primeira visita da equipe, e após os primeiros contatos pessoais com a Ivone, ela abriu as portas da sua casa e da Farmacinha Comunitária, verificando antes, de forma irônica, se eu teria algum problema em fazer pão junto às mulheres. Seu convite foi: “*vamos pra lavoura!*”.

A pesquisa com as Bruxinhas envolveu atividades com o grupo desde março até outubro de 2015, mas o mergulho etnográfico em campo propriamente dito aconteceu entre abril e agosto deste mesmo ano. Durante estes cinco meses, criei uma rotina de viajar para Cristal do Sul e acompanhar o cotidiano da Farmacinha Comunitária e das mulheres por uns quinze dias, voltando depois para Porto Alegre por uns dez dias para o processo gradual de análise do diário de campo e das entrevistas, junto com o acompanhamento das atividades do grupo de pesquisa sobre mulheres e plantas medicinais já citado.

A permanência em campo, na casa das mulheres e no cotidiano da comunidade permitiu criar com certa rapidez e profundidade vínculos de confiança com elas, especialmente com as interlocutoras mais próximas da pesquisa, dentre as quais, além da Ivone, a Iraci e a Ondila, que são integrantes do grupo desde os primórdios e que constituem um eixo fundamental de organização das mulheres dentro do grupo.

No entanto, cabe ressaltar que meu tempo inicial na comunidade foi marcado por um estranhamento mútuo frente à alteridade, especialmente pelas diferenças entre os costumes locais e minha presença enquanto pesquisadora urbana e ‘estrangeira’ aos olhos de todos. É importante destacar que o tamanho reduzido do município cria uma trama de relações sociais onde todas as pessoas da comunidade se conhecem, e onde uma pessoa “de fora” é rapidamente reconhecida. Mas, acrescentado a isso, tem o fato de minha fala em português ser carregada de uma pronúncia forte, mistura de espanhol e de catalão, mesmo morando no Rio Grande do Sul por dez anos. Isto, junto ao fato de ser vegetariana, criou logo no início certo ‘exotismo’ de minha presença na comunidade, passando a ser reconhecida como “*a espanhola que não come carne*”. As famílias me convidavam de forma enfática para visitar suas casas. Isto foi perdendo força com o tempo e minha permanência no cotidiano da comunidade, sem necessariamente desaparecer, mas, com o tempo, parece que fui entrando numa ‘normalidade’ aceita. Outros aspectos destes estranhamentos irão surgindo ao longo do texto.

Tendo em conta, como já foi comentado, que pesquisar não é uma ação neutra, e que o pesquisador se encontra permeado pela realidade social da qual faz parte, considera-se imprescindível explicitar, aqui, o lugar de enunciação e de deslocamento cultural da pesquisadora deste trabalho.

Primeiramente, cabe destacar minha nacionalidade espanhola, embora eu tenha, por algum tempo, negado tal condição, em função da noção de privilégios que esta parecia me outorgar (e que me outorga) enquanto europeia, pessoa do assim chamado “primeiro mundo”. Nascida na Catalunya, mas de família andaluza, nunca consegui me identificar plenamente nem como catalã, nem como espanhola. Morando no Rio Grande do Sul por anos, e mesmo me sentindo como ‘em casa’, nunca deixei de ser aqui estrangeira. Hoje, aceito minhas raízes catalãs e andaluzas, pela profundidade que me aportam, assim como minha trajetória de vida no Brasil faz parte da minha identidade, especialmente porque considero que ‘somos’ a partir das relações que estabelecemos. Tudo isto faz parte de mim também quando me coloco como pesquisadora, ao mesmo tempo em que se espelha, de formas diferentes, nos interlocutores da pesquisa.

Ao mesmo tempo, meu lugar de enunciação está carregado pela minha formação acadêmica em biologia, embora sempre tenha sentido dificuldade em identificar-me enquanto tal. Sem renegar os conhecimentos adquiridos na academia, meu sentir profundo está também atrelado às experiências de vida junto a uma diversidade de grupos sociais como camponeses, pescadores artesanais, indígenas, grupos de mulheres, coletivos de teatro, entre outros, que me deslocaram (e me deslocam) permanentemente da ‘zona de conforto’. Quando escrevo e faço

pesquisa levo comigo também estas marcas. Por último, sou mulher, ou sou representada socialmente como tal. Carrego em mim as construções históricas deste ‘ser mulher’ quando pesquiso. Todavia, considero a diversidade de formas de se identificar ou ser identificada enquanto mulher, assim como as distintas opressões que se geram nestas interfaces.

Todos esses elementos, apesar do esforço em descrevê-los aqui, não são exatamente tão delimitados, nem sempre é possível detalhar onde termina a mulher e entra a bióloga, ou onde começa a pesquisadora em franco movimento em direção às ciências sociais (ainda que em seus primeiros passos como tal). Abdicando, então, de binarismos ou posições sociais pré-estabelecidas, o mais importante é esclarecer que fundamentalmente há uma escolha política e crítica ao desenvolver este trabalho, que fica evidente ao tomar uma perspectiva que questiona o desenvolvimento como um processo de etapas obrigatórias para a sociedade e um feminismo que contraria a colonialidade como mediadora das diversas relações.

### **1.4.3 Estratégia da pesquisa**

A escolha da abordagem dos atores como ponto de partida teórico-metodológico para esta pesquisa fundamenta a escolha de uma metodologia qualitativa de caráter etnográfico, baseada principalmente na observação participante.

Este é um método que propõe a participação do pesquisador na vida da comunidade de estudo, possibilitando o acesso aos contextos em que os atores sociais estão envolvidos e a percepção de suas práticas cotidianas. É uma técnica adequada para analisar os saberes e as práticas na vida social e para reconhecer as ações e as representações coletivas na vida humana (GIL, 1999). Desta forma, através da participação nas rotinas do grupo social estudado e do exercício do olhar (ver) e do escutar (ouvir), o pesquisador se desloca internamente de sua cultura para interpretar a realidade social a ser analisada.

Como citei anteriormente, o processo de pesquisa de observação participante envolveu um período de oito meses, sendo que a convivência cotidiana com as Bruxinhas na comunidade de Cristal do Sul aconteceu durante cinco meses. Esta técnica de observação participante como parte da metodologia qualitativa em campo foi acompanhada de uma escrita sistemática. Foram utilizados regularmente um caderno de notas e um diário de campo como formas de registro das observações. O caderno de notas é uma ferramenta de uso pontual para breves anotações no convívio com o grupo a ser pesquisado. Já o diário de campo é uma técnica que consiste na anotação sistemática dos dados gerados durante as observações de forma descritiva, assim como o registro do conteúdo reflexivo e analítico

(ROESE *et al.*, 2006). O diário de campo serve também como espaço fundamental para o pesquisador arranjar o encadeamento de suas ações futuras em campo, a partir da avaliação das ‘imperfeições’ no trabalho da observação participante e do levantamento sobre possíveis questões éticas (GIL, 1999).

Durante o tempo em campo acompanhei todas as atividades das mulheres na Farmacinha Comunitária de Cristal do Sul, assim como parte dos seus cotidianos nas suas casas. O lugar onde pousava habitualmente era a casa da Ivone e do Celso, responsáveis também pela rádio comunitária, que tem a sede junto à cozinha das Bruxinhas. A Ivone era uma liderança reconhecida pelas mulheres e pela comunidade, e sua casa era um lugar de trânsito e de encontro de pessoas e, desta forma, terminou sendo também um espaço chave de interlocução para a pesquisa. Além desta casa, fui acompanhando outras famílias das Bruxinhas de perto, como a da Dona Ondila e da Iraci, procurando deste modo compreender também a realidade destas mulheres no interior de suas famílias.

Pouco a pouco me inseri no cotidiano da comunidade, participando dos eventos sociais que as Bruxinhas me convidavam, como aniversários, batizados, almoços comunitários, entre outros, de forma a apreender o contexto local destas mulheres. Fui convidada também a dar oficinas de teatro para as crianças na escola, atividade que mantive semanalmente até o final da pesquisa.

Como forma de complementar a observação participante, realizei pontualmente entrevistas semiestruturadas com gravação de áudio. A utilização dessa técnica objetivou especialmente a geração de dados junto aos atores sociais com os quais não convivi de forma tão cotidiana durante o trabalho de campo. Assim, foram entrevistadas as seguintes pessoas do município de Cristal do Sul: o Vilmar, Secretário de Agricultura; o Elias, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais; a Secretária de Saúde; o extensionista da Emater; a Patrícia, enfermeira da unidade básica de saúde; e a Aliete, filha da Dona Ondila, Bruxinha da Farmacinha. Entrevistei também a Salete, extensionista da Ong Cetap em Frederico Westphalen e coordenadora responsável pela implementação da chamada pública de ATER para Mulheres Rurais. Segundo Carvalho (2007), o uso das narrativas das biografias permite explicitar as diferentes visões de mundo e percepções da realidade que estão encarnadas nas práticas dos atores. Neste tipo de entrevistas não há perguntas pontuais, mas dimensões para serem narradas pelos entrevistados e entrevistadas, seguindo a orientação flexível do pesquisador, que possui um roteiro das dimensões a serem tratadas (GIL, 1999).

Todas as pessoas foram informadas sobre a pesquisa que eu estava desenvolvendo, e foi solicitado para os principais interlocutores assinarem um Termo de Consentimento Informado, Livre e Esclarecido (ver modelo utilizado no Apêndice A).

Passado um tempo de mergulho na Farmacinha, com as mulheres e a comunidade cristalense, comecei realizar também outras visitas na região para compreender melhor a problemática territorial e acompanhar o trabalho de outras mulheres com plantas medicinais. Em Seberi, visitei a sede do Centro Territorial do Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA) e a agroindústria ‘Cheiro da Mata’; acompanhei o curso de formação em plantas medicinais do Projeto Camomila e conheci o Espaço de Saúde da Irene, da qual falarei de forma mais aprofundada no capítulo 4. Em Rodeio Bonito conheci a experiência de elaboração de remédios à base de plantas medicinais da Inês, ligada ao Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Rodeio Bonito. Visitei também a sede do MPA em Ametista do Sul. A Margarete foi quem me acolheu lá e me relatou sobre a experiência das mulheres com as plantas medicinais na unidade básica de saúde do município. Nesse acompanhamento regional, conheci o escritório da Ong Cetap em Frederico Westphalen com a interlocutora Salete, extensionista da chamada pública de ATER para Mulheres Rurais, e a experiência da Ema no mesmo município com o trabalho de plantas medicinais surgido nos anos 1980 a partir das mulheres do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Frederico Westphalen. Infelizmente, devido ao tamanho do recorte da pesquisa, muitas destas experiências não foram descritas ao longo da dissertação. Porém, esse acompanhamento auxiliou na compreensão da situação regional dos grupos de mulheres organizadas para a elaboração de remédios à base de plantas medicinais.

Finalmente, cabe enfatizar que a abordagem dos atores possibilita a pesquisa em campo sem categorias pré-estabelecidas, fazendo com que durante esse mesmo período, e a partir do próprio empírico, fossem sendo levantadas as questões problematizadoras que dariam corpo a esta dissertação. Seguindo a lógica da escolha teórico-metodológica por uma abordagem de carácter antropológico dentro dos estudos sociais do desenvolvimento rural, realizou-se uma análise dos dados gerados em campo de cunho interpretativista. Focando nos objetivos desta pesquisa, este tipo de análise possibilita a identificação e compreensão das percepções e práticas dos atores sociais no seu cotidiano, e das redes de relações sociais que estes estabelecem, assim como o aprofundamento na apreensão dos distintos sentidos, interesses e ações que envolvem os processos de autonomia.

## 1.5 ORGANIZANDO A DISSERTAÇÃO

Além deste capítulo introdutório, onde se tentou um esforço de contextualizar e apresentar o problema de pesquisa, assim como as linhas teórico-metodológicas que inspiram este trabalho, a presente dissertação está organizada em mais quatro capítulos.

No segundo capítulo, talvez o mais teórico dos três, questiona-se os discursos do feminismo ocidental sobre desenvolvimento e autonomia das mulheres à luz de alguns conceitos propostos pelas feministas pós-coloniais. Percebe-se aqui como certa colonialidade permeia estes discursos, desenhando caminhos lineares e evolutivos para a ‘emancipação’ da mulher. A autonomia econômica das mulheres rurais é colocada nos discursos de desenvolvimento como única saída destas para atingirem a desejada igualdade de gênero, invisibilizando deste modo outras formas de expressão criativa da autonomia destes grupos. Apresenta-se então o significado de autonomia para as Bruxinhas de Cristal do Sul a partir da realidade concreta de seus contextos locais.

Em seguida, no terceiro capítulo, descreve-se a trajetória deste grupo de mulheres e seu *saber-fazer* em torno das plantas medicinais. Suas práticas cotidianas em saúde a partir da elaboração e distribuição dos remédios, junto com a dimensão ontológica de ‘cura existencial’, materializam a construção local de autonomia das Bruxinhas.

Continuando com as práticas sociais destas mulheres, no quarto capítulo se descreve como elas vão erguendo cotidianamente sua autonomia enquanto grupo por meio das relações que estabelecem (ou decidem não estabelecer) com outros atores sociais, gerando encontros e desencontros cosmopolíticos numa multiplicidade de ontologias diferentes.

Finalmente, no quinto capítulo se costumam algumas considerações finais da pesquisa em questão.

## 2 DESENVOLVIMENTO E AUTONOMIA

*Cuando nuestras vidas no se adecuaban al saber oficial  
confiábamos en nuestras vidas y utilizábamos el cuerpo colectivo,  
mutuamente validado, de nuestras vidas,  
para criticar esas versiones oficiales de la realidad.*  
(MORALES, 2004, p. 66).

Durante a pesquisa, partindo da organização das mulheres de Cristal de Sul em torno da elaboração de remédios à base de plantas medicinais, logo, a autonomia emerge como chave, mas também como dissonância. Ao ouvir os distintos atores sociais (extensionistas, profissionais em saúde, movimentos sociais, e o próprio grupo das Bruxinhas) surgia referência à importância da autonomia das mulheres rurais, porém, o tempo mostrou que esta noção não tinha sempre o mesmo significado. Usava-se o mesmo termo, mas com significados sutilmente distintos, e essas diferenças pareciam esconder relações de poder de caráter estrutural. Desta forma, ‘autonomia’ aparecia como termo polissêmico, e não analisar essa constatação poderia resultar na reprodução de colonialidades e na invisibilização da heterogeneidade de realidades. Mas então, a quem se referiam os atores sociais quando falavam da ‘autonomia’ das mulheres rurais?

Para dar conta de compreender estas diferenças surge a necessidade de mergulhar num corpo analítico para além da própria abordagem centrada nos atores. Neste caminho, foi fazendo sentido mobilizar alguns conceitos propostos pelas feministas pós-coloniais, tentando, assim, fazer uma ‘costura’ entre a macroestrutura e a realidade local do grupo de mulheres de Cristal do Sul.

### 2.1 DESCOLONIZAÇÃO DE DISCURSOS FEMINISTAS OCIDENTAIS

Esta primeira parte do capítulo constitui uma breve reflexão crítica sobre a contribuição das teorias feministas pós-coloniais para a análise dos discursos ocidentais que dão corpo tanto aos programas e projetos internacionais de desenvolvimento orientados às chamadas mulheres do terceiro mundo, como às políticas públicas para mulheres dos próprios países do terceiro mundo. Pretende-se primeiro contextualizar de forma sucinta as raízes destes projetos e políticas internacionais para o desenvolvimento, à luz de um olhar pós-desenvolvimentista. Posteriormente, se descreve uma breve trajetória dos feminismos no século XX, para finalizar esta seção com alguns pensamentos analíticos do feminismo pós-

colonial e certas reflexões críticas sobre o desenvolvimento para as mulheres do terceiro mundo.

### **2.1.1 O desenvolvimento e as mulheres do terceiro mundo**

A partir de 1945, pós-segunda guerra mundial e num contexto de hegemonia geopolítica dos Estados Unidos, as chamadas ex-colônias passaram a ser controladas pela organização internacional das Nações Unidas, com o respaldo econômico do Banco Mundial (BM) e do Fundo Monetário Internacional (FMI). Segundo Escobar (2007), o chamado terceiro mundo foi inventado no discurso de Harry Truman como novo presidente dos Estados Unidos em 20 de janeiro de 1949. A partir deste discurso foram construídos o imaginário social e o sistema discursivo do desenvolvimento, apelando à necessidade de progresso dos países como processo gradual para estes alcançarem um estado de coisas e valores considerados melhor ou superior. Este momento histórico constitui um divisor de águas, que passa a categorizar o mundo entre países desenvolvidos ou primeiro mundo, e países subdesenvolvidos ou terceiro mundo. A modernidade é apresentada como a solução da pobreza para os países considerados inferiores na escala de evolução desenhada a partir dos valores ocidentais.

Seguindo a lógica foucaultiana de que discursos geram realidades, estas organizações internacionais do primeiro mundo têm promovido, através de discursos humanistas como a ajuda para a erradicação da pobreza, uma multiplicidade de programas, projetos e ações de desenvolvimento para os países do terceiro mundo. Este conjunto de ações tem sido levado a termo através do apoio financeiro internacional para a implantação de políticas públicas nos recém-formados Estados-nação (gerador das dívidas externas e eternas, e garantia da manutenção da colonialidade do poder e do saber dentro das próprias ex-colônias através dos novos dispositivos de controle), assim como pelos programas de cooperação internacional (primeiro norte-sul, hoje também sul-sul), via negociação direta entre Estados ou pela mediação de organizações não-governamentais, muito em voga à partir dos anos 1990.

Neste contexto global, situam-se os programas, projetos e ações de desenvolvimento, promovidos pelas Nações Unidas para as mulheres do terceiro mundo. As ideias que fundamentam os discursos deste conjunto de programas e projetos baseiam-se nos pressupostos feministas eurocêntricos liberais de igualdade de gênero e direitos da mulher.

Para o organismo internacional da ONU Mulheres<sup>1</sup>, o caminho direto para a igualdade de gênero, a erradicação da pobreza e o crescimento econômico inclusivo encontra-se em investir na capacitação econômica das mulheres. Constrói-se, assim, o novo sujeito da mulher ‘empoderada<sup>2</sup>’ economicamente, que contribui com a visão de desenvolvimento desejada para as economias nacionais, como indica o trecho a seguir: “[...] A igualdade de gênero não é apenas um direito humano básico, mas a sua concretização tem enormes implicações socioeconômicas. Empoderar as mulheres impulsiona economias mais prósperas, estimulando a produtividade e o crescimento” (ONU MULHERES BRASIL, 2016, s.p.).

A inserção destes discursos como princípios universalizantes para a construção de políticas públicas para as mulheres nos países subdesenvolvidos ou em desenvolvimento representa a manutenção disfarçada da colonialidade do poder e do saber, agora, nas mãos dos Estados modernos, das distintas tecnologias de governo e de uma multiplicidade espalhada de mediadores ‘aparentemente bem-intencionados’.

As teorias das distintas feministas pós-coloniais eclodem como potencial para a reflexão crítica sobre os discursos dos feminismos ocidentais que dão corpo tanto aos programas e projetos internacionais destinados às mulheres do terceiro mundo, como às políticas públicas orientadas para o desenvolvimento nos países do terceiro mundo. Antes de mergulhar nas ontologias das feministas pós-coloniais, a seguinte parte do texto pretende contextualizá-las através de um breve trajeto pela reconfiguração dinâmica de distintos feminismos ao longo do século XX, ainda que sem pretensão analítica propriamente dita.

### **2.1.2 Breve cartografia dos feminismos**

Segundo Siliprandi (2009), o feminismo atual poderia ser agrupado em três correntes principais: o feminismo da igualdade, da diferença e da diversidade. O primeiro tem suas raízes no final do século XIX, a partir das lutas reivindicatórias das mulheres brancas ocidentais de classe média a favor de seus direitos de igualdade entre sexos, como o direito das mulheres ao sufrágio. Estas lutas igualitaristas nos dias de hoje, de caráter extremamente

---

<sup>1</sup> A ONU Mulheres é a Entidade das Nações Unidas para a Igualdade de Gênero e o Empoderamento das Mulheres criada em 2010 justamente para a promoção do empoderamento econômico das mulheres e a igualdade de gênero em âmbito global.

<sup>2</sup> Elisheva Sadam (1997), reporta que a origem do conceito vem de Barbara Solomon (1976, 1985), que enfatiza o empoderamento como método para o trabalho social com comunidades oprimidas de afro-americanos; Peter Berger e Richard Neuhaus (1977) usam o termo para propor um caminho para a melhoria de serviços de bem-estar social; e Julian Rappaport (1981), que vai dar maior sustentação teórica, relacionando o empoderamento às políticas sociais direcionadas aos grupos ‘sem poder’.

liberal, têm por objetivo a conquista de oportunidades iguais para homens e mulheres, considerando as relações de poder desiguais e excludentes entre os sexos.

O feminismo da diferença, por outro lado, levantou a partir da segunda metade do século XX lutas identitárias e de afirmação de uma ‘cultura feminina’. Esta corrente pretende, até hoje, reverter o sistema de valorização entre o feminino e o masculino imposto pelo patriarcado no sentido de valorizar e reconhecer como importantes socialmente as características ditas femininas (SILIPRANDI, 2009). Nesta segunda corrente, alguns feminismos são mais essencialistas, definindo a condição feminina como determinada biologicamente, como forma intrínseca do conjunto das mulheres. Outros feminismos da diferença têm um posicionamento construtivista, compreendendo as características chamadas de femininas como construções sociais geradas a partir das relações de poder entre os sexos. Desde este olhar, pretendem-se transformações na sociedade a partir do reconhecimento do direito à diferença, da possibilidade de outros *viveres e fazeres* no mundo.

A terceira corrente feminista envolve os feminismos terceiro-mundistas, pós-colonialistas e multiculturalistas. Longe de pretender uma unidade entre estes feminismos, nem em cada um internamente, quer se destacar aqui um momento histórico, a partir dos anos 1980, onde o feminismo começa a dar atenção à diversidade de experiências vivenciadas por diferentes grupos de mulheres num mundo cada vez mais globalizado. Especificamente, as distintas vertentes práticas e teóricas dos feminismos pós-coloniais vão denunciar a universalização e homogeneização do ‘ser mulher’ do feminismo ocidental, como definido somente pela opressão de gênero, e vão destacar as diferentes formas de opressão que se entrecruzam formando as diversas identidades das mulheres (SILIPRANDI, 2009). É justamente desde estes feminismos pós-coloniais que este capítulo pretende refletir sobre os discursos acadêmicos que fazem referência à autonomia das mulheres rurais brasileiras e que fundamentam as políticas e projetos de desenvolvimento orientados a estas mulheres.

### **2.1.3 Corpos dos feminismos pós-coloniais**

As teorias dos feminismos pós-coloniais se baseiam na crítica à universalização das experiências das mulheres pelos feminismos ocidentais, assim como na crítica às teorias pós-coloniais pela ausência dos debates sobre as opressões de gênero. A partir destas críticas, os feminismos pós-coloniais propõem análises detalhadas das interseções entre as distintas opressões de gênero, classe, campesinidade, raça e sexualidade, a partir das experiências de vida das próprias mulheres nos diversos contextos. Este comporia o duplo movimento

proposto por Mohanty (2008), de desconstrução dos feminismos ocidentais e da teoria pós-colonial, e de construção dos feminismos do terceiro mundo.

Para Mohanty (2008), os feminismos ocidentais e os feminismos pós-coloniais não são grupos monolíticos. Assim, quando se faz referência às teorias dos feminismos ocidentais, consideram-se os discursos hegemônicos produzidos tanto pelas acadêmicas do primeiro mundo, como pelas acadêmicas do terceiro mundo que escrevem sobre as mulheres rurais e sobre as trabalhadoras urbanas de seus próprios países. Por outro lado, a diversidade de práticas e discursos dos feminismos pós-coloniais não pretende constituir um grupo homogêneo, unificado pelo consenso. Ao contrário, nutre-se a diferença a partir dos distintos contextos locais. A união é mais estratégica e temporal, no sentido da diluição das fronteiras tanto dos feminismos ocidentais como das teorias pós-coloniais.

Curiel (2007), por exemplo, exercita a desconstrução das teorias pós-coloniais através da diversidade de experiências das 'feministas racializadas'. Segundo esta autora, a lógica acadêmica dominante é masculina, classista, racista e heterossexual. A partir da afirmação que as próprias teorias pós-coloniais são também elitistas e androcêntricas, Curiel (2007) mostra como as práticas e lutas dos diversos movimentos feministas (negros nos Estados Unidos, chicanos, afrolatinos, indígenas, entre outros) têm construído novas formas de teorizar o pós-colonialismo, abrindo possibilidades para outras 'vozes silenciadas'.

Para Fanon (2001), a descolonização na academia tem o objetivo de combater a visão etnocêntrica e racista que reduz as culturas não ocidentais a objetos de estudo marginais e exóticos. Curiel (2007) vai apontar a ausência do debate sobre as opressões de sexo e sexualidade nos discursos contra o eurocentrismo de autores pós-coloniais como Cesaire, Fanon, Mignolo, Quijano e Dussel. Frente a isso a autora propõe um novo significado de descolonização dos corpos e da sexualidade das mulheres, entendendo que a colonialidade do poder encontra-se também na confinamento dos corpos das distintas mulheres e na alienação de seus próprios processos vitais. Assim, para uma compreensão mais completa da complexidade das relações e subordinações que se exercem sobre os(as) outros(as), a prática pós-colonial da descolonização dos discursos acadêmicos deveria registrar a heterogeneidade de produções teóricas e práticas subalternizadas, racializadas e sexualizadas (CURIEL, 2007).

Para a desconstrução dos feminismos ocidentais, Mohanty (2008) analisa uma série de escritos feministas legitimados pelo discurso humanista do Ocidente e mostra como estes colonizam de forma discursiva a complexidade de vidas das mulheres do terceiro mundo. Os sujeitos reais com suas próprias histórias coletivas, a heterogeneidade de mulheres, são reduzidos e simplificados ao conceito homogêneo e a-histórico de 'Mulher', como parte do

discurso hegemônico de representação da ‘Outra’. Desta forma, Mohanty (2008) ressalta a importância fundamental de desmascarar os universalismos etnocêntricos dos discursos acadêmicos das feministas ocidentais, assim como examinar os efeitos e implicações políticas das distintas estratégias e princípios analíticos.

Quando o conceito de mulher é usado como categoria analítica prévia às análises, pressupõe-se que a igualdade na opressão de gênero une a todas as mulheres. Esta suposição silencia a diversidade de experiências das mulheres do terceiro mundo nos seus contextos de opressão de classe, raça, campesinidade e sexualidade, considerando a hegemonia de um sistema mundo capitalista heteropatriarcal racialmente estruturado. Para Mohanty (2008, p. 127), “não se questiona o potencial descritivo da diferença de gênero, mas o potencial explicativo da diferença de gênero como a origem da opressão”.

Além disso, os discursos feministas ocidentais objetivam as mulheres do terceiro mundo, gerando uma representação destas como ‘vítimas’ do domínio masculino, do processo colonial, do sistema tradicional, entre outros. As mulheres são assim representadas previamente como grupos ‘sem poder’, politicamente imaturos, ‘dependentes universais’. Para Hooks (2004), por exemplo, as mulheres brancas ocidentais mantêm uma atitude paternalista com as mulheres negras, tratando-as como objetos passivos nos seus discursos, e conseqüentemente silenciando suas vozes. Sob a autoridade de mediadoras, os aspectos não reconhecidos do status social de mulheres brancas as impede de transcender seu racismo oculto.

No seguinte trecho sobre as políticas públicas brasileiras direcionadas às mulheres rurais, pode-se perceber a representação destas mulheres como grupos ‘sem poder’ e sem participação social no desenvolvimento, invisibilizando desta forma as diferentes formas de expressão das agências destes grupos de mulheres. Deste modo, os dispositivos do Estado-nação e o acesso às políticas públicas para a igualdade de gênero são vistos como o caminho para as mulheres rurais construírem suas capacidades de agir, como segue:

[...] A dominação econômica e cultural à qual as mulheres estão submetidas na família se reflete na sua dificuldade de expressão na vida pública e perpetua um círculo vicioso de “não-direitos”, de “não-cidadania” e de participação desigual no desenvolvimento. As mulheres em geral e as pobres em especial vivenciam, na sociedade, um sistemático processo cultural e político de expropriação das suas capacidades de agir publicamente e de exercício de seus direitos. O acesso a políticas públicas pode melhorar concretamente a vida das mulheres e permitir que haja uma valorização das suas contribuições para a sociedade, ajudando a superar valores e preconceitos ainda existentes, que impedem a sua plena realização como cidadãs (BUTTO, 2011, p. 185).

Nos escritos acadêmicos das feministas ocidentais sobre mulheres do terceiro mundo e desenvolvimento (que fundamentam as políticas nacionais e internacionais para o desenvolvimento) analisados por Mohanty (2008), são expostas as supostas necessidades das mulheres do terceiro mundo, tomando como referência universal os princípios e valores das mulheres ocidentais. Ao mesmo tempo, são denunciadas a falta de opções destas mulheres (representadas como vítimas) e a falta de sensibilidade das políticas públicas para o desenvolvimento, considerando que estas últimas não dão atenção a tais necessidades.

## 2.2 *DIZERES SOBRE AUTONOMIA DAS MULHERES RURAIS NO BRASIL*

O Estado brasileiro institucionalizou as políticas públicas de igualdade de gênero através da criação em 2002 da Secretaria de Políticas para as Mulheres (SPM)<sup>3</sup>, organismo governamental direcionado a garantir a transversalidade nas políticas dos diferentes ministérios e demais órgãos federais. Como forma de incluir as mulheres rurais no projeto nacional em construção de desenvolvimento rural sustentável, foi criada a Diretoria de Políticas para Mulheres Rurais (DPMR) dentro do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA). Esta diretoria, articulada à SPM, tem implementado políticas públicas para as mulheres rurais direcionadas à promoção da autonomia econômica e da igualdade de gênero.

A seguir, serão trazidos alguns aspectos que se referem ao significado de autonomia das mulheres rurais promovido pelo desenvolvimento rural sustentável no âmbito das políticas públicas brasileiras, de modo a compreendermos a consequente invisibilidade de outras formas criativas de expressão da autonomia no cotidiano destes grupos de mulheres.

Desde um ponto de vista das instituições públicas, tem se construído um entendimento de autonomia das mulheres rurais desde uma perspectiva centrada na inclusão produtiva destas no desenvolvimento rural do país. Assim, as estratégias institucionais de fortalecimento da autonomia destes grupos de mulheres tem se focado prioritariamente no acesso às políticas públicas de apoio à produção e à comercialização, como se detalha no caso do Programa Nacional de Organização Produtiva de Mulheres Rurais (PNOPMR):

[...] o programa tem por objetivo fortalecer as organizações produtivas de trabalhadoras rurais [...] de forma a viabilizar o acesso das mulheres às políticas públicas de apoio à produção e comercialização, a fim de promover a autonomia econômica das mulheres e a garantia do seu protagonismo na economia rural. Este

---

<sup>3</sup> A Secretaria de Políticas para as Mulheres, criada em 2002, foi vinculada inicialmente ao Ministério de Justiça e posteriormente, a partir de 2003, à Presidência da República com *status* de ministério (BUTTO, 2011).

programa integra também as políticas ofertadas pelo Programa Territórios da Cidadania (BUTTO, 2011, p. 31).

No processo de inclusão da temática de igualdade de gênero dentro da gestão participativa do desenvolvimento rural sustentável nos territórios rurais pelo Programa dos Territórios da Cidadania<sup>4</sup>, foram promovidas ações de formação e capacitação das mulheres rurais com o objetivo de ampliar o acesso destes grupos de mulheres às políticas públicas de apoio à produção e à comercialização, como o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA), o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), e o crédito rural para mulheres, a exemplo do Pronaf Mulher. Tais políticas são vistas, então, como estratégias chave usadas para a promoção da autonomia das mulheres, reafirmando novamente uma perspectiva prioritariamente econômica. A renda é colocada como o principal indicador da igualdade de gênero e da conquista de autonomia por parte das mulheres rurais, como mostra o trecho seguinte:

[...] As políticas de promoção de autonomia e da igualdade das mulheres rurais implementadas pelo Governo Federal do Brasil [...] impactaram favoravelmente as condições de vida das trabalhadoras rurais, como se pode observar, por exemplo, pelos dados de evolução da renda e da diminuição do trabalho não remunerado nesse segmento (BUTTO, 2011, p. 33).

Desde meados dos anos 2000, cresceu o debate sobre a inclusão do enfoque de igualdade de gênero a partir da Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural (PNATER), consolidada através da nova lei de ATER pelo Decreto nº 7.215 de 15 de junho de 2010. É a partir de 2006 que a DPMR do MDA promoveu chamamentos públicos de projetos específicos de ATER para mulheres rurais no nível nacional, com o objetivo principalmente de realizar formações direcionadas à organização das mulheres em grupos produtivos para a sua inclusão econômica no desenvolvimento dos territórios rurais. Nesta linha, "uma diversidade de instituições tem se engajado na implementação de ATER para mulheres, o que também demonstra o alcance da internalização dos novos parâmetros estabelecidos" (BUTTO, 2011, p. 97).

---

<sup>4</sup> “O Territórios da Cidadania é uma estratégia de desenvolvimento regional sustentável e garantia de direitos sociais voltado às regiões do país que mais precisam, com objetivo de levar o desenvolvimento econômico e universalizar os programas básicos de cidadania. Trabalha com base na integração das ações do Governo Federal e dos governos estaduais e municipais, em um plano desenvolvido em cada território, com a participação da sociedade. Em cada território, um Conselho Territorial composto pelas três esferas governamentais e pela sociedade determinará um plano de desenvolvimento e uma agenda pactuada de ações” (BRASIL, 2008, s.p).

No Território da Cidadania do Médio Alto Uruguai (onde se insere Cristal do Sul) o eixo de gênero foi introduzido no Plano Territorial de Desenvolvimento Rural Sustentável (PTDRS)<sup>5</sup> na sua segunda edição, em 2010, a partir da demanda particularmente das mulheres lideranças que participavam do Colegiado de Desenvolvimento Territorial do Médio Alto Uruguai (CODETER).<sup>6</sup> A partir desta conquista se conseguiu a aprovação de dois chamamentos públicos de ATER para Mulheres Rurais neste território, o primeiro em 2013 e o segundo em 2015, implementados pelo Centro de Tecnologias Alternativas Populares (CETAP).<sup>7</sup>

Foram realizadas ações de formação com grupos de mulheres no território a partir destes chamamentos públicos, objetivando a organização produtiva destas em torno daquilo que elas já produzem habitualmente para a família nos seus quintais, mas que não tem sido reconhecido em termos de renda, para possibilitar, desta forma, a comercialização de seus produtos alimentares (em especial, para produtos agroecológicos).<sup>8</sup>

Na primeira atividade de formação do segundo chamamento, que aconteceu na época da pesquisa de campo, foi enfatizada a responsabilidade das mulheres rurais com a família e com o mundo na produção de alimentos saudáveis. Na ocasião, a extensionista encarregada da formação mencionava que “*o mundo passa fome porque temos poucas mulheres que produzem alimentos*”. Esta construção do novo sujeito de mulher rural na produção agroecológica para o desenvolvimento rural sustentável parece estender a responsabilidade histórica das mulheres no cuidado do outro, alcançando também a esfera global. Como observaram Charão-Marques *et al.* (2015), esta ‘dupla jornada’ na produção de alimentos e na reprodução da organização familiar, tendo em conta que as mulheres continuam comprometidas com o trabalho doméstico nas suas casas, termina criando um paradoxo, uma espécie de armadilha, sobrecarregando as próprias mulheres.

---

<sup>5</sup> A primeira edição do Plano Territorial de Desenvolvimento Rural Sustentável (PTDRS) do Território da Cidadania do Médio Alto Uruguai foi realizada em 2006. O PTDRS constitui uma guia dos eixos norteadores e das ações a serem implementadas para o desenvolvimento rural sustentável naquele território específico (PTDRS, 2006).

<sup>6</sup> Os Colegiados envolvem uma diversidade de atores sociais dos próprios territórios na construção das linhas e ações para o desenvolvimento rural sustentável dentro da abordagem territorial.

<sup>7</sup> O CETAP é uma organização da sociedade civil criada em 1986, com sede na cidade de Passo Fundo, que visa contribuir para a construção da agricultura sustentável com base em princípios agroecológicos. Informações obtidas pelo site do Cetap, disponível em: <<http://www.cetap.org.br/site/quem-somos/>>. Acesso em: 05 set. 2015.

<sup>8</sup> É importante ressaltar que um grupo de mulheres de Cristal do Sul foi contemplado pelos dois chamamentos de ATER para Mulheres Rurais. O desejo do grupo era organizar um pequeno “restaurante popular” no município, incluindo nele os alimentos que as próprias mulheres produziram nos seus quintais. Algumas das mulheres do grupo das Bruxinhas estavam participando também deste processo.

Para a responsável, no território, pela implementação destas ações de extensão, as mulheres rurais são autônomas quando decidem aquilo que querem produzir nos seus quintais, e quando percebem que os recursos econômicos conseguidos através da comercialização dos seus produtos oferecem um retorno financeiro para as suas casas, como mostra o trecho a seguir.

[...] Dentro da bagagem que a gente carrega e do que a gente sente a mulher, a gente tem inclusive muito cuidado ao falar da autonomia. A gente constrói autonomia, mas a gente não diz que isso é autonomia. A gente procura fazer com que elas entendam que elas podem decidir o dia que elas precisam sair de casa [...] e ao mesmo tempo ela é autônoma se ela consegue pensar em algo que ela pode introduzir dentro da sua propriedade para ter um recurso financeiro provocado, estruturado e pensado por ela [...] As que estão participando em feira, já depois do ATER, ou as que já estavam um pouquinho antes [...] a autonomia delas, veja bem, elas consideram a autonomia delas. É estar o quê? O rancho, o que a casa precisa, o que a família precisa para a sua subsistência, como o gás, o pagamento da luz, a conta de telefone, e o que ela não produz e precisa buscar fora, elas estão colocando em casa com as suas atividades. A grana. Isso não é autonomia da mulher, não, não. Mas é. Quando ela já está sabendo que aquilo que ela faz está suprimindo essa necessidade, e não é mais seus homens, sua soja, seu leite que faz, a gente já pode considerar isso autonomia. É? Porque ela já acordou, já sentiu que: eu que estou dando conta! Então, ao esse se dar conta, ela já está tendo autonomia [...] Agora, autonomia de mãos dadas, que se diz, de ser linha de frente, na questão de gestão, elas têm muito que andar ainda. Muito. Aí já é o empoderamento mesmo, já né? (Salete, em 08/08/2015).

As considerações trazidas aqui em momento algum invalidam ou questionam o valor e a propriedade dos esforços que têm sido feitos no sentido de garantir a chamada autonomia econômica das mulheres rurais, seja pela melhoria da renda ou pelo reconhecimento do trabalho. Os avanços recentes em políticas são inegáveis no reconhecimento do trabalho e do papel das mulheres para as transformações no campo brasileiro. No entanto, a problematização se faz necessária no sentido de também reconhecer as construções locais sobre autonomia, seus significados e reflexos nas práticas das mulheres, em especial, no que tange à ação coletiva. Assim, se fazem necessários novos ‘olhares’ e ‘fazeres’ em relação a práticas e discursos emergentes, neste percurso, uma perspectiva feminista e pós-colonial poderá inspirar estratégias políticas outras.

### 2.3 VIDAS E VOZES PRÓPRIAS: MICROAGENCIAMENTOS LOCAIS

Castro-Goméz (2007), a partir da *teoria heterárquica* do poder de raízes foucaultianas, destaca a importância dos estudos pós-coloniais irem além da análise etnográfica molar do funcionamento dos dispositivos de regulação e normalização do Estado, e olharem para as tecnologias de resistência e descolonização a nível molecular. Este autor chama a atenção

para as distintas lógicas decoloniais que acontecem em correntes microfísicas que afetam os corpos, os sentimentos e as relações interpessoais, e que aparecem no nível molar só de forma residual. Existem ‘linhas de fuga’ deleuzianas por onde a vida escapa ao poder. São temporalidades outras, práticas autônomas de subjetividade que escapam à regulamentação estatal. Castro-Goméz (2007) sugere focar nas potencialidades de ‘decolonialidade do Ser’, os microagenciamentos moleculares, para a transformação permanente do ‘habitus pós-colonial’.

Nesta linha, a partir da desconstrução sobre os discursos dos feminismos ocidentais e seus efeitos nas vidas das mulheres do terceiro mundo, Mohanty (2008) propõe análises locais e contextuais cuidadosas que possam inspirar estratégias políticas para a construção de feminismos do terceiro mundo. Trata-se de demonstrar analiticamente a produção dos grupos de mulheres como conjuntos socioeconômicos e políticos nos seus contextos particulares. Para isso é essencial dar atenção às diferentes expressões cotidianas de protesta e resistência destes grupos, aos espaços de manobra conquistados, aos microagenciamentos locais, e só gerar categorias teóricas a partir de cada contexto concreto analisado. O foco é escutar a compreensão que cada grupo de mulheres tem sobre si mesmas.

Finalmente, frente à objetivação das mulheres do terceiro mundo, os feminismos pós-coloniais propõem terminar com os discursos paternalistas e vitimistas, e seguindo a estratégia das práticas e discursos zapatistas, não fazer das diferenças um espaço invisibilizado, mas justamente expressar de forma aberta a heterogeneidade das diferenças. Segundo Hooks (2004), trata-se de visibilizar a diversidade de vozes, sem silenciar os dissensos. O desafio encontra-se, então, na articulação das diferenças dos distintos modos de ‘ser mulher’ desde suas especificidades de classe, raça, sexualidade, campesinidade e idade.

### **2.3.1 “Nós somos um grupo autônomo”**

Como já foi citado anteriormente, as Bruxinhas de Deus de Cristal do Sul são um grupo de mulheres que se auto-organizam em torno da elaboração e distribuição de remédios à base de plantas medicinais para a comunidade deste município. Estas mulheres se apresentam de forma enfática como ‘grupo autônomo’.

Segundo elas, a autonomia do coletivo é importante para “*ficar independentes, para poder tomar as próprias decisões*”, porque “*aqui tudo é política*”. Ao longo da pesquisa em campo foi sendo desvendada a forma sutil como se apresenta a situação de tensão político-partidária local. Algumas mulheres narram como as estratégias locais para a obtenção de votos eleitorais nas diferentes candidaturas chegam ao extremo de manipular pessoas,

provocar a divisão dentro das famílias, ameaçar membros da comunidade através de discursos religiosos fundamentalistas que provocam medo, entre outras estratégias duvidosas. Percebe-se, também, a permanência de um clientelismo profundamente arraigado que permeia localmente as relações sociais, assim com as dinâmicas políticas. É frente a esses conflitos político-partidários, às vezes, naturalizados entre as pessoas, que as Bruxinhas se autoafirmam como grupo autônomo.

Cabe salientar, aqui, que, durante a convivência na comunidade, pude sentir uma espécie de silêncio presente que pairava no ar na maioria dos espaços locais, uma narrativa silenciosa que todos pareciam conhecer, mas da qual ninguém falava na frente dos outros. Só nos momentos mais íntimos do cotidiano, quando permanecia a sós com as pessoas, é que apareciam os relatos destes conflitos, as histórias contadas sempre em voz baixa, com o cuidado de não serem ouvidos e ouvidas por ninguém. Nas entrevistas que realizei durante a pesquisa, sempre que os interlocutores queriam fazer alguma referência sobre a situação político-partidária solicitavam que desligasse o gravador de áudio para contarem suas histórias ou emitirem opiniões<sup>9</sup>.

A preocupação das Bruxinhas por autonomia enquanto não dependência político-partidária se encontra enraizada na origem do grupo, vinculada à formação de diferentes coletivos de mulheres focados na elaboração de remédios à base de plantas medicinais pelo Movimento das Mulheres Trabalhadoras Rurais (MMTR), atualmente conhecido como Movimento das Mulheres Camponesas (MMC).<sup>10</sup> Pode-se ler a seguinte orientação sobre a autonomia destes grupos na cartilha elaborada pelo movimento e que serve de guia norteador para o preparo dos remédios.<sup>11</sup>

[...] Outro ponto importante de colocar é sobre a autonomia de nossos grupos. A gente quer explicar para que fique claro. Nós não dependemos de ninguém no sentido organizado. Nós queremos ser autônomas, só dependendo do movimento de Mulheres Rurais. O motivo é: se a gente depender de uma paróquia no sentido de Igreja, o que aconteceria no momento que mudasse o pároco ou o pastor? Ele poderia, como já aconteceu, simplesmente dizer: - Não quero mais vocês aqui. Se nós dependemos de um prefeito num município, poderia acontecer uma reviravolta, uma mudança, e eles chegarem e dizer: - Não queremos mais vocês aqui. Já aconteceu isso! Nós não dependemos de movimentos governamentais que dependem do Governo, como por exemplo, Clube de Mães [...] Como essa experiência nós já tivemos, nós continuamos colocando como princípio gerador nosso, a autonomia dos grupos [...] Já começamos vários grupos através do Clube de Mães. Começamos, também, vários grupos através da pastoral da saúde, da pastoral da criança em paróquias. Começamos vários grupos através de prefeituras. Mas não dependemos

<sup>9</sup> Resguardo a privacidade dos interlocutores e interlocutoras desta pesquisa sobre tais opiniões.

<sup>10</sup> No próximo capítulo se descreve mais detalhadamente a origem e formação do grupo das Bruxinhas de Cristal do Sul.

<sup>11</sup> São encontrados mais detalhes sobre esta cartilha no próximo capítulo.

deles. Deixamos bem claro a nossa filosofia: não dependemos totalmente nem da igreja, nem do governo e nem dos políticos em geral (DUARTE, 2002, p.20-21).

Considera-se necessário ressaltar que o grupo das Bruxinhas de Cristal do Sul não é homogêneo, e já passou por alguns momentos de certa tensão interna devido às diferenças justamente no âmbito da autonomia política, especialmente depois da entrada de novas integrantes mais jovens no grupo. No entanto, permanece com firmeza no coletivo esta postura de autonomia perante outros atores sociais no sentido de “*tomar as próprias decisões*”.

As aproximações teóricas e empíricas feitas até este ponto mostram as primeiras pistas para compreender o significado de autonomia por parte do grupo das Bruxinhas de Cristal do Sul dentro do contexto local de marcantes relações clientelistas. Sobretudo, vai se desenhando a possibilidade de entendimento da autonomia por meio da compreensão e reflexão dos múltiplos aspectos que envolvem a elaboração e distribuição dos remédios à base de plantas medicinais, considerando que para elas a autonomia nesta atividade não parece fazer referência à motivação econômica, mas política. É assim que, superando a noção de que a autonomia está impressa apenas nos discursos que o próximo capítulo passará a desvendar um pouco mais sobre as práticas levadas a cabo pelas mulheres.

### 3 A ARTE DE USAR AS ERVAS: PRÁTICAS E TRANSFORMAÇÃO

Da estrada se vê uma casa, tem um gramado e uma linda árvore logo na frente, ali, se podem estacionar os carros, as motos e é por onde chegam as pessoas a pé. Chegando mais perto se lê: “Coletiva FM. A Rádio da Comunidade”; não tem erro, é ali mesmo que se chega à “farmacinha”. E, à direita, está um pomar de cítricos, ele conecta a sede da rádio com a casa onde vivem a Ivone e o Celso, que são as pessoas que dão vida à rádio comunitária (Figura 3).

Vale contar um pouco sobre o primeiro dia neste lugar, tão bonito quanto *sui generis*. Depois de sete horas de viagem de carro, chegamos em grupo, e fomos recebidas entre abraços e sorrisos. Havia umas quinze mulheres a nos esperar. É importante destacar, aqui, que não fomos recebidas pela frente da casa, que tem uma ampla sacada, ao contrário, fomos chamadas a entrar pela ‘porta dos fundos’, situada ao lado direito da sede. Entendo, então, algo que viria a se repetir ao longo de todas minhas estadas ali: os assuntos com a rádio são pela porta da frente, e as atividades com as Bruxinhas são pela porta de trás, no “Cantinho da Felicidade” ou “Cozinha das Bruxinhas”, como elas mesmas chamam.

Assim que chegamos, fomos convidadas a sentar, todas juntas em círculo para iniciarmos nosso encontro com uma “mística”,<sup>1</sup> prática cotidiana das Bruxinhas para começar suas reuniões. No centro da roda, há uma cesta com frutas, plantas medicinais e ornamentais, uma garrafinha com cachaça e um chapéu. O convite é para que cada uma das presentes escolha um dos elementos, o segure nas mãos, se apresente ao grupo e partilhe por que o escolheu, e o quê aquele elemento significa para si. Após esta rodada de apresentações, quando são acionadas as vozes das mulheres entre gestos, olhares, lembranças e risadas, nos contam sobre a história da formação do grupo e seu funcionamento na melodia do chimarrão.

Foi assim que ‘o lugar’, logo de início, se mostrou não só como uma entrada, mas como um dos elementos a explorar e entender. Na mesma medida, já ia ficando claro que tal lugar se constituía por algo mais. Assim, este capítulo parte deste lugar construído física e simbolicamente pelas mulheres de Cristal do Sul para evidenciar as práticas por elas desenvolvidas na interface entre o ‘místico’ e a necessidade cotidiana.

---

<sup>1</sup> Para Lassak (2012), as místicas nos movimentos sociais e, em especial, nos grupos formados por mulheres são uma nova expressão de espiritualidade que surge na medida em que as organizações sociais se desvinculam da(s) Igreja(s). As místicas se constituem em ritos que misturam oração, música, poesia, textos, danças e imagens, mas também espaços específicos que agrupam objetos e símbolos unidos em sincretismos diversos.

**Figura 3 - Sede da Rádio e da Farmacinha Comunitárias, ao lado, a casa da Ivone**



Fonte: acervo da pesquisa (2015).

### 3.1 CANTINHO DA FELICIDADE, O LUGAR

A Cozinha é um “puxado” que foi construído a partir da casa onde funciona a rádio. Existe uma porta que conecta os dois espaços por dentro, e que é usada de forma pontual quando se quer conversar com alguém que se encontra na rádio. A Cozinha tem dois espaços importantes. A sala maior é o espaço de encontro, reuniões e trocas, de preparar os remédios caseiros, de receber visitas de fora ou pessoas da comunidade para o atendimento em saúde, de “fazer rodar” o chimarrão, de contar “causos” ou problemas de saúde na família, de dar risadas, entre muito outros. É o território que dá vida às Bruxinhas de Cristal do Sul, o lugar de acolhimento de umas com as outras e de fortalecimento coletivo. A sala, de paredes vermelhas, tem alguns estantes com plantas medicinais e frascos de vidro (uns cheios de plantas, outros cheios de etiquetas e outros ainda vazios), uma pia, duas mesas com material para o preparo dos remédios caseiros, um armário fechado, uma pilha de cadeiras de plástico e um estante grande de madeira com potes pequenos de remédios já prontos, etiquetados e organizados. Nas estantes, também se encontram “troféus”, da 1ª e 2ª Feira do Artesanato e Produtos Coloniais do município de Cristal do Sul, conferidos em 2010 e 2011 respectivamente; assim como, alguns quadros religiosos com imagens representativas de Jesus e Maria. A outra sala da Cozinha das Bruxinhas, bem menor e situada entre o espaço maior e a rádio, tem estantes nas suas pequenas paredes onde são armazenadas garrafas de vidro etiquetadas que contêm as tinturas e elixires já preparados, um fogão a gás e uma geladeira com xaropes e pomadas prontos para uso (Figura 4).

**Figura 4 - A Farmacinha Comunitária ou “Cantinho da Felicidade”**



Fonte: acervo da pesquisa (2015).

O “Cantinho da Felicidade” é expressão do *fazer* cotidiano das mulheres, é o lugar onde se materializam saberes e afetos. Com isto vai ficando claro que as práticas das Bruxinhas não estão descontextualizadas, ao contrário, encontram-se profundamente enraizadas espacial e temporalmente. Isto significa que as práticas, aqui evidenciadas, primeiro, fazem parte do cotidiano das mulheres na farmacinha, segundo, são conformadas por múltiplos significados e materialidades (cujas fronteiras nem sempre são fáceis de discernir). Quando menciono tais materialidades a referência são as plantas, os vidros, a cachaça, as sementes, os remédios, as mudas e assim por diante, mas também são a rádio e a própria farmacinha. Estes entrelaçamentos vão fazendo surgir o que Schatzki (2015) chama de espacialidade existencial coletiva, que se ancora nas disposições materiais e sobre as práticas em si, as quais as pessoas são capazes de expressar, juntamente com entendimentos, propósitos e emoções que as organizam. Schatzki (2002) define a prática como um conjunto de ditos e feitos, assim, as práticas podem ser consideradas portadoras de significados, linguagem e normatividade, além serem fonte para a compreensão de mudança social, em especial, tomando as ações de pessoas em suas interações com o mundo material.

No entanto, este lugar constituído pelas práticas, faz parte de um processo que corresponde a uma trajetória que, embora, longe de ser linear, tem aspectos contingenciais que merecem atenção nos sentido de reconstituir as práticas como uma forma de acesso, uma espécie de chave, para entender as transformações que as mulheres foram construindo ao longo do tempo. Neste sentido, a próxima seção traz, justamente, esse exercício que foi

necessário para compreender como este ‘lugar’ passou a fazer parte da vida e das falas das Bruxinhas.

### 3.2 RAÍZES DA FARMACINHA DE CRISTAL DO SUL

Cedo numa manhã de maio, a Ivone parabeniza num programa da Rádio Comunitária a Iraci, uma das Bruxinhas mais engajadas do grupo. Como presente dedica uma música especial a ela: o hino das Bruxinhas!

*É nas matas e nas florestas que a Bruxinha encontra erva pra curar.  
É o amor, que revela a arte de usar a erva e a transformar.  
É em grupo com as companheiras,  
que a Bruxinha aprende o jeito de curar.  
É o amor, que revela a arte de usar a erva e a transformar.  
A ternura que a Bruxinha espalha é o grande tempero da sua missão.  
É o amor, que revela a arte de usar a erva e a transformar.*

Naquele mesmo dia, durante a tarde, passeando pelas ruas da cidade com a Iraci, muitas pessoas param para abraçá-la e parabenizá-la, tinham ouvido a mensagem e a música na Rádio. Foi um dia de descobertas, primeiro o hino e, já à tardinha, durante o ritual cotidiano de conversas com chimarrão na casa da Ivone, ela me mostra esta e outras músicas do álbum “Mulheres Cantando sua História”. Aquelas mulheres tinham ‘história’, ficava ainda mais evidente que uma trajetória as tinha trazido até ali.

#### 3.2.1 As bruxas às pazes com Deus

As raízes do grupo se encontram na trajetória de mobilização e participação das mulheres no Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA) e no Sindicato dos Trabalhadores Rurais (STR) de Cristal do Sul. Algumas das Bruxinhas, entre elas a Ivone, a Iraci e a Ondila, já participavam, de longa data, destas organizações. Também, se identifica uma influência que vem do contato com o Movimento das Mulheres Camponesas (MMC) – que será detalhado em seguida.

Misturam-se nas falas das Bruxinhas diversas razões pelas quais iniciou o grupo. Longe de aparentar contradição, mostra-nos a complexidade e a dinâmica de ações racionais, subjetividades, afetos, desejos e fatos envolvidos no processo de formação do grupo. “*Por que nós existimos? Pela necessidade de qualidade de vida, de saúde*” (Iraci, em 12/03/2015).

Interessante mencionar que uma publicação que contém o resgate histórico do município, inclui também um texto sobre este grupo de mulheres, escrito por elas mesmas<sup>2</sup>. Abaixo um pequeno trecho deste texto, que parece mostrar algumas das motivações das Bruxinhas para o trabalho com as plantas medicinais:

[...] Há muito tempo Cristal do Sul busca mais conhecimento sobre ervas medicinais, porque conhecemos a nossa realidade, pois se ficarmos doentes o custo dos medicamentos é muito caro, e todos nós devemos amar e preservar a vida, tendo uma conscientização do que faz bem para a nossa vida (CRISTAL DO SUL, 2011, p.143).

Dona Ondila é uma das Bruxinhas que faz parte do grupo desde os primórdios. Sua filha, Aliete, que já participou do grupo durante uma época, fez um trabalho de resgate da história das Bruxinhas de Cristal do Sul, em 2012, como atividade experimental de reportagem numa disciplina do seu curso de graduação em Comunicação Social (Habilitação Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Maria). As mulheres do grupo falam ‘com orgulho’ desse trabalho no nosso primeiro encontro. Semanas depois, já inserida no cotidiano da comunidade e estabelecendo relações de confiança, sou presenteada pela própria Aliete, durante uma conversa na casa dela, com uma cópia impressa do seu trabalho. Por tudo isso, entendo o registro da Aliete como parte da forma como as próprias Bruxinhas se apresentam. Um trecho do trabalho, abaixo, vai dando a entender aspectos sobre a conformação do grupo.

[...] o município de Cristal do Sul, onde estas mulheres residem apresenta uma população de origem rural, e *os seus antepassados já possuíam muitos costumes e aprendizados sobre as ervas medicinais. E com o objetivo de resgatar estes conhecimentos* o Movimento dos Pequenos Agricultores MPA, juntamente com o Sindicato dos Trabalhadores Rurais STR, buscou na pessoa de Lourdes Maria Prado Duarte, Rafinha, estes saberes mais aprofundados. Porque com isto estariam passando para outras pessoas, resgatando a nossa história e é também uma maneira mais barata de medicamentos (MARTINS, 2012, p.5-6, grifo nosso).

É, em meados de 2005, que um grupo de mulheres faz um primeiro contato com a Rafinha, que já tinha um trabalho reconhecido junto a grupos ligados ao MMC. Ela vai a Cristal do Sul para realizar uma ‘formação’ com as mulheres, aparentemente, este foi um marco importante na formação do grupo das Bruxinhas de Deus de Cristal do Sul. Rafinha foi convidada pelo Augusto, integrante do MPA que, à época, fazia parte de projetos de extensão e assistência técnica na região; e que “*conhecia o sofrimento e o desamparo das mulheres da*

<sup>2</sup> Cabe ressaltar que, após um tempo de pesquisa em campo junto às Bruxinhas, a Ivone me mostrou ‘com orgulho’ este livro que resgata a história do município de Cristal do Sul, e que contém um texto intitulado “Bruxinhas de Deus, a serviço da vida”, junto com uma fotografia do dia que elas consideram foi a “*formatura do grupo*”. Naquele momento, a Ivone me deu de presente este livro.

*comunidade. No início, o grupo era uma forma de apoio*” (Iraci, em 12/03/2015). Assim, parece que a formação do grupo está relacionada a um entrelaçamento de motivações, que misturam preocupações com a “*saúde e a qualidade de vida*” da comunidade, o alto custo dos medicamentos farmacêuticos, uma vontade de “*resgatar conhecimentos*” sobre as plantas medicinais, e uma necessidade de auto-organização das mulheres para o apoio mútuo.

Ao mesmo tempo, se percebe que havia uma necessidade de buscar certa legitimação e/ou apoio ‘externo’. Por exemplo, as Bruxinhas se referem à Rafinha como a “mestre” do grupo, como a grande inspiradora, que “nos trouxe todos os ensinamentos, e nos preparou trabalhando conosco o lado positivo da vida e nos acompanha até os dias de hoje” (CRISTAL DO SUL, 2011, p.143). A Rafinha é uma mulher carismática, hoje com 70 anos, e que tem uma trajetória de vida marcada pelo trabalho de base “com os pobres”, com forte inspiração na Teologia da Libertação. Após atuar como freira por 17 anos, escolheu sair da congregação da Igreja para conviver e trabalhar diretamente com as comunidades “mais carentes”. Uma motivação central era a preocupação com a saúde das comunidades rurais, especialmente, com aquelas que tinham um acesso difícil ao sistema de saúde, por isto seu trabalho sempre iniciou pelo resgate e uso das plantas medicinais, agregando outras terapias mais recentemente<sup>3</sup>.

Para entender melhor esta influência da Rafinha é necessário trazer alguns aspectos que se referem a como ela se engaja neste processo mais relacionado aos processos organizativos das mulheres propriamente ditos. Em sua história de vida, registra-se que, depois de passar por dois episódios com graves enfermidades, e tendo sido curada de forma ‘natural’, decide que sua missão seria criar grupos de mulheres que se dedicassem à saúde integral dos seres em suas comunidades (MARTINS, 2012, p. 3). Na Linha Solidão do município de Maquiné, no Litoral Norte do Rio Grande do Sul, onde foi morar, ajudou a formar a primeira farmácia caseira comunitária em 1992, tendo criado o grupo de Mulheres Unidas na Solidão, que, hoje, tem o nome de “Filhas da Esperança”. O trecho abaixo faz parte de uma publicação, elaborada pela Rafinha, e fala um pouco deste início de trabalho de organização.

[...] Fizemos nossa primeira experiência com plantas, quando o grupo resolveu, a partir de nossas reuniões faladas, cantadas e brincadas para a prática. Preparamos o xarope para a tosse. Foi um sucesso! Fizemos esse xarope com a fruta do gravatá. Juntas descobrimos a maneira de preparar: assamos as frutas, e depois as cozinhamos na caldo do açúcar mascavo. O resultado foi ótimo. Cada mulher do grupo levou uma prova para casa. Na semana seguinte trouxeram o resultado. A partir daí, não paramos mais, até hoje (DUARTE, 2002, p.8).

<sup>3</sup> Mais detalhes sobre a história de vida da Rafinha se encontram na dissertação de mestrado de Adriana Samper Erice (2015).

Em oito de março de 1994, Dia Internacional da Mulher, o grupo recebeu o convite do padre da Paróquia do município de Três Cachoeiras, também no Litoral Norte do RS, para ajudar a formar uma farmacinha comunitária nesse local, onde as mulheres já tinham um trabalho com plantas medicinais através da Pastoral da Saúde. A partir de então, a Rafinha junto com outras companheiras iniciaram um processo longo de formação de farmacinhas comunitárias em municípios do interior do estado, envolvendo grupos de mulheres, especialmente aqueles que tinham alguma ligação com o Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais (MMTR), reconhecido atualmente como Movimento das Mulheres Camponesas (MMC).

[...] A partir de 1994, começou a mudar nosso jeito de trabalhar [...] Esse pequeno acontecimento do dia da mulher abriu um grande horizonte e não paramos mais. O Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais, o MMTR, que já está espalhado na Região Litorânea há muitos anos, foi quem nos convidou para começarmos a ajudar na região toda. A Coordenação Regional nos convidou para iniciarmos Grupos de Saúde na região, introduzindo neles as farmácias caseiras com as quais tínhamos começado em Maquiné. Nesse ano, começou a missão mais rica de contato com as agricultoras de toda a região (DUARTE, 2002, p.13).

A Aliete expressa sua compreensão de como foi essa mudança do trabalho a partir de 1994 e de como se inseriram os debates e reflexões sobre gênero na formação dos grupos de mulheres, da seguinte maneira:

[...] poucos meses depois perceberam que as plantas, embora curativas e tão amigas não significassem uma saúde integral. As mulheres, que participam dos grupos continuavam expressando tristeza, desânimo pelos interiores em que viviam. Então, em 1994, uma nova visão de formação básica chegou. Não mais começava um grupo pelas plantas, como as mulheres pediam, mas sim por gênero. A relação homem-mulher é a maior dor e causa de doenças é a dor emocional, sendo uma parte muito importante do ser humano (MARTINS, 2012, p.3).

Estas experiências dos grupos de mulheres do MMTR (hoje MMC) junto com a Rafinha em saúde integral foram sistematizadas em um projeto que chamaram “Plantando Saúde”. A fala da Rafinha, captada por Erice (2015), explica melhor esta relação:

[...] Eu era liderança da formação. Quando chegou o ano 2003, o Movimento estadual de Passo Fundo (RS) fez um projeto, o Plantando Saúde, e eu e mais três companheiras do litoral percorremos o estado durante dois, três anos, as 14 regiões de Rio Grande do Sul, onde tinha o MMC. Aí nos reuníamos todo o povo da região, todas as mulheres, e nós passávamos tudo para elas poderem começar uma Farmacinha lá (Rafinha, em 13/01/2015 *apud* ERICE, 2015, p.98).

[...] O objetivo do Movimento para o projeto, mais do que qualificar ou procurar renda, era fomentar o debate sobre a promoção da saúde autônoma dentro dos diversos grupos do MMC no estado de Rio Grande do Sul, incentivando e valorizando o saber popular, especialmente a respeito das plantas medicinais [...] Este projeto foi encerrado no ano de 2006, mas teve uma grande repercussão no Estado. A partir dele, mais de 70 Farmacinhas Comunitárias foram criadas, várias das quais continuam vivas até hoje, dando seguimento ao trabalho com plantas medicinais e outras terapias alternativas (ERICE, 2015, p.96-98).

A Farmacinha Comunitária das Bruxinhas de Deus de Cristal do Sul tem, então, suas raízes neste longo processo de formação de grupos de mulheres em saúde integral promovidos pelo MMC e com o protagonismo da Rafinha, com a ajuda de outras companheiras. Longe da visão de um ‘modelo pronto’ de farmacinha que se multiplica de forma padronizada, cada grupo de Bruxinhas reconfigura e ressignifica os conhecimentos e as práticas de cuidado em saúde através de seus repertórios locais. É justamente a partir das necessidades, das possibilidades e limitações de cada situação concreta que as Bruxinhas vão desenhando suas respostas locais. Uma mistura permanente de dinâmicas de conhecimentos e práticas cotidianas vai consolidando o *saber-fazer* de cada grupo, entendido como “um saber não dissociado do fazer, um saber em constante transformação, pois se apropria de elementos externos, os transforma e absorve” (DE CERTEAU, 1998, p.155). Neste ponto, é onde se encontra a riqueza e diversidade do que identifico como microagenciamentos locais das Bruxinhas.

O grupo de mulheres da Farmacinha Comunitária de Cristal do Sul, como já mencionado, se autoidentifica como “Bruxinhas de Deus”. A escolha do nome completo (Bruxinhas de Deus, Mensageiras da Luz e da Saúde) se deu durante a formação do grupo de mulheres, ainda em 2005, e elas expressam que:

[...] Bruxinhas de Deus são pessoas que colaboram com o pouco que tem para o mundo. Nos registros de nossa companheira Rafinha somos o grupo de nº 101, somos uma extensão do trabalho de doação de nossa mãe Rafinha, sem ela hoje não seríamos Bruxinhas. O trabalho específico na área de Ervas Medicinais iniciou em 05 de setembro de 2005, e o nosso grupo é conhecido como: Bruxinhas de Deus, Mensageiras da Luz e da Saúde (CRISTAL DO SUL, 2011, p.144).

O nome original de também identifica muitos dos grupos das Farmacinhas Comunitárias criadas a partir da formação em saúde integral do MMC. Conforme relatado pela própria Rafinha, o nome surgiu em 1995, a partir da fala espontânea do Padre Francisco ao referir-se ao trabalho de formação das mulheres com plantas medicinais em Barcelos (Amazônia brasileira). O trecho retirado de Erice (2105) é elucidativo neste sentido:

[...] Mas o dia que a gente foi pra Igreja, o padre não nós apresentou como Pastoral da Saúde, senão como “Bruxinhas de Deus”. Aquilo me deu uma alegria, achei bem bonito porque pensei que nós podemos resgatar um pouco da história das Bruxas, toda a tortura, tudo o que aconteceu com as mulheres desde a Idade Média [...] Tem pessoas que questionam, mas aí, nós explicamos. As mulheres que faziam tudo isso provocaram a inveja dos homens. Elas curavam, elas mexiam com a natureza, eram mágicas, bruxas mesmo, no sentido de transformar uma plantinha num chá, um toque na cura. Elas tinham a força da terra, do ar, do fogo e da água, elas tinham isso tudo vivo, que nós perdemos com o tempo [...] Tem pessoas que questionam, mas aí, nós explicamos [...] e eu digo que sim, que lembra uma história muito triste ligada à Igreja, porque também ajudou a condenar essas mulheres, e é por isso mesmo que nós temos que resgatar (Rafinha, em 13/01/2015 *apud* ERICE, 2015, p.111-112).

Também, segundo a Rafinha, conforme ela registra, as Bruxinhas de Deus assim se constituem por terem propósitos muito claros:

[...] oferecemos a todos os grupos de pessoas que querem ser canais de energia e de cura do nosso povo! Todas essas pessoas são Bruxinhas de Deus, pois são canais de VIDA, que vem dele, seja qual for seu nome! (DUARTE, 2002, p.24).

As Bruxinhas de Cristal do Sul contam que, no início, houve uma rejeição da comunidade ao nome do grupo, mas que, aos poucos, foi sendo aceito, aparentemente, mais pelo tipo de trabalho que elas realizam, do que pelo nome em si. A Aliete deixa registrado este estranhamento no trecho que reproduzo abaixo.

[...] Inicialmente o nome do grupo, Bruxinhas de Deus causava surpresa nas pessoas, porque o nome de Bruxa geralmente está relacionado a maleficências. No entanto, este grupo de mulheres apresenta um trabalho diferencial, voluntário e que vem colaborando para o bem estar dos cidadãos cristalenses (MARTINS, 2012, p.2).

Interessante registrar que, no primeiro encontro com o grupo, elas se apresentaram como “Filhas da Luz”, mas, durante todo acompanhamento em campo, nunca mais ouvi elas se referirem ao grupo dessa forma, ao contrário, sempre mencionam “Bruxinhas de Deus”. A esse respeito, cabe narrar uma vivência durante a pesquisa que ajuda a compreender como constroem a figura da ‘bruxa’ para si, ao que parece como um elemento agregador, mas também diacrítico no sentido de serem identificadas como as mulheres da farmacinha, mas também como alguém que faz a diferença.

As mulheres estavam reunidas para mais uma formação<sup>4</sup> com a Rafinha e, neste dia, ela chega, trazendo um presente especial para a Ivone: uma figura (um enfeite) que se usa

---

<sup>4</sup> As formações deixaram de ser realizadas por um bom tempo, tendo sido retomadas recentemente. Neste dia, o trabalho era de capacitação para aplicação de Reiki, que é uma terapia de cura baseada na imposição das mãos, cujas origens se encontram no Budismo tibetano.

para decorar a cuia com erva mate quando o chimarrão está servido. O presente foi muito valorizado e viria a render muitas conversas e comentários. O particular desta situação é que a figura mostra uma mulher branca de cabelo escuro segurando uma vassoura, com um vestido e um chapéu roxos (Figura 5), simbolizando claramente uma “bruxa” (ou, pelo menos, o que se convencionou como bruxa contemporaneamente). Esta figura passou, então, a fazer parte de todas as reuniões, encontros, formações e conversas informais. A presença da identidade de “bruxa” passou a acompanhar os rituais cotidianos da roda de chimarrão na casa da Ivone, na Rádio Comunitária, no Cantinho da Felicidade, na formação em Reiki, entre outros espaços.

**Figura 5 - A “bruxa” sempre presente nos encontros do grupo**



Fonte: acervo da pesquisa (2015).

### **3.2.2 Conhecimentos sobre as plantas medicinais**

As Bruxinhas de Deus de Cristal do Sul identificam a formação em saúde integral e plantas medicinais com o apoio da Rafinha como uma prática que marcou o início do grupo, mas também que desenhou seus princípios e suas bases de funcionamento. As Bruxinhas que acompanharam essa formação se referem a ela com afeto e como um momento intenso de aprendizado e mudança nas suas vidas. A maioria delas afirma que costumava tomar chá feito com plantas da região, assim, desde a infância e juventude, usam as “ervas” para os problemas de saúde, como dores de barriga, vermes e resfriados (essas são as menções mais corriqueiras). O que as mulheres contam é que aprenderam sobre as plantas e seus usos com suas mães e avós. Dona Ondila e seu marido, o Romário, narrando suas histórias de vida de luta e resistência, numa certa manhã bem cedo, ao redor do fogão à lenha e na companhia do chimarrão, contam as dificuldades de suas famílias quando eles eram crianças, as longas

distâncias que precisavam andar, a falta de recursos, o uso das plantas medicinais, os partos naturais deles, de seus irmãos e de seus próprios filhos.

As Bruxinhas relatam que a comunidade, inclusive elas, foi deixando de usar os chás de forma gradual, especialmente a partir da facilitação do acesso aos medicamentos farmacêuticos. Para elas, as pessoas da comunidade foram se acostumando com o imediatismo dos “efeitos rápidos” dos medicamentos. Uma clara expressão desta situação é o caso do médico cubano que trabalha no único posto de saúde do município<sup>5</sup>. A comunidade o chama de “chazinho” de forma irônica, pois, dizem que ele “só receita chá”. Durante a pesquisa, fui conversar com ele, no posto de saúde. O médico expressa sua percepção de certa sobremedicalização dos pacientes, aparentemente, por própria demanda destes. Afirma que não ‘receita’ chá, mas que só ‘indica’ o chá nos problemas que são de “raiz emocional” segundo seu diagnóstico. Na sua visão, existe localmente o hábito das pessoas visitarem o posto só para conseguirem a receita para os medicamentos, sendo que, em muitos casos, os problemas não são propriamente de ordem física, ou seja, estão ligados a motivos psicológicos e/ou comportamentais, ou mesmo associados ao estilo de vida das pessoas. Na mesma linha, a enfermeira Patrícia, que também atua no posto de saúde, e é coordenadora das agentes comunitárias de saúde<sup>6</sup> do município, relata a existência desta sobremedicalização dos pacientes. O trecho de entrevista realizada com ela justamente trata deste tema:

[...] o uso indiscriminado de medicação no nosso município é exorbitante. É então assim, o pessoal usa bastante. Tem a mania de vir aqui, como a enfermeira tem protocolo de prescrição, de entrar aqui: me dá um paracetamol, me dá um diclofenaco, aí, preciso de um antibiótico. Eles se automedicam, se autoprescrevem, se autodiagnosticam. Então, é uma loucura (Patrícia, em 24/06/2016).

Este é o caso, por exemplo, do uso abusivo do omeprazol (princípio ativo utilizado para controle de acidez estomacal), que recentemente vem sendo substituído, de forma gradual, pelo chá da espinheira santa<sup>7</sup> em muitos pacientes. Essa substituição não está sendo realizada ao acaso, é importante registrar que tem havido um processo de pesquisa, de busca de informações por parte da enfermeira, que conta com o apoio das agentes de saúde. Alguém poderia questionar, mas por que as agentes de saúde? É a participação de forma integral do

<sup>5</sup> Lembrando que a presença de médicos estrangeiros atuando em muitos municípios brasileiros é parte das estratégias de política públicas recentes, uma delas é a chamada Mais Médicos, do Ministério da Saúde, que buscou ampliar o número de profissionais também em localidades mais distantes dos grandes centros urbanos.

<sup>6</sup> As agentes comunitárias de saúde fazem parte do atendimento comunitário em saúde pela Estratégia da Saúde da Família do Sistema Único de Saúde.

<sup>7</sup> *Maytenus ilicifolia* e/ou outras espécies, que são nativas no sul do Brasil.

grupo das Bruxinhas de Deus que parece conferir esta legitimidade, esta certa autoridade em dar suporte para um trabalho de tentativa de diminuição do uso indiscriminado do medicamento.

Longe de perpetuar uma visão dicotômica entre ciência biomédica e conhecimentos locais, o *saber-fazer* das Bruxinhas mostra a complexidade e o dinamismo da construção do conhecimento, envolvendo uma heterogeneidade de manifestações, como argumentado por Guivant (1997), ela é resultado do processo de modificação, invenção e reapropriação de vários conhecimentos num fluxo contínuo. Assim, o conhecimento, fruto da formação junto à Rafinha, é reconfigurado e ressignificado dentro do grupo a partir do *saber-fazer* que cada Bruxinha traz a partir de sua trajetória de vida, mas também a partir do *saber-fazer* que o grupo constrói coletivamente desde as necessidades, possibilidades e limitações cotidianas. Pode-se observar parte desta reapropriação dos conhecimentos no seguinte trecho, que trata sobre o processo de formação com participação da Rafinha, e que foi escrito pelas próprias Bruxinhas de Cristal do Sul.

[...] No dia 05 e 06 de setembro, recebemos a 1ª visita da Rafinha, convidamos mulheres de todas as comunidades e tivemos a presença de 31 mulheres. O encontro realizou-se no pavilhão da comunidade de São Valentim do Braga. Os temas trabalhados nesta 1ª etapa foram: Relação homem-mulher e condição humana. [...] Na segunda etapa que aconteceu nos dias 05 e 06 de dezembro de 2005, na cozinha das bruxinhas criamos o nosso “Cantinho da Felicidade”. O nosso cantinho fica junto às instalações da Rádio Comunitária. Nestes dias fizemos o estudo das ervas e iniciamos o processo de tinturas. [...] Na terceira etapa estudamos: Como ser líder e continuamos com o processo das ervas, onde na oportunidade criamos o nosso primeiro Elixir: Elixir Figatil. Todos esses encontros foram acompanhados pela Rafinha. A partir de então começava o nosso estágio com duração de 3 meses e *teríamos que realizar o nosso trabalho sem a participação da Rafinha, somente com a colaboração e conhecimento das mulheres integrantes do grupo. O trabalho nos surpreendeu e continuamos unidas* e realizando nossas atividades sempre com muita disponibilidade (CRISTAL DO SUL, 2011, p.144, grifo meu).

Durante os encontros das Bruxinhas, que ocorre sempre às quintas-feiras à tarde, há trocas constantes de receitas, de plantas, de sementes, de leituras, de reflexões, de *fazer*es conjuntos. Em cada época do ano, as mulheres vão indicando umas para as outras onde achar cada planta: “*tem um pé lá no morro*”, “*tenho duas mudas em casa, posso trazer*”. A Ivone, que trabalha na Rádio Comunitária, procura permanentemente informação na internet e traz para o grupo. A Iraci, que é professora da rede estadual de ensino, traz sempre algum livro sobre plantas medicinais para consultar. As agentes comunitárias de saúde do município, que fazem parte do grupo (entre elas a Ivone), expõem os problemas de saúde das comunidades do interior acompanhadas por elas, assim como a situação dos grupos de hipertensos e diabéticos

do município (há grupos formados para acompanhamento dos profissionais de saúde, fazendo parte de procedimentos específicos de atenção básica).

Esta mistura permanente e dinâmica de conhecimentos que vão reconfigurando as práticas cotidianas das Bruxinhas na Farmacinha nos desloca da concepção de ‘conhecimento tradicional’ homogêneo e estático, ou mesmo da noção de um ‘saber puro’ que precise ser conservado (GUIVANT 1997). Aqui o conhecimento é interpretado como constituído pelas formas em que as pessoas categorizam, codificam, processam e imputam significado a suas experiências (ARCE; LONG, 1992).

[...] O conhecimento assim emerge como resultado de acomodações nas situações de interface entre diferentes mundos dos atores. As situações de interface são definidas como pontos críticos de intersecção entre diferentes sistemas, campos ou domínios sociais, nos quais tendem a encontrar descontinuidades segundo diferenças de valores, interesses e mundos de vida. Isto é, o conhecimento é construído socialmente num encontro de horizontes entre diferentes atores específicos. Diversos elementos se conectam neste processo através do qual os atores absorvem novas informações a partir de seus repertórios cognitivos (GUIVANT, 1997, p. 433).

A Ivone conta como as Bruxinhas sempre esclarecem que o trabalho que elas realizam é de “*prevenção*”, e que as pessoas da comunidade com problemas de saúde não devem deixar de buscar atendimento junto ao posto de saúde. Isto mostra novamente uma visão menos de oposição entre distintos corpos de conhecimento, e mais de certa complementaridade entre estes. Assim se ouve delas: “*descobrimos que nossa doença não era doença*”, e que “*as pessoas sabem se sanar*”. Em outras palavras, o *saber-fazer* das Bruxinhas se fundamenta na confiança das capacidades regulatórias do organismo, na confiança do potencial autônomo das pessoas para cuidarem da sua saúde até certo limite.

Neste enfoque de prevenção da saúde, as Bruxinhas têm uma posição crítica frente ao uso indiscriminado de agrotóxicos, que é parte da realidade econômico-produtiva da região. Como citado no primeiro capítulo, a maior parte das unidades de produção agrícola do Território do Médio Alto Uruguai está voltada à produção de grãos como o milho, a soja e o trigo para o mercado externo, além da integração com grandes cadeias de produção de aves, suínos e tabaco, entre outros (PELEGRINI; GAZOLLA, 2008). As Bruxinhas narram, entre risadas, como trouxeram esta questão na “*formatura do grupo*”, depois de terem completado o curso de formação com a Rafinha e o período de estágio sem ela. A formatura foi na Igreja de Cristal do Sul, com a participação do Padre Paulo, apoiador do grupo e que, como elas dizem, “*sempre nos deu força*”. Nesse dia, a Igreja lotou. No “*momento do perdão*”, de “*se liberar das coisas ruins, negativas*”, pediram “*perdão pelo mal feito à natureza*”, e a Dona Alzira, “*a*

*mais velha do grupo*”, entrou na Igreja vestida de preto, arrastando embalagens de “*veneno*” em uma performance deliberadamente pensada para chamar a atenção. Elas contam que: “*foi muito forte, tudo mundo ficou surpreso*”. Este ‘acontecido’, está registrado no trabalho da Aliete, como consta no trecho abaixo transcrito.

[...] No dia 18 de agosto de 2006, as mulheres receberam o certificado referente a este estudo e trabalho com ervas. E na sua formatura foi realizada uma missa na Igreja Imaculada Conceição, o grupo encenou para a comunidade o que ocorre com as pessoas que utilizam de agrotóxicos nas plantações, o mal que causam no meio ambiente e sua saúde e de seus familiares. Neste dia, o Presidente do STR [...] e sua esposa [...] tornaram-se os padrinhos do grupo (MARTINS, 2012, p.5).

### 3.3 O COTIDIANO NA FARMACINHA: A CURA NÃO ESTÁ SÓ NO REMÉDIO

Toda quinta-feira à tarde, no “Cantinho da Felicidade”, quem chegar vai encontrar as mulheres reunidas para preparar os remédios, atender as pessoas da comunidade que chegam até o local, trocar informações, receitas, plantas e ‘risadas’.

O grupo elabora remédios principalmente em forma de tinturas, elixires, xaropes e pomadas a partir de uma diversidade de, até, 64 plantas medicinais diferentes. As mulheres colhem as plantas diretamente dos seus quintais ou de locais específicos que elas já conhecem, cuidando sempre não colhê-las próximo das plantações onde se usam fertilizantes químicos e agrotóxicos, nem das estradas onde há o acúmulo de muita poeira. Existe uma troca permanente dentro do grupo sobre os lugares onde encontrar determinadas plantas, tendo em conta que a geada reconfigura anualmente as paisagens locais. Segundo a Ivone, as Bruxinhas já tentaram fazer uma horta medicinal, mas, segundo ela, “*não deu muito certo*”. Como algumas moram em locais distantes da sede da farmacinha e as agentes de saúde também realizam seus trabalhos todos os dias em comunidades afastadas, acaba sendo mais prático que cada uma cuide de seu canteiro de plantas em casa e leve depois para o grupo.

Recentemente, a Ivone resgatou a iniciativa da horta medicinal no próprio quintal da Rádio Comunitária e da Cozinha das Bruxinhas. Para tanto, mobilizou a Secretaria de Agricultura de Cristal do Sul, que atualmente está a cargo do vice-presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais do município e padrinho das Bruxinhas, para que um trator fizesse a terraplanagem do local destinado à horta medicinal. Depois do terreno terraplanado, foi estabelecida uma horta medicinal em forma circular e, aos poucos, as Bruxinhas foram plantando outras mudas. O objetivo desta iniciativa é especialmente poder oferecer algumas

plantas medicinais para as pessoas que vêm até o local para serem atendidas, de forma que estas possam fazer seus chás nas suas próprias casas.

Voltando para o processo de preparo dos remédios, as Bruxinhas colhem, então, as plantas e fazem normalmente o processo de secagem nas suas próprias casas. Não existe um processo de armazenagem das plantas secas, como acontece em outras Farmacinhas Comunitárias<sup>8</sup>. No grupo de Cristal do Sul, as mulheres têm um controle regular sobre a quantidade de remédios prontos e sobre aquilo que está faltando ou que vai ser mais demandado em determinados períodos do ano. A partir, também, dos tratamentos contínuos que as pessoas da comunidade estão fazendo, elas calculam os remédios que precisarão a curto e médio prazo, e organizam a colheita das plantas em função desta previsão. Nos encontros das quintas, aproveitam para perguntar quem tem ou sabe onde há determinada planta, quem pode trazer aquela outra na semana seguinte, e assim por diante. É uma organização cotidiana que funciona num fluxo contínuo a partir das necessidades e demandas, assim como da articulação interna das mulheres do grupo.

As Bruxinhas de Cristal do Sul usam cachaça artesanal, comprada de um vizinho, elas dizem que é de “fonte segura”. A cachaça funciona como extrator alcoólico em substituição ao álcool de cereais, em geral preconizado como solvente no preparo de tinturas a base de plantas (extratos hidro-alcoólicos). Essa recomendação para a extração dos princípios ativos das plantas medicinais segue as orientações da própria Rafinha (DUARTE, 2002, p.30). Em frascos de vidro, são colocadas as plantas secas junto com a cachaça pura, deixando-os por um tempo no escuro, esta fase do preparo é denominada de “curtição”, ou seja, é o período necessário para que haja extração dos componentes químicos. Para que o processo ocorra sem a interferência da luz, que pode transformar os princípios, cada frasco é envolto em folhas de jornal e colocado num armário fechado. As Bruxinhas identificam cada vidro com o nome da planta e com a data em que esta foi mergulhada na cachaça. Para a curtição “são necessários 20 dias para as folhas, e um mês para as sementes, flores, cascas, cipós e própolis” (DUARTE, 2002, p.30). O grupo de Cristal do Sul deixa as folhas curtirem por trinta dias e as cascas, sementes e cipós por sessenta dias (Figura 6). Cada tintura é, depois de pronta, coada, colocada em garrafas escuras e etiquetada com o nome da planta. As tinturas são armazenadas nas estantes da sala pequena, que é propositalmente pouco iluminada, se convertendo em uma espécie de depósito. Existe um cuidado regular quanto ao prazo de validade das tinturas, e um controle das quantidades armazenadas de modo que nunca fiquem sem esta ‘matéria-prima’.

---

<sup>8</sup> Como relatado no caso da Farmacinha da Solidão em Maquiné. Mais detalhes ver Erice (2015, p.125).

**Figura 6 - Materiais utilizados para extração de princípios ativos das plantas medicinais e preparo de tinturas**



Fonte: acervo da pesquisa (2015).

É com a mistura de cinco ou seis tinturas distintas na mesma proporção que são elaborados os elixires (Figura 7). No início do trabalho, utilizavam somente três elixires, hoje, preparam 25 elixires diferentes. Existe uma série de cuidados com o preparo dos elixires, por exemplo, quanto às misturas e substituições. Nos encontros do grupo, percebi que, em geral, todas as mulheres participavam de todos os processos no preparo dos remédios, desde colher e secar plantas, recortar etiquetas, lavar vidros, coar tinturas, colocar as plantas e a cachaça nos frascos, distribuir os elixires prontos em potes menores, entre outros. Muito embora, também seja observável que elas desenvolvem certas preferências por algumas atividades, dentro do possível, isso é respeitado dentro do grupo. No entanto, o preparo dos elixires é atividade específica e delegada pelo grupo à Ivone. Apenas em uma ocasião, em que ela não estava presente, pude observar uma das agentes de saúde, a Cassiane, fazendo a mistura das tinturas para elaborar os elixires. A mistura de tinturas para a elaboração de cada elixir é feita seguindo as receitas do livro das “Bruxinhas de Deus: a serviço da vida”, material sistematizado pela Rafinha quando ainda atuava junto ao MMTR (atual MMC), e que tem servido de referência para as distintas Farmacinhas Comunitárias, como mencionado por

Benvegnú (2014) e Erice (2015). Da mesma forma que as tinturas, os elixires são colocados em garrafas escuras e armazenados nas estantes do depósito. Na medida do necessário, os elixires vão sendo fracionados em vidros menores e etiquetados com informações detalhadas sobre o nome do elixir, indicações, modo de uso, além da identificação do “Grupo de Mulheres de Cristal do Sul”.

**Figura 7 - Elixires, pomadas e xaropes. Cartilha das Bruxinhas de Deus**



Fonte: acervo da pesquisa (2015).

Além das tinturas e dos elixires, são preparados também pelas Bruxinhas xaropes e pomadas. Para extrair o princípio ativo das plantas as mulheres usam açúcar mascavo, melado ou mel no caso dos xaropes, e banha ou vaselina para as pomadas. Estes são colocados em frascos menores e guardados na geladeira da Cozinha para a sua conservação.

O cotidiano das Bruxinhas está permeado, então, por um conjunto de práticas que envolvem tarefas associadas à elaboração dos remédios em si, e isto significa manipular uma

série de ‘materialidades’ (*i.e* as plantas, a cachaça, os vidros, etiquetas e muitas outras substâncias e artefatos). No entanto, levar adiante a farmacinha requer ‘envolver-se’ e ‘relacionar-se’, portanto, práticas sociais que junto ao fazer remédios vão constituindo “feixes de práticas<sup>9</sup>”, que conferem parte dos significados de um *saber-fazer*. É justamente neste processo de se organizar para elaborar as tinturas e elixires, que se entrelaçam trocas de plantas e receitas, conversas sobre a relação com os maridos e sobre os problemas de saúde da família e da comunidade, as místicas, os avisos na rádio, os encontros, entre outros. Este conjunto de ditos e feitos (SCHATZKI, 2002) se conforma na vida destas mulheres como práticas cotidianas de cura do corpo e da ‘alma’. Nesta ação coletiva, *fazer* remédios se configura também como ato político.

A distribuição dos remédios acontece num fluxo dinâmico entre a Farmacinha e a comunidade. Nas quintas, dia de encontro semanal para o preparo das tinturas e elixires, as Bruxinhas recebem visitas de pessoas que buscam atendimento para recuperar a saúde. Elas acolhem estas pessoas, escutam, sugerem algum cuidado específico e oferecem seus remédios, dependendo do caso, elas encaminham a pessoa diretamente para o posto de saúde.

Mas, a forma de distribuição destes remédios termina sendo mais orgânica através das próprias Bruxinhas. Elas mesmas, na qualidade de moradoras das comunidades do interior, professoras, agentes de saúde, ministras de eucaristia, mães de família se configuram como a maior ponte entre a Farmacinha e a própria comunidade. Em cada encontro, elas trazem as demandas da sua comunidade, da sua família, da escola, da Igreja, dos grupos de hipertensos e diabéticos. Esses temas pautam as conversas sobre os problemas de saúde locais e das demandas específicas. Para o específico as Bruxinhas escolhem as tinturas e elixires que vão levar a quem precisa. Para os assuntos mais amplos, o Cantinho da Felicidade se converte no espaço do debate, muitas vezes, o espaço do encontro entre o vivido no público e no privado.

Cabe destacar, neste ponto, o papel chave das agentes comunitárias de saúde (ACS) da Estratégia Saúde da Família (ESF), parte integrante da Atenção Primária à Saúde (APS), que “é caracterizada pelo desenvolvimento de um conjunto de ações de promoção e proteção da saúde, prevenção de agravos, diagnóstico, tratamento, reabilitação e manutenção da saúde” (BRASIL, 2009b, p.16). Como parte do Sistema Único de Saúde (SUS), criado oficialmente pela Constituição Federal de 1988 para a garantia do acesso ao atendimento público de saúde pela população brasileira, o trabalho das agentes de saúde objetiva constituir um elo de fortalecimento e integração entre os serviços de saúde da APS e a comunidade.

---

<sup>9</sup> No original, em inglês, Schatzki (2015) se refere a *bundle of practices*.

Como já foi comentado, nem todas as mulheres do grupo são agentes comunitárias de saúde, mas todas as agentes do município fazem parte do grupo das Bruxinhas de Deus atualmente. Desta forma, as agentes de saúde de Cristal do Sul, que são mulheres da própria comunidade, transitam por distintos espaços como o posto de saúde, os grupos de hipertensos e diabéticos, as comunidades do interior e a Farmacinha Comunitária. Neste fluxo dinâmico, estas mulheres trocam informações sobre problemas locais de saúde e formas de cuidado, e partilham os remédios com a comunidade. Esta prática cotidiana de carregar tinturas e elixires nas suas bolsas constitui parte potente das materialidades do *fazer* das Bruxinhas. É justamente neste gesto de ‘levar os remedinhos’ que a potencialidade dos microagenciamentos destas mulheres se corporifica. É neste gesto que se territorializa cotidianamente o ‘espaço existencial de cuidado’, onde além dos remédios, são trocados e ressignificados conhecimentos e cuidados, construindo e reconfigurando permanentemente visões de saúde.

### 3.3.1 Não basta entregar o remédio!

As práticas cotidianas de cuidado das Bruxinhas estão fundamentadas numa perspectiva de saúde holística<sup>10</sup> que se focaliza na procura do “*ser integral*”, abordando as dimensões de mente, emoção, ambiente, espírito e corpo (DUARTE, 2002, p.15).

[...] Para o grupo Bruxinhas de Deus o primeiro princípio expõe que não adianta tratar a doença apenas no nível físico. Quando ela se manifesta já temos outros desequilíbrios no nosso ser, variando em nível mental, emocional, ambiental ou espiritual (MARTINS, 2012, p. 7).

Mesmo que a conceitualização de saúde não seja objeto de problematização desta pesquisa, cabe salientar alguns aspectos chave para a compreensão do *saber-fazer* cotidiano das Bruxinhas que se corporifica a partir de sua visão de saúde.

Partimos, então, do entendimento de que a saúde, assim como o desenvolvimento, não é um objeto em si mesmo, um fato dado, mas é produto de uma construção social enraizada espacial e temporalmente. Desta forma, a definição de saúde da Organização Mundial da Saúde (OMS) como “um estado de completo bem-estar físico, mental e social, e não apenas a ausência de doenças”, expressa a visão de saúde construída logo após a segunda Guerra Mundial no marco da Organização das Nações Unidas. Essa compreensão normativa de saúde tem um ‘lugar de nascimento’ e está profundamente enraizada na situação histórica do pós-

<sup>10</sup> Aqui se usa o termo de ‘saúde holística’ para se referir à abordagem baseada na compreensão de que os organismos vivos e o meio ambiente funcionam juntos como um todo integrado.

guerra. A universalização desta concepção de saúde, analogamente ao caso do desenvolvimento, trouxe fortes implicações devido à promoção de uma perspectiva idealística sobre o modelo de bem-estar ao qual as pessoas de qualquer sociedade deveriam chegar. O caminho ‘evolutivo’ para atingir este tipo ideal de saúde resultou, por exemplo, na medicalização da existência humana.

Da mesma forma que frente aos discursos (e ações) hegemônicos e homogêneos de desenvolvimento, encontramos uma heterogeneidade de mundos de vida, frente aos discursos universalizantes de saúde nos deparamos também com uma ampla heterogeneidade de visões de mundo e práticas de saúde. Portanto, a concepção de saúde e o *fazer* que dela se desprende não está dado, mas se configura como um ‘campo de batalha’ em permanente construção.

A abordagem de saúde das Bruxinhas de Deus de Cristal do Sul, como parte desta heterogeneidade de mundos de vida, tem, então, suas raízes na construção simbólico-material das Farmacinhas Comunitárias, que são várias e representam uma multiplicidade de arranjos locais. Para elas, os elixires e tinturas são só uma parte do cuidado em saúde, isto fica bastante evidente no texto elaborado pela Rafinha anos atrás, que tem um trecho reproduzido abaixo.

[...] Não basta entregar o remédio! A Bruxinha de Deus não é uma vendedora de remédio, mas uma curadora. Todo o ser do outro deve interessá-la. Lembrar a todos os enfermos: não se cura uma doença grave só com remédios. É urgente uma mudança de vida: na alimentação; nos relacionamentos; nas metas de vida. O remédio é apenas 15% (DUARTE, 2002, p.50).

Desta forma, as práticas cotidianas de preparo e distribuição das tinturas e elixires estão permeadas por uma série de *fazeres sutis* que ocupam outras dimensões além do tratamento propriamente físico. Frente às limitações epistemológicas da ciência biomédica para abordar aspectos relacionados com a espiritualidade, e tendo em conta que o conhecimento científico se encontra permanentemente deslocado e em construção, gerando mesclas dinâmicas, que, dada a dimensão do cuidado em saúde das Bruxinhas, pode-se arriscar a dizer que se trata de uma ‘cura da existência’.

[...] Quando a gente encontra pessoas deprimidas, tristes, necessitando de tranquilizantes para começarem o dia, percebe-se que, dentro de cada uma, está uma imensa escuridão interior. Não sabem o que fazer com essa força maravilhosa que é a vida. [...] Enquanto ficarmos fechados no nosso pequeno ego, não temos chance nenhuma de crescimento, e a saúde vai-se. A saúde não é uma solução buscada só para o corpo. Não existe saúde só física sem a saúde interior, de todo ser. Nossas emoções, nossa mente, nosso corpo, devem aceitar as lições de vida do grande ser interior, do nosso espírito. Enquanto não escutarmos no nosso interior chamando para a luz, nunca encontraremos saúde e paz (DUARTE, 2002, p.23).

Há vozes e gestos das Bruxinhas que alimentam esta ‘cura existencial’: as místicas, o programa de rádio ‘Gotas de Sabedoria’<sup>11</sup>, as rodas de chimarrão com conversa e risadas, as visitas nas famílias do interior, o Reiki, os encontros de formação, o olho no olho, as trocas de receitas e plantas, os cuidados coletivos da Cozinha, ouvir e dar a mão. Estes e outros *fazeres sutis* fazem parte dos mundos de vida das Bruxinhas, que vão muito além do preparo de tinturas e elixires. Neles, há também a *fé para continuar existindo*. Por isso, os remédios caseiros constituem, nestes mundos de vida, uma ponte para a ‘cura existencial’, tanto da comunidade como das próprias mulheres.

[...] Nós descobrimos que cada grupo nosso deveria ser um “ponto de luz” no planeta, pois é para isso que estamos aí. No fundo, no fundo, é para isso [...] Os grupos precisam receber e cultivar tanta força espiritual, tanta garra e serenidade, que nada do que acontece fora de nós deverá nos abalar! (...) Buscar a luz significa crescer interiormente. Tal deve ser o grande objetivo de cada bruxinha de Deus. O que nos atrapalha nessa busca de luz? É o materialismo, o capitalismo, e o neoliberalismo. Eles nos dizem, a todo momento, que a vida se resume em comprar ou vender [...] Que devemos realizar, em cada dia da vida, um grande culto ao deus-dinheiro [...] o deus-capital não é o nosso verdadeiro Deus. Abertura para luz significa dizer para as pessoas que a cura está na transformação interior de metas e objetivos. A abertura para luz significa transformar-se, passar do ego mesquinho e egoísta que rege a vida de crianças, para uma vida adulta, em que o altruísmo, a doação ao planeta, seja o maior objetivo da vida (DUARTE, 2002, p.22).

Mais do que estratégias de resistência, as diversas práticas cotidianas das Bruxinhas se configuram como ‘formas de existência’. Para analisar mais profundamente estes aspectos, passo a mobilizar alguns conceitos emergidos pela virada ontológica da (sócio)antropologia.

### 3.3.2 A ‘cura existencial’ como política ontológica

Para darmos conta de compreender a relação interdependente entre o preparo dos remédios e a dimensão da ‘cura existencial’ nos mundos de vida das Bruxinhas, é necessário ir além da perspectiva clássica no campo epistemológico, que tem procurado compreender o modo como conhecemos o mundo, concebendo as diferentes culturas como distintas representações de uma mesma realidade, a abordagem contemporânea tem centrado sua atenção na apreensão dos mundos em que os grupos sociais estão imersos. Não necessariamente criando uma oposição binária a estas noções, a noção de ontologia se refere

<sup>11</sup> O “Gotas de Sabedoria” é um programa de rádio disponibilizado através da Agência Radioweb para as rádios cadastradas, com mensagens espirituais para todos os dias. A Ivone tinha um espaço na Rádio Comunitária de Cristal do Sul para colocar este programa.

“à explicitação dos pressupostos meta-teóricos acerca dos quais são as entidades que constituem o mundo ou a realidade e as relações sociais entre elas” (SOUZA, 2012, p. 50), e procura, assim, aprofundar na questão da ‘natureza do ser’ e/ou dos distintos ‘modos de ser’ que encontramos no mundo. Mas a realidade à qual se quer ter acesso não é um bloco monolítico de ser, que cada cultura explicaria desde sua própria perspectiva, senão que se trata de realidades ou mundos habitados por outros (SOUZA, 2012).

Autores como Bruno Latour e Isabelle Stengers, distanciando-se da preocupação epistemológica com os distintos modos que representamos a realidade, exploram “as associações por meio das quais diferentes entidades vêm a ser no mundo” (SOUZA, 2012, p. 52). Estes autores consideram que não existe uma ‘única realidade’ e distintas perspectivas ou representações desta, mas que a própria realidade é múltipla. Distinguem-se, assim, do construtivismo perspectivista, mas afastam-se também de qualquer essencialismo clássico, afirmando que não existe nenhum princípio a-histórico que explique a existência destas entidades.

A noção de ‘ontologia’ emerge, então, como necessidade a partir do desgaste analítico e retórico da palavra ‘cultura’. Surge a sensação que este último termo não é suficiente para tratar da alteridade e reconhecer as diferenças. Desta forma, perceber a ontologia vai surgir como uma tentativa de levar a sério os outros em sua diferença (SOUZA, 2012). Como aponta Márcio Goldman, em entrevista, os conceitos mais clássicos como cultura e sociedade trazem “certo mal-estar” e por isso é preciso “inventar ou reativar novos conceitos, novas possibilidades” (NOGUEIRA, 2012, p. 99), gerando ‘linhas de fuga’, possibilidades de liberação.

O relativismo cultural tem negado qualquer natureza, reduzindo o material ao simbólico. Desde uma concepção de pluralidade de cosmologias, aparentemente ‘justa’, tem se definido cada cosmologia como uma visão do mundo entre outras numa multiplicidade, carente de contato privilegiado com a realidade (LATOURE, 2001). As distintas cosmologias têm sido vistas como simples pontos de vista, como construções simbólicas afastadas de qualquer realidade material.

Para Viveiros de Castro:

[...] a noção de ontologia tem seus riscos... Contudo, eu penso que a linguagem da ontologia é importante por uma razão tática específica. Ela age como uma medida contrária ao artifício desrealizante frequentemente usado contra o pensamento nativo, que converte seus pensamentos em uma espécie de fantasia, ao reduzi-lo às dimensões de uma forma de conhecimento ou representação, que é uma

epistemologia ou visão de mundo (VIVEIROS DE CASTRO, 2003, *apud*, SOUZA, 2012, p. 58).

Deste modo, sendo a realidade múltipla, sendo feita em muitos contextos locais, emergem no mundo como ‘múltiplas ontologias’.

Mobilizamos então o conceito de ontologia na tentativa de ‘levar a sério’ o *saber-fazer* das Bruxinhas, entendendo que a ‘cura existencial’ vai além do simbólico ou de uma simples visão de mundo, e que ao contrário, esta dimensão da saúde é parte intrínseca da própria realidade feita ou atuada (*enacted*) nos mundos de vida das Bruxinhas.

Assim, por exemplo, a Ivone relata como antes existia “*toda uma mística*” no preparo dos remédios: “*colocava tudo de positivo também no elixir*” (Ivone, em 12/03/2015). Esta prática de preparar os remédios “*botando energia positiva*” neles é uma expressão da superação de fronteiras entre o material e o simbólico. Ao mesmo tempo em que as realidades são ‘feitas’, elas constituem e modificam o próprio simbólico que, por sua vez, reconfigurará e re fará o material, numa espécie de espiral em movimento e sem fim, na qual o material e o simbólico se confundem, encontram-se indissociados. O termo para estas ontologias é o de *performance* ou atuação da realidade (SOUZA, 2012).

Desta forma, aceitando a perspectiva contemporânea de que habitarmos num ‘cosmos’ constituído por múltiplas ontologias, as práticas cotidianas das Bruxinhas configuram formas de existência, realidades feitas, constituídas justamente da diluição das fronteiras entre o material e o simbólico. Neste sentido, a abordagem de saúde que mescla práticas na busca do “*ser integral*”, está nas vozes e gestos das Bruxinhas e alimentam esta ‘cura existencial’.

#### 4 MULHERES NO COLETIVO, ESPAÇOS AMPLIADOS

Este capítulo parte da descrição das relações que o grupo das Bruxinhas de Cristal do Sul estabelece com outros atores sociais para acessar os processos pelos quais elas constroem ‘autonomia’. O ponto de partida é a observação de que o grupo não se encontra isolado, mas faz parte de uma rede dinâmica de relações interdependentes. Desta forma, as realidades ‘feitas’, referidas no capítulo anterior, onde o ‘material’ e o ‘simbólico’ se diluem, não constituem entes fixos e estáveis, ao contrário, se configuram como ‘corpos mutáveis’ em permanente (des)construção. É justamente nas relações nas quais estes ‘corpos’ vão se reconfigurando e se ressignificando de forma dinâmica. Neste sentido, convém enfatizar que a ‘autonomia’ das Bruxinhas vai além do que falam sobre elas mesmas, se materializando nas suas práticas cotidianas de cuidado em saúde. Este *saber-fazer* corporificado do grupo de mulheres, desta forma, não constitui uma ontologia ‘congelada’, encontra-se em permanente transformação.

Desta forma, para compreendermos a construção de ‘autonomia’ das Bruxinhas, não basta entendermos o funcionamento interno do grupo. Para completar nossa análise sobre a ‘autonomia’ precisamos prestar atenção aos ‘fluxos’ que permeiam o *saber-fazer* na Farmacinha. Para isso vamos acompanhar aqui a forma como as mulheres do grupo se posicionam frente a outros atores sociais, a trama de relações que elas vão delineando.

Cabe enfatizar aqui que o objetivo deste capítulo não é descrever nem analisar os ‘atores sociais’ com os quais as Bruxinhas se relacionam (ou não), mas focalizar justamente nas ‘relações’ que estas estabelecem com os primeiros.

##### 4.1 AUTONOMIA NÃO É ISOLAMENTO

A Bruxinha Ivone se destaca pela sua liderança interna no grupo e na organização do trabalho na Farmacinha, mas também é a pessoa de referência na articulação com outros atores sociais. Ela é uma liderança comunitária que transita por distintos espaços: rádio comunitária, grupo das Bruxinhas, agente comunitária de saúde, ministra de eucaristia na comunidade de São Valentim, Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Cristal do Sul, Movimento dos Pequenos Agricultores regional, entre outros. Foi por isso que a Ivone acabou se mostrando com uma interlocutora chave na pesquisa, especialmente para entender a trama de relações que as mulheres estabelecem.

A forma como a Ivone e as outras mulheres do grupo se relacionaram com minha presença mostrou, desde o início da pesquisa, deu pistas de que as Bruxinhas não estão ‘isoladas’, ao contrário, costuram cotidianamente diálogos e articulações com os distintos atores sociais da comunidade. Cabe narrar, aqui, uma situação vivenciada, considerando-a não como ‘mero acontecimento’, mas, parte intrínseca da forma como elas constroem suas relações e, conseqüentemente, sua autonomia.

Na primeira semana de pesquisa, fui ‘apresentada’ para a comunidade cristalense de maneiras diferentes. Já no primeiro dia, fui impelida pela Ivone a conceder uma entrevista à rádio comunitária para contar sobre minha experiência com plantas medicinais e a pesquisa que objetivava fazer no município. Esta entrevista ficou marcada como meu ‘cartão de visitas’ na comunidade, pois, em cada local do interior que fui percorrendo, as pessoas me reconheciam como aquela com “sotaque diferente” que estava trabalhando com as Bruxinhas. Dias depois, a Ivone me convidou para dar uma caminhada pelo centro da cidade e visitar alguns pontos chave. Apresentou-me aos responsáveis dos órgãos públicos do município como prefeitura, Centro de Assistência Social, posto de saúde e Sindicato dos Trabalhadores Rurais, assim como aos donos de alguns mercados e às pessoas que encontrávamos pela rua. Depois dessa breve caminhada, a cidade já estava sabendo da presença da “espanholita” e sua pesquisa na Farmacinha.

Da mesma forma, fui apresentada pela professora e Bruxinha Iraci para a direção e toda a equipe pedagógica da *Escola Estadual de Ensino Médio Mathias Balduino Huppes*. Sabendo de minha experiência com teatro e como educadora, fui convencida pela Iraci e outros professores a realizar atividades de teatro com todas as turmas da escola, desde o ensino fundamental até o ensino médio. Depois de dois dias intensos de oficinas, os pais e mães também estavam sabendo da “*espanhola*” que acompanhava o trabalho das Bruxinhas.

Na mesma linha, durante a primeira visita à família da agricultora aposentada e Bruxinha Dona Ondila em São Dimas, comunidade do interior, sua filha Aliete, graduada em jornalismo, me surpreendeu com uma entrevista e algumas fotos para uma matéria no jornal regional. O registro terminou não sendo publicado, mas cabe destacar o papel estratégico de todas estas ações como ampliação do reconhecimento e visibilidade do trabalho das Bruxinhas perante a comunidade e os órgãos públicos, especialmente por me apresentarem como a “*espanhola*” e “*pesquisadora da universidade*”. Como elas me alertaram: “*porque você sabe, santo de casa não faz milagre*”.

Esta situação mostrou cedo, na pesquisa em campo, os limites da dicotomia científica entre sujeito e o objeto. Teve momentos onde meu trabalho de pesquisa se mesclou com uma

sensação de ‘estar sendo pesquisada’ pelos outros. Passei, então, a ser também ‘objeto’ de observação (LÉVI-STRAUSS, 1974), possibilitando assim que as Bruxinhas e a comunidade me devolvessem em seu olhar. É assim que eu começava a perceber a inserção das Bruxinhas, nos distintos espaços comunitários como parte da sua ação política.

#### **4.1.1 As Bruxinhas em diálogo com o posto de saúde**

Para desvendar a maneira como o grupo de mulheres ergue cotidianamente sua ‘autonomia’ no preparo e distribuição de remédios caseiros junto com a ‘cura existencial’, se faz necessário compreender a relação que o grupo estabelece com a Secretaria de Saúde de Cristal do Sul. Cabe salientar que no município não há nenhum hospital, e que o atendimento básico em saúde é realizado por uma única Unidade Básica de Saúde (UBS), localizada no centro da cidade. Durante a pesquisa, estava sendo construído um segundo posto de saúde, situado em São Miguel do Braga, comunidade do interior de Cristal do Sul.

Segundo a secretária de saúde em exercício (à época da pesquisa), a unidade de saúde nunca se inseriu na Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos (PNPMF), aprovada em 2006. Esta política estabelece uma série de linhas e diretrizes objetivando “garantir à população brasileira o acesso seguro e o uso racional de plantas medicinais e fitoterápicos, promovendo o uso sustentável da biodiversidade, o desenvolvimento da cadeia produtiva e da indústria nacional” (BRASIL, 2006, p. 20). Como relata a secretária:

[...] nunca foi feito nada dentro da Unidade de Saúde em relação a plantas fitoterápicas. Mas assim, que nem as gurias trabalharem, no caso, elas até podem trabalhar, ervas medicinais, como é feito lá. Participam lá das Bruxinhas, que é o grupo. Mas, dentro da unidade, a gente não tem. Não tem uma pessoa para fazer isso [...] Não tem como a gente fazer aqui dentro da unidade, porque a gente tem que ter pessoas preparadas para poder fazer [...] Esse trabalho é feito só lá com a Ivone, lá nas Bruxinhas, que foi acho a partir da Ivone e outras que estão fazendo (secretária de saúde, em 19/06/2016).

A pessoa, no posto de saúde, responsável pelo trabalho com as agentes comunitárias e, portanto, em diálogo permanente com as Bruxinhas, é a enfermeira Patrícia. Segundo ela descreve em entrevista, as mulheres do grupo, que eram também agentes de saúde, tem consentimento do posto para participar dos encontros das quintas-feiras para preparação dos remédios. Quando a Patrícia passou a ser responsável pelas agentes na unidade de saúde, manteve essa liberação, negociando, em troca, que todas as agentes comunitárias participassem do grupo das Bruxinhas.

[...] Na realidade, eu iniciei minhas atividades aqui em 2008, aqui na Unidade de Saúde, como enfermeira. Mas fui assumir a Estratégia de Saúde da Família em 2013, onde comecei a trabalhar então com as agentes comunitárias de saúde. Eu já sabia do trabalho que elas desenvolviam, né, dessa salinha, dessa parte de trabalhar com os fitoterápicos, com as plantas medicinais, né. Mas informalmente, como usuária dos medicamentos, né. Não trabalhando, conversando com elas, porque a gente assume outras responsabilidades. Quando eu iniciei trabalhando com elas, eu sempre já coloquei: eu sou uma enfermeira que gosta de estar presente. [...] E elas me colocaram: Patrícia, não sei se tu sabe, mas toda quinta-feira de tarde a gente sempre foi liberada, já era liberada pela outra enfermeira, para a gente estar fazendo este trabalho ali das plantas medicinais, fazendo nossas medicações e tudo mais. Eu achei ótimo, porque na realidade eu disse: jamais vou tirar isso de vocês. Até porque é um conhecimento que elas vão levando também nas visitas. É um momento que, como não é só agente de saúde, mas a maioria das agentes de saúde participavam. Daí, o que eu combinei com elas: eu até aceito, mas eu quero que todas participem (Patrícia, em 24/06/2016).

Percebe-se, desta forma, um diálogo das Bruxinhas com a instituição oficial de saúde do município dentro de um processo de negociações para a conquista de certo reconhecimento institucional do grupo e para a ampliação dos espaços de manobra<sup>1</sup>. As mulheres poderiam ter decidido coletivamente continuar suas práticas de forma totalmente separada da unidade de saúde, mas escolheram dialogar de modo que o seu trabalho fosse reconhecido. Nessa arena de negociações<sup>2</sup>, elas agem de forma estratégica, transformando, assim, o posto e reconfigurando, ao mesmo tempo, seu próprio *saber-fazer*.

Neste processo, o grupo das Bruxinhas não entra em conflito com a unidade de saúde nem com seus fundamentos biomédicos, porém, ao tensionar desde dentro, vai ampliando seu espaço de manobra no sentido de transformar o próprio *fazer* do posto. Como enfatiza a enfermeira Patrícia no trecho abaixo.

[...] Eu aprendi muito com elas. Porque elas me colocam a questão das plantas medicinais. E o quê que eu pensei? Vamos trazer para os grupos. Qual é o nosso público maior? O grupo de hipertensos, de diabéticos. Não vamos falar sobre doença. Nossa ideia é prevenção. A Estratégia de Saúde da Família vem com uma ideia de prevenir, de assistir as famílias. Vamos atingir este público falando das plantas (Patrícia, em 24/06/2016).

<sup>1</sup> Entendendo que a ampliação do espaço de manobra se refere aos esforços cotidianos de estabelecimento de relações e condições que favorecem a agência (LONG, 2001), ou seja, a criação de capacidades de agir em favor dos interesses, crenças e necessidades das mulheres.

<sup>2</sup> Na abordagem dos atores o conceito de arena pretende dar conta da complexidade de espaços de disputa envolvendo diferentes interesses e práticas sociais, onde distintas visões de mundo se encontram (LONG; PLOEG, 2001).

Segundo a Ivone, o Programa de Saúde da Família (PSF) perdeu credibilidade no município no período entre 2007 e 2011<sup>3</sup>. A leitura que ela faz é de que o programa foi bastante desarticulado pela falta de apoio e recursos, diminuindo assim a qualidade do atendimento básico em saúde. Neste contexto, o trabalho das agentes-Bruxinhas com as tinturas e elixires no município ajudou a manter o contato com a comunidade e, com isto, dar visibilidade e angariar reconhecimento para a importância da continuidade de uma política com o caráter do PSF para a comunidade cristalense. Sobre este agir estratégico, as Bruxinhas deixam registrado no livro que narra a história do município, organizado pela prefeitura, o seguinte comentário:

[...] Agradecemos também a orientadora do PACS (Programa de Agentes Comunitários de Saúde) e PSF (Programa de Saúde da Família) do município pelo entendimento de que a medicina alternativa é a base do trabalho do agente comunitário de Cristal do Sul (CRISTAL DO SUL, 2011, p.145).

Neste diálogo permanente com o posto através do trabalho das agentes comunitárias de saúde, o grupo das Bruxinhas também vai reconfigurando e ressignificando sua identidade e seu *saber-fazer*. Justamente neste ponto, percebe-se que as realidades feitas da Farmacinha transformam fluxos a partir da relação dinâmica com a unidade de saúde. Neste processo, vão se diluindo as fronteiras entre o grupo e a institucionalidade do posto, resultando em hibridações de conhecimentos e de ações, de tal modo que, em certos momentos, é difícil distinguir entre o ‘dentro’ e o ‘fora’ do grupo.

Cabe destacar que esta dinâmica que envolve práticas e conhecimentos mesclados não resulta na perda de autonomia do grupo, ao contrário, as mulheres exercitam cotidianamente processos de tomada de decisões que envolvem ações coletivas, que fortalecem laços entre membros do grupo, mas também com o entorno comunitário e institucional. Numa ocasião, por exemplo, as Bruxinhas produziram e distribuíram trezentos sabonetes medicinais e quinhentos elixires da mulher<sup>4</sup> para a comunidade. Depois desta experiência, feita inicialmente em parceria com a unidade de saúde, o grupo decidiu não repetir o evento novamente porque segundo o seu parecer o posto não teria contribuído com os recursos básicos, como a garantia de devolução dos quinhentos frascos usados na preparação dos elixires.

---

<sup>3</sup> Conforme a Ivone enfatiza, este período coincide com o mandato da governadora de estado do Rio Grande do Sul, Yeda Crusius.

<sup>4</sup> Elixir da mulher corresponde a um preparado indicado para alguns problemas de ovários, útero, menstruações desregulares, corrimentos, entre outros.

Percebe-se, então, que não há uma única forma de agir em relação à institucionalidade e aos órgãos públicos. Frente a cada situação concreta o grupo decide como se posicionar, como se envolver (ou não), sendo, nestes microagenciamentos localizados, que as mulheres edificam cotidianamente a autonomia. Cada decisão tomada, cada resposta, se materializa no *fazer* (ou *não fazer*) do grupo, ressignificando o *ser* Bruxinha e, quiçá, o espaço existencial individual e coletivo.

Neste sentido, o grupo se posiciona atualmente de forma enfática afirmando sua autonomia em relação à preparação e distribuição dos remédios caseiros, evidenciando sua falta de interesse em fornecer fitoterápicos para a unidade básica de saúde. Antes de analisar este aspecto chave para o grupo, cabe esclarecer primeiro o contexto no âmbito da legislação.

O Ministério de Saúde tem registrada uma lista de 12 medicamentos fitoterápicos à base de plantas medicinais na Relação Nacional de Medicamentos Essenciais – RENAME/2012, elaborada a partir das definições do Decreto nº 7.508, de 28 de junho de 2008 (BRASIL, 2008) e estruturada de acordo com a Resolução nº 1/CIT, de 17 de janeiro de 2012 (BRASIL, 2012). Embora a Política Nacional de Plantas Mediciniais e Fitoterápicos (PNPMF) (BRASIL, 2006) preconize que estes fitoterápicos sejam oferecidos pelo Sistema Único de Saúde (SUS), esta prática não tem sido mantida. Esta é uma questão sensível e que envolve muitos aspectos que estabelecem uma complexa interface de interesses, no entanto, há um aparato institucional há vários anos. A diretriz 17 desta política objetiva “estabelecer mecanismos de incentivo para a inserção das cadeias e dos arranjos produtivos de fitoterápicos no processo de fortalecimento da indústria farmacêutica nacional” (BRASIL, 2006, p. 23). Uma consequência desta diretriz é o Programa de Fortalecimento das Cadeias e Arranjos Produtivos Locais (APLs), que tem se configurado como uma tentativa de estratégia territorial para o fornecimento destes medicamentos às unidades de saúde. Os APLs são “aglomerações de empreendimentos de um mesmo ramo, localizados em um mesmo território, que mantêm algum nível de articulação, interação, cooperação e aprendizagem entre si e com os demais atores locais – governo, pesquisa, ensino, instituições de crédito” (BRASIL, 2009a, p. 92). Os projetos dos APLs de plantas medicinais e fitoterápicos no âmbito do SUS estão baseados na cooperação econômica público-privada numa dimensão territorial de estímulo dos fatores endógenos para a ampliação da capacidade de agregação de valor e apropriação local da renda” (BRASIL, 2009a). No Rio Grande do Sul, por exemplo, vem sendo implantado o Projeto APLPMFito/RS com objetivo de apoiar o Estado na Implementação da Política Estadual de Plantas Mediciniais e Fitoterápicos, no âmbito da

PNPMF e da Política Nacional de Assistência Farmacêutica<sup>5</sup>. Dentre as metas do projeto consta a implementação de ações de inclusão da agricultura familiar na cadeia produtiva de modo a promover a geração de renda.

O foco da discussão, aqui, não é a política pública, tampouco o APL em si, este exemplo é trazido, primeiro, para mostrar um pouco da posição das mulheres em relação a este tipo de política. Isto porque, quando questionadas sobre o interesse ou intenção de se inserirem em processos como este, que as habilitaria a efetivar o fornecimento de plantas medicinais para o sistema público, a resposta das Bruxinhas é enfática: *“nós não temos fins lucrativos, fazemos para o nosso povo; não queremos mudar o jeito do nosso grupo”*. Uma das alegações é de que seria muito difícil atingir a escala e os padrões requeridos. Com as informações que chegam até elas, a opinião formada é de que se enquadrar nas normativas de regulamentação da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) pode ser um processo moroso e caro. Frente a esta situação, as mulheres preferem não gerar renda por meio das plantas medicinais, porque *“somos um grupo autônomo, não queremos ser comandadas”*.

Segundo o Vilmar, que foi Secretário de Saúde de Cristal do Sul durante um mandato e que, na época da pesquisa, era o Secretário de Agricultura em exercício e vice-presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais do município, a saída seria o reconhecimento oficial dos próprios remédios caseiros das Bruxinhas. O trecho da entrevista abaixo esclarece melhor sua posição.

[...] Eu já tinha saído da Secretaria de Saúde quando foi criado o grupo das Bruxinhas. Mas, eu ainda tenho o sonho que algum dia algum secretário vá peitar isso. Porquê peitar isso? Porque são produtos que pro governo, pro Ministério da Saúde, eles dizem que é *charlatarias*, é isso que eles dizem. Mas, na verdade, não é. É bem melhor que os produtos que têm nas farmácias. Então, é contra as regras do Ministério da Saúde, da Secretaria de Saúde. Porque eles não são registrados na tal de chamada Anvisa, né. E não tem como registrar. Então é bem complicado, teria que mudar toda a legislação (Vilmar, em 18/05/2015).

A fala do Vilmar é bastante emblemática para entender como, localmente, são interpretadas e percebidas as relações com o mundo institucional e, em última análise, com o Estado, enquanto ente regulador. É assim que cumpre mencionar que a inserção de medicamentos fitoterápicos devidamente regulamentados no posto de saúde é vista pelo grupo como uma ameaça, de um lado, pela impossibilidade de ter seus remédios reconhecidos ‘oficialmente’ e, por outro, porque provavelmente a autoridade sobre a saúde uma vez mais

<sup>5</sup> Informações do Portal Saúde do Ministério da Saúde. Disponível em: <<http://portalsaude.saude.gov.br>> Acesso em: 08 julho, 2016.

permanece com o sistema biomédico operado desde os *experts* (ainda que passem a receitar medicamentos à base de plantas). Desta forma, parece que, na percepção das Bruxinhas, inserir terapias que fazem uso das plantas medicinais no sistema oficial acabaria representando uma ruptura radical do próprio *saber-fazer* do grupo, ou mesmo, na autodeterminação sobre a saúde ou os corpos.

Um segundo debate que se desprende desta pequena menção às políticas é que o foco central tem sido a produção de medicamentos fitoterápicos para ofertar no sistema de saúde pública e não necessariamente o apoio ou reconhecimento efetivo dos processos que se ancoram nos conhecimentos locais ou em práticas populares em saúde, ainda que a PNPMF também contemple uma diretriz que se propõe a promover e reconhecer as práticas populares de uso de plantas medicinais e remédios caseiros (BRASIL, 2006, p. 102). No entanto, no caso das Bruxinhas de Cristal, a construção do reconhecimento é evidentemente um processo que nasce do diálogo com a unidade de saúde sem, contudo, abandonar o “jeito do grupo”. Percebe-se, aqui, um dos pontos importantes da construção de autonomia do grupo, ao mesmo tempo em que tal diálogo parece conformar uma estratégia para a ampliação dos espaços de manobra.

#### 4.2 “SÓ PARA FAZER O DIABO ENFURECER”

A rádio comunitária de Cristal do Sul se faz presente no cotidiano da comunidade, permeando todos os espaços e mobilizando informações, opiniões, desejos, pessoas, disputas, entre outros. Especialmente, a rádio se faz sentir de forma permanente ao longo do dia na casa da Ivone e do Celso, acompanhando todos os momentos de convívio da família, desde o ritual do chimarrão, cedo de manhã ao redor do fogão à lenha, até o lanche ou a janta no final da tarde. Os acontecimentos, os avisos, os conselhos e as reflexões narrados na rádio passam a fazer parte dos comentários e debates cotidianos na comunidade, e particularmente no lar desta família.

Numa tarde de maio na casa da Ivone, ouvindo, como de costume, a rádio enquanto tomávamos chimarrão, é anunciada a notícia sobre o novo Marco Legal da Biodiversidade no programa “Voz do Brasil”. Enquanto escutamos os detalhes da nova lei, sancionada nesse mesmo dia, a Ivone para de fazer o seu tapete de *crochê* e presta atenção na notícia. Parece que tudo fica sem movimento e em silêncio, só se ouve o som do rádio.

[...] O uso de plantas para fabricar remédios e cosméticos é comum no Brasil, um país com muitos recursos naturais. E, a partir de agora, o processo de pesquisar uma planta com propriedades medicinais para desenvolver um remédio deve ser mais fácil e rápido. Essa é a ideia do Marco Legal da Biodiversidade, sancionado nesta quarta-feira pela presidenta Dilma Rousseff. Para destravar as pesquisas, a nova lei define que os estudos na área não vão mais precisar de autorização do Conselho de Gestão do Patrimônio Genético para serem feitos [...] as normas criam um ambiente favorável para o acesso à biodiversidade brasileira: estamos garantindo que haja um ambiente favorável, amigável, para que as pessoas que tenham o conhecimento tradicional e antigo tenham direito a uma participação, ou seja, recebam *royalties*. Estamos garantindo que os pesquisadores não tenham limites para pesquisar. Estamos garantindo que as empresas possam, sem conflito, sem atribulações e sem contestação e conflitos, utilizar desse conhecimento [...] Os povos indígenas, as comunidades tradicionais e os agricultores familiares também passam a ter direito de participar das decisões relacionadas à conservação e ao uso sustentável dos conhecimentos [...] Todo conhecimento desses povos vão poder ser usados pelos pesquisadores ou indústrias para desenvolver um produto, por exemplo. Mas, para isso, quem fez a pesquisa ou vai comercializar o produto vai ter que negociar direto com os indígenas e povos tradicionais e compensá-los pelo produto descoberto na comunidade. Essa compensação pode ser em dinheiro ou troca de tecnologias. Além disso, vai ser criado um fundo nacional. A empresa ou pesquisador vai ter que depositar neste fundo até 1% da renda obtida com a venda do produto. Caso o conhecimento de povos tradicionais tenha sido usado na produção, o fabricante deve depositar no fundo, além desse 1% que eu falei anteriormente, mais 0,5% do lucro com a venda (EMPRESA BRASIL DE COMUNICAÇÃO, 2015).

Após uma pausa reflexiva, a Ivone levanta a cabeça, e me olhando fixamente nos olhos, me pergunta: “*será que a Rafinha ia fazer assim?*”, e a seguir responde: “*ela poderia pegar essa grana para fazer o bem*”. De repente, começa a contar uma história do programa da rádio comunitária chamado “Gotas de Sabedoria”. A Ivone narra que, certa vez, chegou uma indústria de cerveja num povoado pequeno, mas que a igreja do local não queria se abrir para esta nova indústria nem queria aceitar o dinheiro que ela oferecia<sup>6</sup>. No final da história a igreja decidiu receber o dinheiro “*só para fazer o diabo enfurecer*”, porque ela ia usá-lo só “*para fazer o bem*”.

No dia seguinte, durante o encontro semanal das Bruxinhas no “Cantinho da Felicidade”, a Ivone fala para o grupo sobre o novo Marco Legal da Biodiversidade, detalhando que as empresas e os pesquisadores que usem o “conhecimento popular” das “comunidades tradicionais” terão que repassar um 1% dos recursos conseguidos para estas comunidades. Novamente, a Ivone sugere que a Rafinha poderia seguir este caminho, e assim conseguir o 1% para repassar a estas comunidades<sup>7</sup>. De repente se faz um silêncio no ar e todas as Bruxinhas olham para mim. Ninguém me pergunta nada diretamente, mas resulta evidente que esperam alguma opinião enquanto pesquisadora. Sinto-me de certa forma

<sup>6</sup> Aqui se descreve a história da forma como foi narrada pela Ivone, sem os detalhes de por que a indústria oferecia dinheiro para a igreja.

<sup>7</sup> Aqui, ela se refere, em especial, a “pesquisas” da Rafinha com conhecimentos de comunidades indígenas do Amazonas, onde também trabalhou durante algum tempo.

constrangida, porque por um instante profundo, nesse longo silêncio que *fala*, sinto que as mulheres questionam a apropriação do seu conhecimento pela universidade e o retorno desta para com elas.

Nesse gesto extremamente significativo, nesse olhar coletivo e nesse silêncio denso que se corporifica no espaço da Farmacinha, parece-me que as mulheres questionam também minha presença enquanto pesquisadora. Novamente se evidencia a diluição das fronteiras entre o ‘sujeito’ e o ‘objeto’ da pesquisa. As Bruxinhas me devolvem o seu olhar: mas, afinal, como a universidade irá usar o conhecimento delas? Qual o retorno da pesquisa acadêmica com a comunidade?

A história contada pela Ivone como resposta à notícia da nova lei sobre a biodiversidade é expressão narrativa da agência destas mulheres frente a outros atores sociais e de sua ampliação dos espaços de manobra. Ficava mais clara, a analogia com a história da igreja que aceita o dinheiro da indústria de cerveja, sem necessariamente resultar na mudança dos seus ‘princípios ético-morais’, pois, ela ia usar o dinheiro “*só para fazer o diabo enfurecer*”. Esta narrativa poderosa exprime a lógica de como as Bruxinhas manobram instituições e/ou outros atores sociais em favor de seus propósitos. Com isto, não se está afirmando uma racionalidade de fins nas ações das Bruxinhas, mas afirmando a autonomia construída pelas capacidades ampliadas de agência, que não significa necessariamente permanecerem fora de padrões considerados institucionais, senão manterem o espaço coletivo de decisão frente a cada nova situação, escolhendo em cada caso os limites do seu envolvimento.

Assim, por exemplo, uma leitura possível é de que o grupo sente ameaçada a sua ‘dimensão ontológica’ frente à possibilidade de se inserir na lógica das cadeias produtivas de fornecimento de fitoterápicos para a unidade de saúde, porque na percepção das Bruxinhas o seu ‘poder’ de ação, a sua ‘capacidade’ de decidir por elas mesmas, restaria radicalmente afetado. Mas, por outro lado, as mulheres se mostram abertas a negociar com as instituições formalizadas quando avaliam e sentem que o grupo é reconhecido no seu *saber-fazer*, e que o seu ‘espaço existencial’ não é abalado nos seus fundamentos.

#### 4.3 “SÓ SERVEM PARA QUEM TEM A CRENÇA”

No município de Cristal do Sul, há duas farmácias convencionais. Curiosamente, uma destas farmácias, que fica justo ao lado da unidade básica de saúde, é propriedade do marido e do cunhado da farmacêutica Noeli, irmã da Ivone. No início do grupo das Bruxinhas, os

donos desta farmácia foram verificar o “Cantinho da Felicidade”, e segundo a Ivone, criticaram o trabalho delas por considerarem “*pouco higiênico*”: “*as farmácias questionavam nossa prática; se tivesse fins lucrativos, a gente não existiria mais*”. Na opinião da Noeli, o espaço do grupo “*não é limpo*” e o trabalho delas “*não está certo*”, pois, os remédios caseiros “*são um placebo*”, que “*só servem para quem tem a crença*”. Em conversa a Noeli, ela me questiona se eu acredito “*nesses remédinhos*”.

Percebe-se então que as farmácias do município convivem com a Farmacinha Comunitária, particularmente, porque esta última não gera concorrência econômica com as primeiras. As tinturas e elixires das Bruxinhas são consideradas como ‘questão de fé’, e por isso expulsas do mundo da ciência, este sim limpo e higiênico.

Mobilizam-se alguns conceitos de Isabelle Stengers para analisar esta situação. A estratégia da autora é tentar produzir modos de negociação entre os chamados “saberes objetivos” (científicos) e as supostas “construções especulativas” (não científicas), minando desta forma a hegemonia dos *experts*. Trata-se de expandir as fronteiras entre as disciplinas, de promover espaços de diálogo e negociação entre a ‘razão’ e a ‘opinião’ (FLORIANI, 2010).

Stengers (2007) introduz e desenvolve o conceito de *cosmopolítica*, distanciando-se da cosmopolítica kantiana do chamado pensamento antigo, reivindicando um olhar atento para os distintos modos de viver no(s) mundo(s). A autora solicita “retardar” os raciocínios, de forma a gerar uma nova sensibilidade para outras possibilidades em relação aos problemas e situações que interessam (STENGERS, 2007). Segundo a autora, é preciso ir mais devagar para não cair na busca de uma chave universal que queira servir novamente para todos. Nesta concepção, o cosmos não é compreendido como um “uni-verso”, como um local unificado, mas sim como um “pluri-verso”, na mesma lógica de Viveiros de Castro (2012). As práticas em saúde das Bruxinhas e os fazeres biomédicos integrariam, então, este cosmos, esta multiplicidade de mundos que emergem e que, em algum momento, se encontram, sem necessariamente convergir. Estes “encontros” entre os distintos mundos trazem à tona tensões, geram mudanças e adaptações (STENGERS, 2007).

A proposta cosmopolítica de Stengers (2007) sugere pensar novas formas de inter-relação sensíveis às diferenças e atentas às exclusões e processos de hegemonia resultantes das políticas implementadas tanto histórica como atualmente. Ambiciona explorar relações simetricamente comparáveis entre coletivos muito distintos entre si, evitando nas análises comparativas a “grande separação” modernista entre natureza e sociedade. A cosmopolítica é,

então, segundo Floriani (2010), uma expressão a um só tempo de uma nova natureza da política e de uma nova política da natureza.

Compreende-se a multiplicidade de mundos como realidades feitas e ‘atuadas’, configurando assim uma multiplicidade de ontologias. Ao utilizar, portanto, a noção de *política ontológica*, refiro-me aos modos pelos quais o *real* e as condições de possibilidade do nosso viver estão implicados no político, e vice-versa. Essa realidade não precede às práticas mundanas, mas é moldada por elas. O conceito de político unido ao de ontologia pode estar nos mostrando como se dá esse processo de formação. Esta política ontológica supõe multiplicidade de realidades “atuadas”, entendendo que estas são “manipuladas pelo uso de vários instrumentos no curso de uma diversidade de práticas” (SOUZA, 2012, p. 18). As diversas ontologias não comportam uma coerência interna, mas a realização de mundos que envolvem discrepâncias, tensões e distintas formas de associação. É por isso que essa política ontológica, que “cultiva a dúvida e presta atenção ao modo como a ação é distribuída em diferentes contextos” deve “tolerar finais abertos, encarar dilemas trágicos e viver em tensão” (SOUZA, 2012, p. 18).

Nesta multiplicidade de realidades atuadas, a Farmacinha Comunitária e as farmácias convencionais do município não entram em conflito e seguem coexistindo, justamente, porque configuram ontologias diferentes. No início do trabalho com os remédios caseiros à base de plantas medicinais, houve tensões emergente do encontro destas distintas ontologias, particularmente, pela possível ameaça de uma nova concorrência econômica. A fala do Vilmar, que tem um trecho transcrito abaixo, traz um pouco esta dimensão de algumas tensões e ameaças.

[...] Elas já foram várias vezes... Já houve ameaça de fechar a farmácia delas lá em cima. Mas, até hoje, não fecharam. Existe as denúncias, sei lá. No início tinha gente que achava que elas iam enricar fabricando medicamentos. E, aí, quando viram que isso não dá dinheiro, que nem o custo, elas muitas vezes tiram dinheiro do próprio bolso delas pra comprar os vidros (Vilmar, em 18/05/2015).

Sobre a questão da geração de renda com os fitoterápicos, justamente, um dos princípios que fundamenta o coletivo das Bruxinhas é que a preparação e distribuição de tinturas e elixires constitui um trabalho comunitário, o trecho do trabalho da Aliete esclarece tal princípio.

[...] o quinto e último princípio é uma regra importante: ninguém ganha dinheiro a custa de fitoterápicos. Isto foi decidido em assembleia desde o princípio. Trata-se de uma doação ao planeta. A energia econômica que vem deles, tem dois objetivos: a continuidade do trabalho da compra do material e o que sobra é para a formação permanente dos grupos (MARTINS, 2012, p. 7).

Às pessoas que buscam atendimento na Farmacinha, as mulheres pedem só uma contribuição pelos remédios, especialmente, para conseguir manter o trabalho do grupo de forma auto-gestionada, sem depender de recursos externos. As Bruxinhas se inspiram na seguinte lógica descrita pela Rafinha para a entrega das tinturas e elixires:

[...] Como nós tínhamos que comprar o material, recipientes, matéria-prima, sempre pedíamos para as pessoas que dessem aquilo que elas podiam. Porque, na nossa Filosofia, a gente pensa assim: Todo o mundo está errado quanto a negócios; porque, se uma pessoa tem muito dinheiro, deve dar muito por alguma coisa que ela precisa. A pessoa que tem pouco dinheiro, deve dar pouco dinheiro. Então, um medicamento não pode ter o mesmo valor para as duas pessoas. Se, um rico vem pegar um Elixir Depurativo que está precisando, porque está intoxicado, ele dará o que quer, mas não deveria dar pequena quantia, porque tem muito dinheiro. E, se um pobre vem buscar, não pode dar quase nada, dê a sua ajuda em trabalho, porque ele não tem dinheiro. Acreditamos que essa deveria ser a Filosofia anticapitalista que deveria funcionar no mundo. Estamos tentando, até hoje, ser fiéis a ela, compreende agora por que nossa farmacinha é pobre? (DUARTE, 2002, p. 12 e 13).

Esta “filosofia anticapitalista” está fortemente influenciada pelo princípio de “opção pelos pobres” da Teologia da Libertação<sup>8</sup>, que tem acompanhado e inspirado os discursos e ações dos movimentos sociais no campo brasileiro. A própria trajetória de vida da Rafinha, saindo do convento de freiras para passar a conviver e a trabalhar “junto aos oprimidos”, é uma expressão viva deste contexto histórico de surgimento de uma nova corrente teológica nas margens da Igreja Católica em plena ditadura militar. Como aponta Charão-Marques *et al.* (2015), uma boa parte da organização das mulheres em torno das plantas medicinais e das práticas em saúde tem uma raiz nas ações e estruturas comunitárias iniciadas por entidades religiosas.

A presente dissertação não pretende analisar os fundamentos desta teologia, mas se faz necessário considerar a sua marcada influência nos *dizeres* e *fazeres* da Farmacinha Comunitária, especialmente no que se refere ao preparo e distribuição dos remédios como trabalho comunitário de “doação ao planeta”. Este princípio orientador parece demarcar deliberadamente uma fronteira que passa a circunscrever o trabalho e ‘seu lugar no mundo’. Assim, a ‘convivência’ destas diferentes ontologias se torna aparentemente viável mais porque as práticas em saúde das Bruxinhas se mantêm como trabalho comunitário, do que por uma construção compartilhada de reconhecimento e legitimidade. A permanência das formas de existência destas mulheres se faz possível enquanto ontologia própria. Em outras palavras,

---

<sup>8</sup> A Teologia da Libertação é um movimento sócio-ecclesial que surgiu dentro da Igreja Católica na década de 1960 e que, por meio de uma análise crítica da realidade social, buscou auxiliar a população pobre e oprimida na luta por direitos (CAMILO, 2013).

a política ontológica garante de certa forma, a multiplicidade de ontologias que se (des)encontram. As práticas em saúde da Farmacinha Comunitária se mantêm vivas porque se sintonizam com outra dimensão ontológica da existência: a ‘cura existencial’.

#### 4.4 A PARCERIA ENTRE O SINDICATO, A RÁDIO E AS BRUXINHAS

Uma das relações interdependentes mais próximas que o grupo das Bruxinhas estabelece, no município, é com o Sindicato dos Trabalhadores Rurais (STR) de Cristal do Sul<sup>9</sup> e com a rádio comunitária. Poderia se dizer que estes atores sociais formam uma espécie de ‘tripé’ unido que se fortalece mutuamente. Cada um deles tem seu próprio espaço, seus objetivos, suas lideranças, e seu próprio foco de trabalho. Paradoxalmente, em alguns momentos, essas fronteiras entre os três atores se diluem, gerando uma trama mais complexa de relações.

Assim, o Elias, atual presidente do STR, é também parte do conselho da rádio comunitária, sendo esta a instância que avalia e decide o tipo de programação que é emitida. Já, o Vilmar é considerado o padrinho oficial do grupo das Bruxinhas, junto com a sua esposa. E, justamente, a mãe dele foi uma das mulheres integrantes do grupo desde os seus primórdios. Por outro lado, a Ivone é também a responsável de dar vida cotidianamente à rádio comunitária junto com o seu marido Celso (como já mencionado).

Da mesma forma, apesar dos espaços físicos serem delimitados no seu uso diário por cada um destes atores sociais, existe certa permeabilidade entre eles, como no exemplo do uso esporádico das salas do sindicato por parte das Bruxinhas quando estas precisam de um espaço maior para reuniões ou formação. Esta permeabilidade dos espaços físicos é expressada de forma evidente na narrativa do processo de construção da casa, que é sede atual da rádio comunitária e das Bruxinhas.

[...] A rádio é da comunidade. A casa é cedida... É um projeto de habitação que se conseguiu na época e se deixou lá para ser a rádio. Que é uma parceria com o MPA. Habitação nós trabalhamos com o MPA, que tem uma cooperativa de habitação que trabalha esses projetos. Essa casa é fruto do MPA também [...] Fizemos vários protestos, várias caminhadas. Uma caminhada nós fizemos daqui da região norte até a fronteira. Também durou 32 dias de caminhada, aonde a tentativa era sensibilizar o governo estadual e federal da necessidade de nós ter recursos para financiar a casa para os pequenos agricultores. E, em 2002, nós conseguimos o primeiro programa

<sup>9</sup> O Sindicato dos Trabalhadores Rurais (STR) de Cristal do Sul foi criado em 1997 a partir do desmembramento do STR de Rodeio Bonito, considerando que a emancipação do primeiro município aconteceu em 1995: “a maioria dos agricultores optou pela criação do sindicato próprio, pela necessidade de um acompanhamento mais próximo e direto e a garantia de seus direitos” (CRISTAL DO SUL, 2011, p.123).

piloto da Habitação Rural. Cristal do Sul na época, naquele ano, construímos as primeiras 30 casas [...] aonde nós construímos a casa onde hoje é a rádio e também funciona lá o grupo das Bruxinhas. Aquela casa saiu no meu nome, que tinha que ser um agricultor ou alguém para emprestar o bloco para se construir. [...] A companheira Ivone e o Celso, a família do Celso, cederam o terreno e eu financiei ela no meu nome pra sair, né. E hoje tá lá. Aquela casa não dá pra se dizer que é do sindicato, é da rádio, é das Bruxinhas. Ela é usada pelo sindicato, pela rádio e pelas Bruxinhas (Vilmar, em 18/05/2015).

O fluxo dinâmico entre estes atores sociais é particularmente marcante no que se refere ao uso da rádio comunitária. Assim, tanto o sindicato como as mulheres da Farmacinha utilizam habitualmente esta poderosa ferramenta de comunicação para as suas articulações e mobilizações, para divulgar informações, sensibilizar a população e dar avisos às famílias do interior. Durante a pesquisa, fui testemunha da rapidez e eficácia da rádio no trânsito de informações na comunidade. Para as Bruxinhas e o sindicato, a rádio se configura atualmente como um canal de comunicação imprescindível, como percebido na fala abaixo.

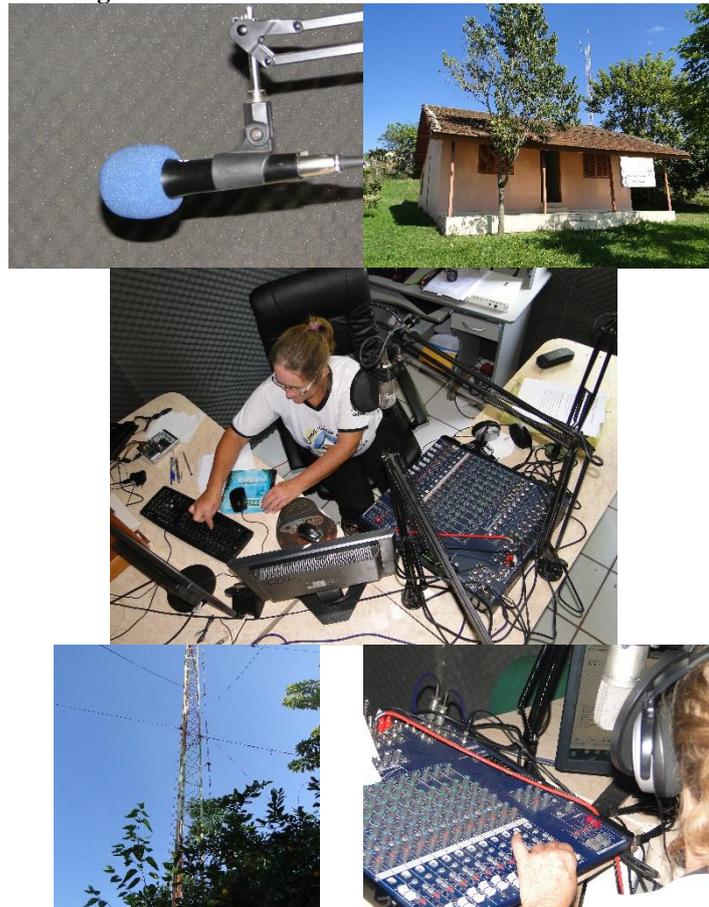
[...] A rádio assim, nós (o sindicato) criamos ela. No dia da primeira reunião pra criar a rádio eu fui contra a criação dela [...] Como nós fomos voto vencido, remangamos as mangas, como se diz, e começamos a ajudar a trabalhar. E aonde tá a rádio, tinha essa casa lá, onde já funcionava as Bruxinhas. Vamos botar lá! Já tinha lá esse espaço. E nós começamos sem nenhum equipamento, sem nada. A antena que foi erguida lá no morro, foi nós que fomos lá braçalmente erguer. E tinha muita perseguição da Anatel<sup>10</sup>. Na época era tudo clandestino. Mas, o pessoal apoiou nós. Nós começamos e deu certo. Hoje, não sei se Cristal saberia viver sem a rádio. Porque se nós precisamos mandar um recado lá pro interior, lá muitas vezes o telefone não pega, mas a rádio pega. Aí, nós conseguimos informar os nossos agricultores. E o nosso pessoal escuta muito a rádio. O pessoal assim, 90% da nossa população escuta nossa rádio. Se tem uma das coisas boas que foi criada aqui no município foi a rádio comunitária (Vilmar, em 18/05/2015).

A Ivone e o Celso relatam que a rádio surgiu, justamente, pela necessidade de ampliar a comunicação entre as pessoas da comunidade (Figura 8). Para eles a origem da rádio foi tumultuada, e se encontrou mergulhada numa disputa pelo seu controle entre o sindicato e a prefeitura do município. A história é contada com certa ambiguidade, e com algumas ‘zonas obscuras’, especialmente na referência a conflitos partidários locais. Mas, o que se mostra evidente nos *dizeres e fazeres* do Celso é que o processo de construção de autonomia da rádio comunitária fez com que aqueles que tinham interesses exclusivamente econômicos ou eleitorais acabaram por sair, porque “*a rádio é da comunidade*”.

---

<sup>10</sup> A Anatel é a Agência Nacional de Telecomunicações, organismo responsável por regular concessões e funcionamento de telefonia, rádios e televisões, dentre outras atribuições.

**Figura 8 - Rádio Comunitária de Cristal do Sul/RS**



Fonte: acervo da pesquisa (2015).

Atualmente, a rádio comunitária de Cristal do Sul passou pelos trâmites de regulamentação e encontra-se devidamente legalizada<sup>11</sup>, fazendo parte da Agência Abraço de Comunicação Comunitária, instituição de articulação de rádios comunitárias a nível nacional, criada em 2005. O Celso é quem participa das reuniões e articulações de rádios comunitárias a nível regional e estadual.

Segundo o Celso, houve uma tentativa de inserção das rádios comunitárias numa mesma faixa de frequência. Para ele, esta nova situação provocaria uma mudança radical do perfil de rádio comunitária para uma emissora comercial, cujos objetivos considera completamente diferentes. É por isso que decidiram se manter a emissão na sua frequência inicial, evitando assim a apropriação da rádio por outras pessoas e para outros fins.

Caberia ressaltar aqui uma analogia possível entre esta estratégia de ação da rádio comunitária de Cristal do Sul e o processo de construção de autonomia das Bruxinhas. Da

<sup>11</sup> A Lei 9.612 de 1998 institui o Serviço de Radiodifusão Comunitária, regulamentado, a seguir, pelo Decreto 2.615 de 1998. No Ministério das Comunicações, este serviço cumpre a Portaria 4.334 de 2015 (Norma 1/2015). Informações obtidas do site do Ministério das Comunicações, disponível em: <<http://www.mc.gov.br/espaco-do-radiodifusor/radio-comunitaria/legislacao>>. Acesso em: 15 de janeiro de 2016.

mesma forma que as últimas usam as instituições de saúde ao seu favor para a valorização do seu trabalho comunitário com as plantas medicinais, dialogando com estas entidades até o ponto em que não sentem ameaçada a sua ontologia, a rádio comunitária utiliza as instituições de comunicação ao seu favor para o reconhecimento dela através da regulamentação e da articulação com a agência nacional de rádios, mas delimita seu ‘espaço ontológico’ permanecendo na própria frequência. No caso da rádio comunitária, a entrada no processo de regulamentação tem se configurado como uma ampliação do espaço de manobra. Eis, aí, uma diferença em relação a algumas estratégias das Bruxinhas, na medida em que um possível caminho de regulamentações e normatizações é percebido como indesejável.

Este vínculo interdependente no nível local entre o sindicato, a rádio comunitária e o grupo das Bruxinhas está arraigado à trajetória histórica de engajamento de suas lideranças e dos agricultores e agricultoras cristalenses nos movimentos sociais do campo no âmbito regional.

[...] A gente, sempre agricultor. Mas, a gente via que só ser agricultor não bastava, né. A gente tinha que ousar sair fora da propriedade para conquistar alguma coisa, né. A gente acreditava sempre no sindicato. E a gente sabe que, da porteira para dentro da propriedade, a gente é responsável, o agricultor é responsável. Mas, quando é da porteira para fora, a gente não muda nada, a não ser que vai para estrada. Então, a gente sempre acompanhou as mobilizações (Elias, em 18/05/2015).

A maior parte das Bruxinhas e de suas famílias participou deste longo período de mobilizações em defesa de ser agricultora. Só as mais jovens, as agentes de saúde que entraram posteriormente no grupo, não vivenciaram esta mesma trajetória de vida. O Vilmar, que foi presidente do sindicato durante 12 anos, precisamente nesse período, narra a relação do sindicato com os movimentos sociais da seguinte maneira:

[...] Quando se fala em movimentos sociais, o sindicato aqui sempre está presente em todos eles. Claro, nós não temos grande população. Mas assim, nos movimentos sociais, quando nós fazíamos protestos, e quando se faziam, Cristal do Sul sempre foi destaque por conseguir levar povo pra os manifestos. Sempre foi um dos municípios que mais botou povo em todos os manifestos [...] Nós fizemos parte da FETAG e do MPA também, e também do movimento dos sem terra. Os sem terra, numa época, era forte aqui no município [...] Nós temos muita gente aqui de Cristal que estão assentados [...] Nós levamos muita gente pra o movimento sem terra. Hoje, estão assentados, e muito bem de vida (Vilmar, em 18/05/2015).

Percebe-se a ação estratégica do sindicato na sua articulação com os distintos movimentos sociais, a partir das suas necessidades, interesses e prioridades em cada momento histórico. Este é o caso, por exemplo, da relação do sindicato com o Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB) durante a tentativa de instalação de uma barragem no

município por volta do ano 2010. Segundo o Elias, a empresa executora ofereceu uma “quantia substancial” às lideranças do sindicato para convencer às mais de cem famílias de agricultores que moravam perto do rio de abandonarem as suas casas. Como refere o Elias: *“hoje muitas lideranças têm preço, mas não têm valor”*. Nessa situação, o sindicato decidiu se organizar com o MAB, mas como esclarece o Vilmar: *“nós não criamos o movimento, nós só se utilizamos dele na época por causa de uma barragem, que foi impedida até de sair”*. Esta ação estratégica do sindicato de Cristal do Sul com outros atores sociais se constata também na sua articulação esporádica com organizações estaduais como o Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA) e a Federação dos Trabalhadores na Agricultura no Rio Grande do Sul (FETAG-RS) (Figura 9).

**Figura 9 - Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Cristal do Sul/RS**



Fonte: acervo da pesquisa (2015).

Para o Vilmar:

[...] Desde que nós assumimos o sindicato nós sempre trabalhamos com todos os movimentos sociais. Se pegar o MPA e FETAG, eles não se enquadram muito, né. São movimentos diferentes. Mas, nós como sindicato, nós temos uma visão diferenciada, que para nós todos os movimentos sociais que tem no Brasil e no mundo vem defender o pequeno. Se o MPA foi criado lá por causa dos Pronafinho,

ele já tinha uma metodologia de defender a agricultura familiar. A FETAG também. Mas aí, muitas vezes, existe lideranças a nível estadual, a nível nacional, que essas lideranças que não se acertam. Mas, se vai ver, o que eles defendem é a mesma coisa. Todos os movimentos querem a mesma coisa, defender a agricultura familiar (Vilmar, em 18/05/2015).

Essa espécie de leitura local dos processos políticos que envolvem a consolidação da agricultura familiar como um ‘grupo de interesse’ parece influenciar também a ação do grupo das Bruxinhas. Um dos aspectos que leva a esta percepção é o fato do grupo emergir a partir dessa relação de articulação estratégica entre o sindicato de Cristal do Sul e o MPA num contexto histórico de mobilizações dos agricultores e agricultoras na região e no município. Enquanto a Ivone sempre enfatiza que *“foi o Augusto do MPA quem trouxe a Rafinha para Cristal do Sul”*; o Vilmar conta: *“quando foi começado o grupo das Bruxinhas, que veio através do sindicato, nós trouxemos a Rafinha, que é uma estudiosa na questão de plantas medicinais”*. Longe de parecer uma contradição, entende-se que é justamente nesta interface entre o sindicato e o MPA que foram construídas as condições necessárias para o surgimento do grupo de mulheres.

Neste sentido, percebe-se que as pessoas das organizações, especialmente lideranças, transitam por entre as distintas entidades, como o MPA, o sindicato, a rádio, as Bruxinhas, o posto de saúde, construindo, desta forma, ‘identidades múltiplas’. Assim, por exemplo, a Ivone frequentemente se refere a “nós”, significando às vezes as Bruxinhas, as agentes de saúde, outras vezes, esse “nós” vai é o sindicato, a rádio, ou o próprio MPA, dependendo sempre de com quem esteja dialogando e sobre o quê. Da mesma forma, acontece com as lideranças do sindicato, usando “a gente” para se referir ao próprio sindicato, aos agricultores familiares, ou aos movimentos sociais. Poder-se-ia, então, afirmar que os distintos atores sociais consolidam realidades ‘feitas’, assim como, ‘corpos mutáveis’ que se reconfiguram permanentemente através do fluxo de pessoas e materialidades entre eles.

#### 4.5 MULHERES E PLANTAS MEDICINAIS NO MPA REGIONAL

Permanecendo com o objetivo de compreender a construção dos processos de autonomia por parte das Bruxinhas, pelo olhar das suas relações com outros atores sociais, resulta necessário descrevermos o vínculo deste grupo de mulheres com o Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA) da região. Percebemos, neste caminho, que a autonomia das Bruxinhas vai além da sua relação com as instituições públicas, e se expande também na sua ligação com os movimentos sociais.

O MPA é um movimento social do campo brasileiro que surgiu em 1996 no Rio Grande do Sul como forma de organização e mobilização das famílias de pequenos agricultores, visando à melhoria de suas condições de vida no campo e partindo da compreensão de que os investimentos públicos na época favoreciam principalmente o modelo de modernização agrícola em expansão, deixando à margem estas famílias que produziam uma diversidade de alimentos nas suas pequenas propriedades<sup>12</sup>. O Vilmar narra as origens do MPA como nascidas da organização e mobilização dos agricultores familiares em torno da demanda por crédito rural, como esclarece a sua fala abaixo.

[...] Depois, nós criamos em 97 o MPA, que foi criado em Sarandi, onde ficamos 28 dias acampados. O MPA nasceu por quê? [...] Até então, tinha recurso para financiar os grandes grupos, a grande propriedade, a agricultura de expansão. E os pequenos agricultores não tinham financiamento. Então, nós decidimos, lá na época, em 97, nós ir pra estrada também, onde ficamos 28 dias acampados em Sarandi até convencer o governo que nós precisava de recursos, de dinheiro. Nessa época foi criado o Pronaf Investimento [...] e também foi criado o Pronafinho, o Pronaf Custeio (Vilmar, em 18/05/2015).

Fundamentado numa visão dialética da realidade social no campo brasileiro, o movimento constrói atualmente seu “projeto de agricultura camponesa” em contraposição ao “projeto do agronegócio”. Na perspectiva do movimento, a agricultura precisa cumprir novas funções para dar resposta à atual crise social, energética e ambiental, de caráter internacional e globalizada (DA SILVA, 2012, p.58). Para isso, o MPA propõe o Plano Camponês, que afirma o campesinato como o sujeito político e histórico capaz de erguer este outro modelo de desenvolvimento para o campo brasileiro “baseado na produção de alimentos saudáveis, na produção de energias renováveis, no cuidado com a natureza e na geração de postos de trabalho descentralizado” (DA SILVA, 2012, p.57).

Atualmente, a proposta de agricultura do Plano Camponês se baseia nos “sistemas camponeses de produção” altamente diversificados e multifuncionais, como parte do que o MPA chama de “novo paradigma da ALIMERGIA”, que pretende integrar a produção de alimentos, a produção de insumos biominerais para a agricultura orgânica, energias renováveis e preservação ambiental. Uma ação recente do Movimento que dialoga com esta proposta e com a política de Desenvolvimento Territorial é o estabelecimento do Centro Territorial, localizado no município de Seberi (cerca de 20 Km de Cristal do Sul) e organizado pela Cooperativa Mista de Produção, Industrialização e Comercialização de

<sup>12</sup> Informações obtidas do site do Movimento dos Pequenos Agricultores, disponível em: <<https://mpabrasiles.wordpress.com/nossa-historia/>>. Acesso em: 27 jun. 2016.

Biocombustíveis do Brasil Ltda. (Cooperbio), ligada ao MPA. As propostas do Movimento para o Território da Cidadania Médio Alto Uruguai<sup>13</sup> são:

[...] integrar uma estratégia territorial de desenvolvimento visando criar unidade entre campo e cidade, e coesão entre as diversas ações e setores. Nossa proposta se baseia em que devemos nos tornar um território com capacidade de comandar nosso destino e não apenas em um território do fazer o que os outros definem, reproduzindo modelos externos e dependentes de desenvolvimento. Acreditamos desta forma que o importante não é a territorialização das políticas públicas e sim a construção de projetos coletivos territorializados (DA SILVA, 2012, p. 59).

No âmbito da saúde, dentro das iniciativas que pretendem a construção desse novo modelo de desenvolvimento no território, o MPA propõe aprofundar o debate sobre a saúde (alimentação, prevenção e curativa) através das seguintes “ações e projetos: formação nutricional; plantas medicinais; melhorar a infraestrutura regional: hospitais especializados, combinado ao atendimento descentralizado e à saúde preventiva e popular; e ampliar o quadro de profissionais” (DA SILVA, 2012, p. 61).

Como Santos (2004) aponta, são justamente as mulheres quem culturalmente têm promovido ações de prevenção da saúde na família e na comunidade através do seu conhecimento das plantas medicinais. No mesmo caminho, Charão-Marques (2008) destaca como as mulheres que têm conhecimento sobre as plantas medicinais trazem para si a responsabilidade do cuidado da família e da comunidade. Percebe-se também esta interface entre mulheres e plantas medicinais nos *dizeres e fazeres* do MPA, como registrado no trecho a seguir.

[...] Visibilidade e Protagonismo Feminino. Um conjunto de políticas públicas que visem resgatar, fortalecer e recriar o papel estratégico do campesinato na sociedade contemporânea precisa garantir a visibilidade e o reconhecimento do *protagonismo feminino* na família, na comunidade e na produção camponesa, inclusive, com sua especificidade na preservação da biodiversidade, na educação, na cultura, na culinária, na preservação e recriação dos saberes, na medicina popular, entre tantas outras (DA SILVA, 2012, p. 56).

Nesta interface entre as mulheres do MPA e as plantas medicinais, Charão-Marques *et al.* (2015) ressaltam como a necessidade de materializar a articulação das mulheres dentro deste movimento misto conduziu o Coletivo de Mulheres do MPA a construir hortos medicinais com formatos alternativos (mandalas e espirais), a partir da inserção desta meta em 2008 no “Projeto de Capacitação de Agricultores Familiares para a Transição do Modelo Agrícola”, financiado pelo Ministério de Desenvolvimento Agrário (MDA). Os autores registram uma fala de uma liderança do MPA: “as plantas medicinais são a porta de entrada”,

<sup>13</sup> Mais detalhes sobre o Programa dos Territórios da Cidadania no capítulo 2 desta dissertação.

para explicitar como a organização em torno das plantas medicinais se constitui como ação estratégica para a articulação das mulheres do movimento (CHARÃO-MARQUES *et al.*, 2015, p. 164). Vai ficando claro que a ação coletiva que articula as muitas práticas associadas ao cultivo e uso das plantas, assim como ao fazer remédios, se configura como estratégica, como constituinte de processos ligados à emancipação e visibilidade das mulheres rurais.

#### 4.5.1 A Irene do ‘Cheiro da Mata’

Na tentativa de conhecer grupos de mulheres do MPA que trabalhassem com ervas medicinais na prevenção da saúde na região, durante a época em que a pesquisa foi realizada, tive a oportunidade de conhecer uma pessoa chave na trajetória histórica do trabalho com as plantas medicinais e a chamada medicina alternativa: a Irene do ‘Cheiro da Mata’. Durante um tempo do trabalho em campo, diversas pessoas com as quais vinha conversando sobre minha pesquisa faziam referência a esta mulher, como alguém que trabalhava há muito na região com as ervas medicinais. Casualmente, após um tempo pensando em conseguir o seu contato para visitá-la na sua propriedade em Seberi, esta mulher apareceu num dos encontros das Bruxinhas na Farmacinha. Chegou ao local perguntando pela Rafinha, que nesses tempos tinha voltado para Cristal do Sul para refazer o curso de *reiki* junto ao grupo de mulheres. A Irene queria convidá-la para participar de um curso de formação que ela estava organizando no seu município e que iniciava nesses dias. A Rafinha não se encontrava no local nesse dia, e após me conhecer, a Irene terminou me convidando para visitar a sua propriedade e participar do curso que logo começava.

Segundo ea Irene explica, a questão das plantas medicinais foi introduzida na região na década de 1980 por padres e freiras que atuavam na Pastoral da Saúde<sup>14</sup>, ligada, na época, à Comissão Pastoral da Terra (CPT) e às Comunidades Eclesiais de Base (CEBs). Esta informação corrobora as pesquisas realizadas a nível estadual por Charão-Marques (2008) e Charão-Marques *et al.* (2015), que apontam as raízes da organização das mulheres em torno das plantas medicinais nas estruturas comunitárias mobilizadas, em especial, pelas Igrejas Católica e Luterana. .

A longa trajetória da Irene com as ervas medicinais começou justamente por dentro da Pastoral da Saúde, nesta organização, viria a trabalhar durante anos, dando continuidade ao

---

<sup>14</sup> A Pastoral da Saúde é uma organização cívico-religiosa subordinada à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB).

trabalho em saúde, a partir de 1989, pelo Movimento das Mulheres Trabalhadoras Rurais (MMTR), do qual participa desde a fundação. Na opinião dela, o trabalho da Pastoral da Saúde com as plantas medicinais foi abafado pela Diocese de Frederico Westphalen a partir das “*denúncias dos grandes*” na passagem da década de 1980 para 1990.

Como militante do MMTR (atualmente MMC) durante uma parte da sua vida, a Irene faz referência à questão das plantas medicinais e da alimentação saudável como principais prioridades deste movimento por possibilitar a “*autonomia na saúde das mulheres*”. A organização das mulheres em torno destas práticas se configura, ao mesmo tempo, como uma forma de politização.

Percebe-se na sua fala sobre as ervas medicinais um forte vínculo entre saúde, natureza e espiritualidade, fundamentada numa visão dicotômica e essencialista entre Natureza/Cultura, Mulher/Homem, Alimentação Saudável/Veneno, Bem/Mal, Divino/Destruição pelo Homem. As plantas medicinais e os alimentos saudáveis são entendidos como “*parte da Natureza que Deus deixou para nós*”, são “*Natureza-Divina*”. Justamente, a construção do sujeito “mulher camponesa” pelo MMC emergiu a partir desta vertente essencialista do feminismo que atribui à mulher o papel de ‘cuidadora por natureza’ por suas características biológicas vinculadas à reprodução e à função de ‘mãe cuidadora’ (ERICE, 2015). Abre-se novamente, aqui, a dimensão ontológica da ‘cura existencial’, e apercebe-se que o simbólico se materializa e ressignifica o ‘ser’ num movimento em espiral, sem fim. O *saber-fazer* desta mulher evidencia outras faces das realidades feitas, em *performances* corporificadas.

Assim, a Irene mostra orgulhosa uma grande quantidade de certificados que fazem referência a distintos cursos realizados ao longo de sua vida, alguns sobre plantas medicinais, outros em massoterapia, homeopatia, iridiologia, *reiki*, Florais de Bach, entre outros. Na sua propriedade, em Seberi, construiu o “Espaço de Saúde”, uma pequena casa com biblioteca e um espaço com uma maca para o atendimento em saúde. Cabe destacar também a pequena agroindústria ‘Cheiro da Mata’ na propriedade, da qual a Irene é a coordenadora, e onde trabalham três mulheres da comunidade na elaboração de mais de 20 produtos panificados diferentes. Nesta agroindústria, foi construído um forno e uma câmara para o processo de secagem das plantas medicinais (Figura 10).

**Figura 10 - “Espaço da Saúde” e Agroindústria “Cheiro da Mata”, em Seberi/RS**



Fonte: acervo da pesquisa (2015).

Esta mulher, vinculada nos últimos anos ao MPA, percebe algumas dificuldades em relação às prioridades gerais estabelecidas pelo Movimento, no sentido de que, nem sempre, o trabalho com as plantas medicinais alcança estar nos assuntos principais que mobilizam. O fato da ‘agenda das mulheres’ não fazer parte necessariamente das prioridades de movimento mistos, não é uma exceção. Segundo uma pesquisa realizada por Paulilo (2011), mulheres dos sindicatos rurais e do MST (que são movimentos mistos) reconheciam como pautas principais de luta a ‘agricultura familiar’ e a ‘reforma agrária’ respectivamente (temas comuns a homens e mulheres), enquanto os movimentos autônomos de mulheres tinham como meta a saúde (considerada habitualmente como ‘assunto de mulher’).

Na época da pesquisa, a Irene passou a ministrar um curso de formação em plantas medicinais pelo “Projeto Camomila” (Figura 11). Ela assume esta posição por ser responsável pelo recém-criado setor de Coordenação de Agroindústrias da Agricultura Familiar e Plantas Medicinais dentro da Secretaria Municipal da Agricultura e Meio Ambiente da Prefeitura de Seberi. O projeto, que contava com a parceria do MPA e da Cooperbio, tinha o objetivo à curto prazo de sensibilizar e formar pessoas da comunidade e agentes de saúde para o uso e manejo das plantas medicinais. No entanto, o plano de longo prazo é criar um laboratório de

fitoterápicos no município, por meio de futuros projetos, com sede no Centro Territorial do MPA em Seberi.

**Figura 11 - Curso de formação pelo Projeto Camomila em Seberi/RS**



Fonte: acervo da pesquisa (2015).

A descrição aqui trazida tem o objetivo especialmente de refletir sobre a relação entre o grupo de mulheres de Cristal do Sul e as experiências regionais com plantas medicinais vinculadas ao MPA, como no caso da Irene. Surpreendeu-me descobrir que as Bruxinhas nunca tinham visitado a propriedade desta mulher nem pareciam conhecer muito de perto seu trabalho, assim como também não conheciam o Centro Territorial do MPA, que foi construído nos últimos anos. Os dois lugares estavam localizados em Seberi, a 20 km de distância de Cristal do Sul. A seguir se expõem algumas reflexões sobre as relações dinâmicas que as Bruxinhas constroem com o movimento.

#### **4.5.2 Reafirmando a agência local das Bruxinhas**

Como já foi citado, o grupo das Bruxinhas emergiu na terra fértil de mobilização regional pelo MPA e de organização local pelo sindicato, a partir da necessidade das mulheres de Cristal do Sul de materializarem as suas demandas específicas em saúde e como ação estratégica de articulação política local.

Existe no grupo uma construção de identidade enquanto ‘Bruxinhas de Deus’, mas não enquanto Coletivo de Mulheres do MPA, ainda que guardem alguma relação com ele. O grupo define a situação atualmente como uma “parceria” e uma “troca”. Uma série de mudanças na estrutura interna e funcionamento do movimento a nível regional, envolvendo centralização da tomada de decisões por parte da coordenação, parece ter criado certa desmobilização por parte da comunidade de agricultores familiares. Neste contexto, as Bruxinhas deixaram de se envolver tão ativamente como antes no movimento, sem romper a relação com ele.

Percebe-se novamente, neste caso, a construção de autonomia pelo grupo de mulheres indo além da relação institucional, permeando também os espaços de organização e mobilização. Neste gesto, as Bruxinhas reafirmam a sua agência, seu poder de decisão enquanto coletivo local, permanecendo entre eles o diálogo e a ajuda mútua. Da mesma forma que com o posto de saúde, o grupo não entra em conflito com o movimento, mas se articula, dialoga com ele, num movimento de ampliação da sua margem de manobra. A ideia de arena parece, também, uma vez mais ser útil para entender estas práticas de negociação cotidiana, onde eclodem vozes próprias das Bruxinhas, não sem interfaces com múltiplas outras vozes, conhecimentos e práticas, que conferem muitos matizes aos processos dinâmicos de idas e vindas que, justamente, parecem garantir sua existência.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste breve e último capítulo da dissertação, o esforço será de canalizar algumas reflexões empreendidas de forma a conectar alguns dos achados do trabalho. Neste sentido, um ponto de partida é a problematização inicial, que motivou os caminhos percorridos, sem, contudo, perder de vista que a imersão no empírico também foi requerendo outros aportes e provocando outras reflexões, que não necessariamente estavam tão claras ao início.

Sendo assim, um primeiro aspecto a mencionar se refere ao próprio processo de construção da pesquisa. Ao participar da equipe que movia o projeto “Mulheres e Biodiversidade”, a construção desta dissertação esteve associada a um processo de descobertas e debates que não deixa de ser também uma ‘ação coletiva’, e que contou com algum apoio institucional (mesmo que a responsabilidade da autoria seja minha, em última análise). O acompanhamento, com a equipe do projeto, de uma série de experiências que envolvem mulheres e seus trabalhos com plantas medicinais no estado do Rio Grande do Sul, assim como a participação com o grupo da nona Reunião Técnica sobre Plantas Bioativas, possibilitou dar maior aprofundamento para o andamento em campo da presente pesquisa e para as próprias reflexões do trabalho. Percebe-se desta forma a construção do conhecimento como um caminho percorrido de forma coletiva.

Um segundo aspecto que cabe destacar se refere à escolha dos aportes teórico-metodológicos da Perspectiva Orientada aos Atores para a estruturação da pesquisa. O olhar, no âmbito do desenvolvimento rural, para além das abordagens estruturalistas, permitiu não invisibilizar o poder de ação dos atores sociais frente aos processos universalizantes e homogeneizantes da modernização. Ou seja, foi importante exercitar a superação do entendimento dos atores como vítimas passivas dos ditames do desenvolvimento, especialmente, pela compreensão destes como participantes ativos, capazes de processar as experiências vividas, passando a mediá-las e transformá-las, sendo protagonistas, assim, de seus próprios mundos de vida, mesmo considerando barreiras e amarras estruturais. O desenvolvimento rural se confirma, então, como um processo complexo, desenhado por uma heterogeneidade de respostas, uma multiplicidade de formas expressivas e criativas de existência, especificamente, como é o caso das práticas de cuidado em saúde das Bruxinhas de Cristal do Sul.

Neste sentido, a escolha de uma conduta a campo centrada nos atores foi importante para possibilitar o estabelecimento de uma metodologia de pesquisa que dialoga de forma direta com o empírico, deixando ‘o campo falar’. Evitar categorias pré-estabelecidas é um

desafio metodológico, assim como cotizar o teórico e o empírico desde o processo de problematização é um desafio analítico, todavia, se configura também como uma potencialidade na medida em que não fixa papéis e funções dos sujeitos/atores, além de abrir novas possibilidades para a própria pesquisa em desenvolvimento rural e no olhar sobre as mudanças sociais. No entanto, também cabe uma nota sobre um possível aspecto limitante da abordagem no que se refere à centralidade na noção de ‘agência’, que tem suas origens numa certa compreensão racional das escolhas, baseada na suposta capacidade reflexiva dos atores sociais. Isto, mesmo sendo importante, pode terminar invisibilizando outras motivações ou relações menos estratégicas, quiçá mais subjetivas, que emanam do agir das pessoas, e não por isso são menos importantes.

O desafio analítico mesclado com um posicionamento construído desde o lugar de enunciação da pesquisadora levou, também, ao encontro com o corpo de conhecimentos de algumas autoras feministas pós-coloniais, especialmente na sua interface com o desenvolvimento e focando nas mulheres rurais. Quanto a esta escolha é possível apontar que os aportes se configuram como um campo fértil de possibilidades para os estudos do desenvolvimento rural, na medida em que tais abordagens questionam os discursos ocidentais homogeneizantes sobre a ‘mulher’ que inspiram e transitam tanto pelos programas e projetos do ‘primeiro mundo’, como pelas próprias políticas públicas dos países do ‘terceiro mundo’. Desvenda-se, neste caminho, a continuidade na colonialidade do poder e do saber através dos discursos universalizantes de desenvolvimento, que acabam por gerar realidades concretas nos mundos de vida.

No caso da construção dos discursos do desenvolvimento sobre a autonomia das mulheres rurais, a reflexão proposta na dissertação identifica uma visão ainda prioritariamente econômica, tendendo a afirmar a autonomia quase que exclusivamente pela inclusão produtiva e/ou no mundo do trabalho, criando a perspectiva de um caminho único e evolutivo para a sua suposta ‘emancipação’ enquanto sujeitos de direitos. Esta homogeneização dos discursos pode estar invisibilizando outras expressões coletivas de autonomia construídas pelas próprias mulheres. Neste sentido, as teorias das feministas pós-coloniais possibilitam a ampliação dos olhares metodológicos no campo de pesquisa do desenvolvimento rural, por focar suas observações nos micro-agenciamentos moleculares de grupos de mulheres rurais nos seus contextos particulares, dando atenção às formas locais de (r)existência e aos espaços de manobra conquistados cotidianamente, como no caso das Bruxinhas de Cristal do Sul analisado nesta dissertação.

Desta forma, como se viu, quando este coletivo de mulheres reafirma a sua autonomia, o faz como ação política perante um contexto hostil de marcadas relações clientelísticas, delimitando, assim, seu poder de decisão sobre suas próprias vidas. Mas, é diretamente no fazer cotidiano, através do conjunto de práticas em torno da Farmacinha Comunitária, que as Bruxinhas materializam sua autonomia. As práticas de cuidado destas mulheres mostram como o conhecimento em saúde é um processo dinâmico e complexo, resultando do resgate, da reapropriação e da transformação de distintos conhecimentos num fluxo contínuo. Mais do que uma contra-tendência ao sistema biomédico, as práticas de elaboração de remédios à base de plantas medicinais junto com a ‘cura existencial’ constituem uma dimensão ontológica, uma ‘realidade feita’ que se encontra e desencontra com outros fazeres científicos em saúde.

Seguindo a sugestão de Stengers (2007) de “retardar” os raciocínios para gerar novas sensibilidades perante outras possibilidades em relação aos problemas sociais que interessam, a própria existência da Farmacinha e de suas práticas questiona em si a universalização dos conhecimentos biomédicos, trazendo à tona a multiplicidade de outras ontologias num pluri-verso cosmopolítico. Sem dúvida, como o caso das Bruxinhas mostrou, as ontologias não constituem realidades fixas, estáveis, mas ‘corpos mutáveis’ em permanente transformação, que se reconfiguram e se ressignificam dinamicamente a partir dos encontros e desencontros com outras ontologias. Assim, o fazer destas mulheres dialoga localmente com a unidade básica de saúde, transformando-a cotidianamente desde dentro, por exemplo, pela ação das agentes comunitárias de saúde. Neste processo, elas constroem sua autonomia localmente, ampliando os espaços de manobra e conseguindo certo reconhecimento para suas práticas. Ao mesmo tempo, neste contato permanente, o *saber-fazer* da Farmacinha também é modificado de forma dinâmica, sem por isso mudar o “jeito do grupo”.

Por outro lado, as práticas de elaboração de remédios à base de plantas medicinais das Bruxinhas conseguem coexistir com as farmácias convencionais locais, justamente, porque se encontram em planos ontológicos diferentes. O fato da dimensão de ‘cura existencial’ não ser validada pelo conhecimento farmacêutico, termina por permitir a presença destes remédios, sempre e quando estes não avancem para a esfera econômica.

Num jogo de analogias das práticas das Bruxinhas com a frequência da rádio comunitária, poder-se-ia dizer que estas mulheres conseguem transitar por diferentes ‘frequências’, obviamente, isto não significa que não ocorram ‘interferências’. Compreendendo o mundo a partir de uma multiplicidade de ontologias, as Bruxinhas estão ‘sintonizadas’ com a cura existencial, que constitui parte do fazer autônomo na Farmacinha Comunitária, mas conseguem sintonizar, também, com outras frequências de modo a permitir

o diálogo, sem, por isso, perder sua posição ontológica. Aqui, se pode chamar a atenção para o questionamento da homogeneização e universalização pretendida pelos discursos do desenvolvimento para além das diferenças epistemológicas; isto porque parece pertinente, a partir da pesquisa e da experiência vivenciada, indagar o campo do desenvolvimento rural desde uma perspectiva que considere a multiplicidade de ontologias que, analogamente à rádio comunitária, estão em ‘frequências diferentes’.

Finalmente, cabe ressaltar que as práticas de cuidado em saúde das Bruxinhas na Farmacinha constituem uma ‘ação coletiva’. É justamente na auto-organização das mulheres em torno das plantas medicinais e nas relações que estabelecem com outros atores sociais, ampliando seus espaços de manobra, que as Bruxinhas constroem cotidianamente a sua autonomia. Esta ação coletiva se configura, em última instância, como ato político.

## REFERÊNCIAS

- ARCE, A.; LONG, N. The dynamics of knowledge. Interfaces between bureaucrats and peasants. In: LONG, N.; LONG, A. **Battlefields of knowledge: the interlocking of theory and practice in social research and development**. Londres: Routledge, 1992. p. 211-246.
- BELLI, G. **El ojo de la mujer**. Madrid: Visor Libros, 2001.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos. Departamento de Assistência Farmacêutica. **Política nacional de plantas medicinais e fitoterápicos**. Brasília: Ministério da Saúde, 2006. (Série B. Textos Básicos de Saúde)
- BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Agrário. **Territórios da cidadania: Brasil 2008**. Brasília, 2008. Disponível em: <<http://www.mda.gov.br/sitemda/sites/sitemda/files/ceazinepdf/3638408.pdf>>. Acesso em: 22 abril 2016.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos. Departamento de Assistência Farmacêutica e Insumos Estratégicos. **Programa Nacional de Plantas Mediciniais e Fitoterápicos**. Brasília: Ministério da Saúde, 2009a. (Série C. Projetos, Programas e Relatórios).
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **O trabalho do agente comunitário de saúde**. Brasília: Ministério da Saúde, 2009b. (Série F. Comunicação e Educação em Saúde)
- CAMILO, R.A.L. **A ação política na teologia da libertação hoje: estudo de caso da paróquia de São Félix do Araguaia (MT)**. 2013. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Ciências Sociais, Goiânia, 2013.
- CARNEIRO, M. J. (Org.). **Ruralidades contemporâneas: modos de viver e pensar o rural na sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: Mauad X, FAPERJ, 2012.
- CARVALHO, J. J. O olhar etnográfico e a voz subalterna. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 7, n. 15, p. 107-147, jul. 2001.
- CARVALHO, C.D. A história oral: uma metodologia de pesquisa em Agroecologia. **Revista Brasileira de Agroecologia**, Cruz Alta, v. 2, n. 2, p.428-431, out. 2007.
- CASTRO-GÓMEZ, S. **Michel Foucault y la colonialidad del poder**. Bogotá: Tabula Rasa, 2007.
- CONSELHO REGIONAL DE DESENVOLVIMENTO DO MÉDIO ALTO URUGUAI - CODEMAU. **Municípios do Conselho Regional de Desenvolvimento do Médio Alto Uruguai**. Frederico Westphalen, 2005. Disponível em: <<http://www.codemau.org.br/municipios.php>>. Acesso em: 10 mar. 2016.
- CHARÃO-MARQUES, F. *et al.* As mulheres e as plantas medicinais: reflexões sobre o papel do cuidado e suas implicações. **Retratos de Assentamentos**, Araraquara, v. 18, n. 1, p. 155-181, 2015.

CURIEL, O. La crítica postcolonial desde las prácticas políticas del feminismo antirracista. **Revista Nómadas**, Teorías decoloniales en América Latina, Bogotá, n. 26, p. 92-101, 2007.

DA SILVA, M.L.T. **Agricultura camponesa**. Contribuição à construção dos sistemas camponeses de produção. Palmeira das Missões/RS: Grafimax, 2012. 114 p.

DE CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis: Vozes, 1997. 351 p.

DEPONTI, C.M. Desmistificando a intervenção para o desenvolvimento à luz da perspectiva orientada ao ator. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE SISTEMAS DE PRODUÇÃO, 7., Fortaleza, 2007. **Anais...** Fortaleza: SBSP, 2007. p. 1-11.

DUARTE, M.L.P. **Bruxinhas de Deus**: a serviço da vida. Movimento das Trabalhadoras Rurais. Porto Alegre: Evangraf, 2002.

EMPRESA BRASIL DE COMUNICAÇÃO. **A Voz do Brasil**. Brasília, 20 maio 2015. Programa de rádio. Disponível em: <<http://conteudo.ebcservicos.com.br/programas/a-voz-do-brasil/transcricoes/a-voz-do-brasil-20-05-2015/?searchterm=20%2005%202015>>. Acesso em: 21 maio 2015.

ERICE, A.S. **Espaço de vida, espaço de luta**: um estudo etnográfico da farmacinha comunitária da Solidão em Maquiné, RS. 2015. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Ciências Econômicas, Porto Alegre, 2015.

ESCOBAR, A. **La invención del tercer mundo**. Construcción y deconstrucción del desarrollo. Caracas: Fundación Editorial el perro y la rana, 2007.

FANON, F. **Los condenados de la tierra**. México: Fondo de Cultura Económica, 2001.

FLORIANI, D. *et al.* Para pensar a ‘subjetividade’ no debate do sócio-ambientalismo. In: ENCONTRO NACIONAL DA ANPPAS, 4., Brasília, DF, 2008. **Anais...** Brasília: ANPPAS, 2010. Disponível em: <<http://www.anppas.org.br/encontro4/cd/ARQUIVOS/GT15-968-766-20080518224342.pdf>>. Acesso em: 18 jul. 2014.

GARCIA, T.M.F.B. **Origens e questões da etnografia educacional no Brasil**: Um balanço de teses e dissertações (1981-1998). 2001. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de São Paulo, São Paulo, 2001.

GEERTZ, C. **O saber local**: novos ensaios em antropologia interpretativa. Petrópolis: Vozes, 1997.

GIDDENS, A. **The constitution of society**: an outline of the theory of structuration. Cambridge: Polity Press, 1984.

GIL, A.C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

ROESE, A. *et al.* Diário de campo: construção e utilização em pesquisa científica. **Online Brazilian Journal of Nursing**, Niterói, v. 5, p. 1-3, 2006.

GUIVANT, J. Heterogeneidade de conhecimentos no desenvolvimento rural sustentável. **Cadernos de Ciência & Tecnologia**, Brasília, v.14, n.3, p.411-446, 1997.

HOOKS, B. Mujeres negras. Dar forma a la teoría feminista. In: HOOKS, B. *et al.* **Otras inapropiables**. Madrid: Traficantes de Sueños, 2004. p. 33-50.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo agropecuário 2010**: Agricultura familiar. Primeiros resultados. Rio de Janeiro: IBGE, 2010. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/painel/painel.php?codmun=430607>>. Acesso em: 15 de outubro de 2016.

LASSAK, S. Comunidades de resistência e libertação? A influência da teologia (feminista) da libertação no movimento de mulheres camponesas. **Caminhos**, Goiânia, v. 10, n. 2, p. 90-109, 2012.

LATOUR, B. A ecologia política sem a natureza? Trad. Maria Thereza Sampaio. **Projeto História** – Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História São Paulo, n. 23, nov. 2001. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/viewFile/10667/7928>>. Acesso em: 18 jul. 2014.

LEVI-STRAUSS, C. Introdução à obra de Marcel Mauss. In: MAUSS, M. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: EPU/EDUSP, 1974. p.1-36.

LONG, N. Development studies. In: KUPER, J. (Ed.). **Key topics of study**. London: Routledge, 1987. p. 40-44.

LONG, N. **Development sociology**: actor perspectives. London: Routledge, 2001.

LONG, N. **Sociología del desarrollo**: una perspectiva centrada en el actor. México: Centro de Investigaciones y Estudios Superiores en Antropología Social/ El Colegio de San Luis. 2007.

LONG, N.; PLOEG, J. D. Heterogeneidade, ator e estrutura: para a reconstituição do conceito de estrutura. In: SCHNEIDER, S; GAZOLLA, M. (Org.). **Os atores do desenvolvimento rural**: perspectivas teóricas e práticas sociais. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011. p. 21-48.

MARQUES, F.C. Biodiversidad y Salud: casos de trabajos comunitarios de mujeres agricultoras en la Región Sur de Brasil. In: CONGRESO CIENTÍFICO DE SOCIEDAD ESPAÑOLA DE AGRICULTURA ECOLÓGICA, 8., 2008, Bullas, España. In: **Anais...**, Bullas, España, 2008. Disponível em: <<http://www.agroecologia.net>>. Acesso em: 22 maio 2016.

MARTINS, A. P. **Projeto experimental de grande reportagem**: “Bruxinhas de Deus, mensageiras da luz e da saúde”. Frederico Westphalen: UFSM, 2012. Manuscrito.

MOHANTY, C. T. Bajo los ojos de occidente. Academia feminista y discurso colonial. Tradução: María Vinós. In: SUÁREZ, L.; HERNÁNDEZ, A. **Descolonizando el feminismo**: teorías y prácticas desde los márgenes. Madrid: Cátedra, 2008. p. 112-161.

MORALES, A. L. Intelectual orgánica certificada. In: HOOKS, B. *et al.* **Otras inapropiables**. Madrid: Traficantes de Sueños, 2004. p. 63-70.

NOGUEIRA, S.; PIRES, F. Antropologia pós-Social, perspectivas e dilemas contemporâneos: entrevista com Marcio Goldman. **Campos** – Revista de Antropologia Social, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Paraná, v. 13, n. 1, p. 93-108, 2012. Disponível em: <file:///D:/Users/Ju/Downloads/32768-120415-1-PB%20(1).pdf>. Acesso em: 18 jul. 2014.

ONU MULHERES BRASIL. **Sobre a ONU Mulheres**. Brasília, 2016. Disponível em: <<http://www.onumulheres.org.br/onu-mulheres/sobre-a-onu-mulheres/>>. Acesso em: 05 jul. 2016.

PAULILO, M.I.S. Trabalho familiar: uma categoria esquecida de análise. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 12, n. 1, p. 229-252, 2004.

PELEGRINI, G.; GAZOLLA, M. **A agroindústria familiar no Rio Grande do Sul: limites e potencialidades a sua reprodução social**. Frederico Westphalen: Ed. da URI, 2008.

CRISTAL DO SUL. **Cristal do Sul: No brilho de sua riqueza está o valor de sua gente**. Cristal do Sul: Prefeitura Municipal, 2011.

SADAN, E. **Empowerment and community planning: theory and practice of people-focused social solutions**. Trad. Richard Flantz. Tel Aviv: Hameuchad Publishers, 1997. Disponível em: <<http://www.mpow.org>>. Acesso em: 02 abr. 2016.

SANTOS, T. de J.S. dos. A importância do uso de plantas medicinais e a saúde das mulheres rurais. **Jornal da Rede Feminista de Saúde**, Florianópolis, n.26, p. 25-28, 2004.

SCHATZKI, T. R. Introduction: practice theory. In: SCHATZKI, T. R.; KNORR-CETINA, K.; SAVIGNY, E. **The practice turn in contemporary theory**. London: Routledge, 2001. p. 1-14.

SCHATZKI, T. R. Spaces of practices and of large social phenomena. **Espace Temps**, 24 March, 2015. Disponível em: <<http://www.espacestemp.net/articles/spaces-of-practices-and-of-large-social-phenomena>> Acesso em: 07 abril 2016.

SILIPRANDI, E. **Mulheres e agroecologia: a construção de novos sujeitos políticos na agricultura familiar**. 2009. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Sustentável) – Centro de Desenvolvimento Sustentável, Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2009.

SOUZA, J.M. de. **Percepções ambientais dos citricultores ecológicos do Vale do Caí/RS**. 2009. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural) - Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009. Disponível em: <[http://www6.ufrgs.br/pgdr/dissertacoes\\_teses](http://www6.ufrgs.br/pgdr/dissertacoes_teses)>. Acesso em: 15 set. 2015.

SOUZA, I.M. de A. A noção de ontologia múltipla e suas consequências políticas. **Ilha**, Florianópolis, v. 17, n. 2, p. 49-73, ago./dez. 2015.

SPIVAK, G. C. **Pode o subalterno falar?**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2010.

STENGERS, I. La proposition cosmopolitique. In: LOLIVE, J.; SOUBEYRAN, O. **L'émurgence des cosmopolitiques**. Paris: La Découverte, 2007. p. 45-68.

VIVEIROS DE CASTRO, E. “Transformação” na antropologia, transformação da “antropologia”. **Mana** – Estudos de Antropologia Social, v. 18, n. 1, Rio de Janeiro, abr. 2012. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-93132012000100006&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-93132012000100006&script=sci_arttext)>. Acesso em: 18 jul. 2014.

**APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO****TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO, LIVRE E ESCLARECIDO****Dissertação de Mestrado em Desenvolvimento Rural****INSTITUIÇÃO RESPONSÁVEL – UFRGS****NOME:** \_\_\_\_\_**RG/CPF:** \_\_\_\_\_

Este **Consentimento Informado** explica a Dissertação de Mestrado – “**Experiências autônomas de mulheres rurais com plantas medicinais: as bruxinhas de Cristal do Sul / RS**” para o qual você está sendo convidado (a) a participar. Por favor, leia atentamente o texto abaixo e esclareça todas as suas dúvidas antes de assinar.

Aceito participar da Dissertação de Mestrado “**Experiências autônomas de mulheres rurais com plantas medicinais: as bruxinhas de Cristal do Sul / RS**” – *do Curso de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural – PGDR/UFRGS*, que tem como objetivo “coletar informações que podem contribuir para a elaboração do estudo”. A minha participação consiste na recepção da aluna **Judit Herrera Ortuño** para a realização de entrevista. Fui orientado (a) de que as informações obtidas serão utilizadas no projeto/pesquisa que resultará em uma **Dissertação de Mestrado** escrito pela aluna. Para isso (  ) **AUTORIZO** / (  ) **NÃO AUTORIZO**.

Declaro ter lido as informações acima e estou ciente dos procedimentos para a realização da Dissertação de Mestrado, estando de acordo.

**Assinatura:** \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_ de 2015.